

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Luciana Ferreira

Relações entre mães e filhas em contexto de violência doméstica e o impacto na diferenciação
do *self*: um olhar sob uma perspectiva intergeracional

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Luciana Ferreira

Relações entre mães e filhas em contexto de violência doméstica e o impacto na diferenciação do *self*: um olhar sob uma perspectiva intergeracional

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Ida Kublikowski.

SÃO PAULO

2022

Ficha Catalográfica

Ferreira, Luciana

Relações entre mães e filhas em contexto de violência doméstica
e o impacto na diferenciação do *self*: um olhar sob uma perspectiva
intergeracional

/ Luciana Ferreira – São Paulo: [s.n.] , 2022.

98p. il. ; 21 x 29, 7 cm.

Orientador: Ida Kublikowski. Dissertação (Mestrado em
Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Pós - Graduação em Psicologia: Psicologia Clínica, 2022.

1. Relação conflituosa mãe filha. 2. Diferenciação do *self*.
3. Intergeracionalidade. 4. Violência doméstica. 5. Violência intrafamiliar
I. Kublikowski, Ida. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós - Graduados em Psicologia Clínica. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

*Dedico este trabalho à todas as pessoas que
sofrem ou sofreram violência física e/ou
psicológica dentro de suas famílias de origem
ou nuclear.*

AGRADECIMENTOS

Cheguei, aqui estou e não foi fácil! Não, não foi nada fácil conhecer, lidar e construir conhecimento com pesquisa humana, permeada por violência e maus-tratos, mas cheguei, ou melhor chegamos todos, eu, orientadora e as jovens que nos concederam suas histórias. Quanta confiança, quanta entrega! Sou grata primeiramente à Danielle e Geovana, vocês são protagonistas desta pesquisa e todos os bons frutos que ela trouxe, vocês são responsáveis diretamente por essa colheita, meus mais sinceros sentimentos de respeito às suas histórias e gratidão!

Agradeço a meu marido Felipe Stuff, companheiro, amante, amigo, generoso, carinhoso e presente. Foram tantos finais de semana, tantas tardes, noites e “manhãs do dia seguinte” e você sempre me esperou, me acolheu, me aconchegou em seus braços de amor e compreensão. Sou um ser humano tão melhor com você em minha vida, obrigada meu verdadeiro amor, eu te amo!

Agradeço à minha existência, à minha família que me formou, aos meus pais que me geraram, receberam, criaram, educaram, amaram e me prepararam para essa caminhada de minha vida! Obrigada pai e mãe, por sua parentalidade. Obrigada mãe por sua maternidade, ela me trouxe até aqui, fortaleceu-me e me preparou para este árduo trabalho. Você é uma mãe peculiar!

Obrigada à minha orientadora, Profa. Dra. Ida Kublikowski, você foi presente, atuante, de uma praticidade ímpar, uma grande e respeitável pesquisadora, epistemóloga comprometida com o desenvolvimento da pesquisa e do conhecimento.

Obrigada à Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo, uma pesquisadora do mais alto nível, uma professora-produtora da ciência humana, respeitável e admirável, sou grata por ter me nutrido da sua “seiva intelectual”. A senhora muito me inspira!

Não posso deixar de agradecer pessoas importantes em minha vida, na esfera da amizade: obrigada Dra. Alice Baltar, minha amiga de vida pessoal e de caminhada profissional, você tem uma importância ímpar em minha vida, sempre acreditou em mim como profissional e me deu espaço como amiga. Obrigada minha amiga de alma, de graduação e de estrada da vida, Patrícia Sampaio, quanta compreensão encontro em você e encontrei nesta fase desafiadora. Obrigada meu amigo de jornada profissional, Weudmam Araújo, o quanto você acreditou e acredita em mim, quantos conselhos, quantas risadas, quanta diversão há em nossa amizade. Você, Patrícia e eu, temos almas parecidas, amo vocês! Agradeço também uma nova amizade que está nascendo, uma colega de percurso acadêmico,

Mariana Cacciacarro, que grata surpresa foi nosso encontro e como admiro sua capacidade, competência e inteligência. Foi muito gratificante apresentarmos juntas um seminário, meu muito obrigada pelo acolhimento e conversas (em todas e a qualquer hora do dia e até tarde da noite) na fase final desta empreitada.

Não posso deixar de agradecer, mulheres que foram fundamentais em minha vida nos últimos vinte anos, minhas competentes psicoterapeutas. Lucimila Siviero (querida Mila), há mais de dezoito anos, tivemos nosso encontro e foi você quem colocou em meu coração, a semente que germinou, brotou e floresceu na Psicologia Sistêmica, obrigada. Obrigada Marta Regina Monteiro, você foi um grande suporte em minha chegada e acomodação à cidade de São Paulo. Obrigada Nilce Cecília Catassini, foram alguns anos de profundo mergulho no mar do autoconhecimento, que gerou considerável autodesenvolvimento. Obrigada Eliana Costa, por estar caminhando comigo em uma das fases mais importantes de minha vida, obrigada por me ajudar a colher os frutos que Mila Siviero plantou em tempos remotos, regou e mandou para o mundo. Tem sido incrível nossa caminhada. Penso no encontro EU-TU de Buber, sim fomos um verdadeiro “EU-TU”, AMO todas vocês e sou grata por suas existências e competências.

É isso, finalizo sendo grata por ser quem eu sou, pelas escolhas que fiz, caminhos que trilhei e que me trouxeram até aqui.

“O tempo tenta sequestrar meu sorriso, mas resisto como uma criança com medo da mãe ao ralar o joelho. Engulo o choro, para não doer mais”.

Clarice Lispector

FERREIRA, Luciana. *Relações entre mães e filhas em contexto de violência doméstica e o impacto na diferenciação do self: um olhar sob uma perspectiva intergeracional*. 2022. 98f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

RESUMO

A maternidade surge imersa em imagens idealizadas de amor, perfeição, bondade, dentre outros adjetivos positivos. No entanto, observa-se na prática clínica em certos casos, conflitos nesta relação. A presente pesquisa visou analisar essas relações conflituosas, a partir da perspectiva da filha, com relação ao impacto no processo de diferenciação do self da mesma. Em processo terapêutico, foi possível observar o sofrimento das filhas provenientes de relações problemáticas com suas mães, que despertaram o interesse em compreender este fenômeno. Para tanto, lançamos mão do método qualitativo de pesquisa, delineado por meio de estudo de casos múltiplos e desenvolvido com a utilização de Entrevistas semiestruturadas, Genograma e Linha do tempo. A análise de informações se deu por meio da codificação das informações, e a interpretação por um olhar que relevou a transmissão intergeracional de padrões, pois de uma perspectiva sistêmica se reconhece que comportamentos sintomáticos se constituem por sua participação em padrões circulares, que podem se autoperpetuar. Fomos surpreendidas com a violência doméstica de gênero, além dos conflitos na relação mãe-filha. Os resultados corroboram a literatura e indicam que as relações conflituosas, permeadas pela violência doméstica intrafamiliar, têm impacto no processo de diferenciação das filhas.

Palavras-chave: Relação Conflituosa Mãe Filha. Diferenciação do Self. Intergeracionalidade. Violência Doméstica. Violência Intrafamiliar.

FERREIRA, Luciana. *Relationships between mothers and daughters in the context of domestic violence and the impact on the differentiation of the self: a look from an intergenerational perspective*. 2022. 98s. Dissertation (Master's Degree in Clinical Psychology) – Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2022.

ABSTRACT

Motherhood is immersed in idealized images of love, perfection, goodness, among other positive adjectives. However, we observed in clinical practice in certain cases, conflicts in this relationship. The present research aimed to analyze these conflictual relations, from the daughter's perspective, with regard to the impact on the process of differentiation of the self of the child. In a therapeutic process, it was possible to observe the suffering of daughters from problematic relationships with their mothers, who aroused interest in understanding this phenomenon. To this end, we used the qualitative research method, delineated through the study of multiple cases and developed with the use of semi-structured interviews, genogram and timeline. The analysis of information took place through the codification of information, and the interpretation by a look that relegated the intergenerational transmission of patterns, because from a systemic perspective we recognize that symptomatic behaviors are constituted by their participation in circular patterns, which can self-perpetuate. We were surprised by gender domestic violence, as well as conflicts in the mother-daughter relationship. The results corroborate the literature and indicate that the conflictual relations permeated by intrafamily domestic violence have an impact on the differentiation process of daughters.

Keywords: Conflictual Relationship of Mother Daughter. Differentiation of Self. Intergenerationality. Domestic Violence. Intrafamily violence.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

TEPT - Estresse Pós-Traumático

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

CID - Classificação Internacional de Doenças

DSM - *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EC - Estudo de Caso

OMS - Organização Mundial da Saúde

OPAS - Organização Panamericana de Saúde

VD - Violência Doméstica

VSM - Violência sobre as Mulheres

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cinco fases de análise e suas interações. Fonte: YIN, R. K. Pesquisa qualitativa do início ao fim.....	49
Figura 2 - Genograma de Danielle	52
Figura 3 - Genograma de Geovana.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO DO <i>SELF</i> DE ACORDO COM A TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA DE BOWEN	19
CAPÍTULO 2 – RELAÇÕES MÃES FILHAS E O IMPACTO NA DIFERENCIAÇÃO DO <i>SELF</i>	25
2.1 Histórico da transformação do papel da mulher	25
2.2 A parentalidade e seus desafios para o processo de individuação dos filhos	27
2.3 O apoio materno para emoções dos filhos	31
2.4 A violência doméstica	33
CAPÍTULO 3 - VIOLÊNCIA DOMÉSTICA / INTRAFAMILIAR	35
3.1 A violência familiar sob a ótica do Pensamento Sistêmico	36
3.2 Conceituação de violência inter e intrafamiliar e sua subdivisão	38
3.3 Síndrome de Estocolmo - Da vinculação afetiva à defesa do algoz	41
CAPÍTULO 4 - MÉTODO	45
4.1 Participantes	45
4.2 Instrumentos	46
4.3 Procedimento	47
4.4 Análise dos dados	48
4.5 Considerações Éticas	49
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	85
APENDICE 1 - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADA	92
APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	93
ANEXO 1 - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	95

INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa decorreu de minha prática clínica, na qual venho observando com frequência as dificuldades apresentadas por jovens adultas em seu processo de diferenciação do *self*. Tal questão é apresentada, no âmbito da Terapia Familiar por Bowen (1991), que a conceitua, como o grau de independência e autonomia assumido pelo indivíduo na medida em que vai se diferenciando de sua família de origem. Ele aponta ainda que este processo é lento, complicado e incompleto, além de depender muito de fatores inerentes à mãe e sua capacidade de permitir que o filho vá se afastando dela. Aqui inclui-se também, uma visão intergeracional, que se faz necessária para analisar o nível de diferenciação dos pais em relação à sua família de origem.

Em Bowen (2016) encontra-se a clara explicação indicando que a diferenciação do *self*, ocorre no decorrer de todo o desenvolvimento humano e é um processo evolutivo, caracterizado pela habilidade de adquirir um equilíbrio entre o exercício da vida emocional, intelectual e a vida de intimidade e autonomia. Contudo, essa diferenciação inclina a se constituir de forma mais solidificada na fase adulta, no início da juventude. Esta fase está relacionada no Ciclo de Vida da Família com o momento da separação emocional / física da família de origem. (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Fiorini; Muller e Bolze (2018) evidenciam em uma revisão de artigos empíricos internacionais que a fase de metamorfose no Ciclo Vital da Família, fase essa na qual filhos jovens estão em época de ir para mundo e fazer suas escolhas, permite observar padrões de funcionamento do sistema familiar.

Assim, evidencia-se a importância das ideias legadas por Bowen (1991), especialmente aquelas de transmissão multigeracional de padrões relacionais, e a relevância de trabalhar com as famílias de origem e o conceito de diferenciação entre os membros do sistema familiar, o que permitiria ao indivíduo movimentar-se nas relações, como um si mesmo definido, que não se dilui em uma relação emocional intensa (fusão). Nesse sentido, o conceito de diferenciação proposto por Bowen (1991) implica passado, presente e futuro. No passado, ele está claramente refletido nos pais e na geração anterior, com relação ao presente, está projetado no cônjuge e a respeito do futuro, fica lançado na criação e envolvimento emocional com filhos. Em acordo com Walsh (2016), Bowen desenvolveu uma teoria do sistema emocional da família e um método terapêutico a partir da observação de famílias em um *continuum*, desde as mais prejudicadas até aquelas que funcionavam bem, utilizando

ansiedade e diferenciação como parâmetros, em um modelo que valorizava a mudança, assim como a redução de sintomas, destriangulando conflitos e rompendo círculos viciosos.

Bowen (2016) levou em consideração a volubilidade na forma de funcionar das famílias, como já mencionado aqui, por meio do grau de ansiedade e diferenciação entre os membros do sistema. Ele constatou que quando o nível de ansiedade é baixo, a maior parte dos sistemas de relacionamento, mostra-se adequado ou desprendido de sintomas. Quando o nível de ansiedade é elevado, as tensões nascem e crescem no sistema, impedindo a diferenciação dos membros e ocasionando sintomas. Ele revela ainda que em famílias com a diferenciação do *self* em critérios de moderado a bom, os casais criam a capacidade de desfrutar de uma série destacada de intimidade emocional, sem perder sua autonomia individual. Estes pais ficam livres para impelir seus filhos a vivenciarem a diferenciação do ego da massa familiar. Cada integrante da família tende a assumir responsabilidade por si e por seus atos e não responsabilizam o mundo externo por suas questões individuais. Todos os membros funcionam com tranquilidade, tanto individualmente, como em família e desenvolvem habilidade para lidar com situações estressantes, lançando mão de recursos e mecanismos de enfrentamento, gerando o que hoje classificamos como de resiliência familiar ou individual. (WALSH, 2016).

Bowen (1991) contrastou a disfunção individual e do sistema familiar em diversos processos, entre eles: 1) alta reatividade emocional e baixa diferenciação no sistema emocional da família; 2) triângulos formados quando um par de pessoas (podendo ser os pais), tendem a evitar conflitos e envolvem uma terceira pessoa (podendo ser os filhos); 3) processos de projeção familiar, desdobrando a ansiedade parental em um ou mais filhos; 4) corte emocional de relacionamentos. Com alta ansiedade e fusão no sistema familiar, os processos emocionais carregados de reatividade, comprometem seriamente o funcionamento do grupo familiar e os relacionamentos dentro e fora da família.

Segundo Walsh (2016), o propósito essencial da terapia proposta por Bowen (2016) é a diferenciação do *self* em relação aos outros, para obtenção de relações mais frutíferas e mais profundas, não comprometidas pela reatividade emocional, pela fusão ou pelo corte/distanciamento emocional.

Carter e McGoldrick (1995) expandiram o olhar terapêutico para abordar o impacto de fatores como costumes, hábitos e práticas mais amplos que envolvem questões culturais, como por exemplo gênero, classe, que se fazem presentes no processo de um senso integrado de si, que requer a incorporação de sentimentos de segurança, pertencimento e estabilidade sobre quem somos em relação a nosso contexto social e familiar.

No caso da presente investigação, e em acordo com a experiência clínica, é perceptível, que algumas destas progenitoras, desacreditam da capacidade de suas filhas, uma vez que elas se proponham a seguir passos diferentes daqueles que a família prega, guiados pelas crenças e mitos familiares. Sobre isto, clarifica Krom (2000), que quando se vem ao mundo já se nasce sob uma gama de expectativas, que durante toda nossa vida move o indivíduo rumo ao cumprimento deste legado de intenções. Quando se desvirtua desta cadeia de expectativas, abre-se aí um campo para instauração de conflitos relacionais na família.

Parece concebível entender que estas jovens se veem presas em relações de conflitos com suas progenitoras, conflitos estes que envolvem muitas expectativas, controle, ansiedade, invasão da individualidade e cobranças de diversos gêneros por parte de suas mães para com elas e não se pode deixar de mencionar, nos casos estudados, que todos estes conflitos, são permeados pela presença da violência intrafamiliar, perpetrada pelos pais.

A literatura apoia as ideias aqui defendidas sobre a diferenciação do *self* e seu impacto no desenvolvimento do indivíduo. A revisão realizada permitiu identificar um número reduzido de trabalhos que abordam a questão da relação mãe-filha e o impacto de tal relação no processo de diferenciação do *self* desta filha em contexto de violência doméstica. Entretanto, nestas pesquisas foram identificados alguns trabalhos, como o de Reis e Rabinovich (2006), no qual as autoras mostram que estas jovens anseiam por um caminho diferente do percorrido por suas mães, devido ao medo da repetição da história materna. Dornelas e Garcia (2006) pesquisaram a primordialidade do desenvolvimento da identidade de ambas, nas construções e evolução de suas vidas. Martins; Rabinovich e Silva (2008) trazem a perspectiva da importância do processo de diferenciação de si, dentro das relações familiares e abordam o fusionamento nas relações mães-filhos.

Pellegrini *at al.* (2015) mostram o mal-estar vivenciado pelos pais, na fase de transição dos filhos para vida adulta e abordam o emaranhamento familiar nesta fase. Pesquisas em Portugal, realizadas por Correia e Mota (2016, 2017); Mota e Matos (2013) sublinham como os conflitos parentais podem comprometer o desenvolvimento saudável da individualidade dos filhos, como o contexto familiar abusivo se torna um comprometedor da evolução psicoafetiva dos filhos e afirmam sobre a importância da figura da mãe como impacto nos processos de desenvolvimento e aquisição de autonomia dos jovens.

Ao partir para a coleta de informações, fomos surpreendidas pela realidade, que de forma marcante desnudou, em ambos os casos estudados, à violência física e psicológica que mães e filhas sofreram no contexto familiar por parte de cônjuges e pais, o que exigiu uma ampliação do olhar sobre o tema, expresso em objetivo específico. A violência é um

fenômeno social de complexidade e com características multifatoriais, com impacto nas pessoas, famílias e comunidades. A Organização Mundial da Saúde (OMS) chama a atenção para a violência no Brasil como um problema de saúde pública. (MELO *et al.*, 2020)¹.

Percorrendo a literatura, observa-se que há poucos trabalhos que se debruçam sobre o impacto da violência conjugal sobre os filhos. Medeiros (2010) desenvolveu uma pesquisa visando compreender possíveis repercussões da violência conjugal na vida de mães e filhas/os. Os resultados indicaram que há transmissão intergeracional da violência, assim como a vulnerabilidade feminina a violências físicas, psicológicas, sexuais e patrimoniais, sendo a violência conjugal, fator de risco para mulheres e filhas/os. Para esses últimos, significou risco de isolamento social, falta de cuidadores, separação dos pais, inconstância no relacionamento dos pais. As repercussões apresentadas refletiram-se em alterações do sono, ansiedade, abalos na formação de identidade, comportamento violento, sofrimento psíquico, o que aponta para interação entre saúde mental, gênero e violência.

Lima (2019), em seu trabalho com foco na investigação sobre as consequências psicológicas em filhos de mulheres em contexto de violência, afirma que crianças expostas a violência doméstica podem apresentar sintomas de caráter cognitivo, comportamentais e emocionais, inclusive na vida adulta. As principais consequências são: inabilidade em demonstrar afeto, envolvimento em relacionamentos violentos, habilidades sociais escassas, dificuldade de aprendizado e inferioridade em relação a outros indivíduos.

Em Pinto (2008) verifica-se que o termo violência é vasto e desta forma, é possível percebê-la não somente em atitudes agressivas impactantes e aniquiladoras, bem como, em gestos menores, mas não menos avassaladores, tais como negligência e pequenas brigas em família, que também comprometem a saúde daqueles que são parte, ou mesmo vítimas da violência na família. Há dificuldade em compreender o ser humano racional que age não somente por ímpeto, mas com certo grau de liberdade de escolha. Ainda segundo Pinto (2008), a violência tem impacto tanto na vítima, como no indivíduo que a perpetra. Ela ocorre de forma consciente e inconsciente, podendo ser destinada para fora, ser praticada de forma interpessoal, doméstica ou ocorrer entre pessoas estranhas e desaguar nas mais diversas situações, colocando em risco a condição humana.

¹ Essa cartilha foi elaborada com a participação dos pesquisadores colaboradores de Atenção Psicossocial e Saúde Mental do Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (CEPEDES/Fiocruz), Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli (Claves/Fiocruz) e Programa de Investigação Epidemiológica em Violência Familiar (PIEV-IMS/UERJ). Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41121/2/Sa%20e-Mental-e-Aten%20a%20Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-viol%20ancia-dom%20stica-e-familiar-na-Covid-19.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

Este trabalho assume relevância na área, ao buscar compreender como as relações familiares podem dificultar o processo de individuação de jovens mulheres, em busca de repostas para um problema que se apresentou na prática clínica. Além de trazer luz e a compreensão sobre as relações familiares intergeracionais, em consonância com o pensamento sistêmico, trará também, mais direcionamento na condução dos trabalhos de terapeutas interessados em compreender, atuar e caminhar na construção do processo de individuação de jovens filhas que manifestam esta queixa nos consultórios.

Todo o contexto apresentado até aqui, embasa e reafirma a relevância e intenção desta pesquisa cujo objetivo geral foi investigar, sob a perspectiva do processo de diferenciação do *self*, e a partir do olhar de filhas que referem a relação com suas mães como conflituosa, como as relações entre mães e filhas impactam o processo de desenvolvimento dessas mulheres.

Já como objetivo específico, buscou-se compreender:

1. O papel da relação mãe-filha no processo de diferenciação do *self* das participantes em contexto de violência doméstica.

Para tanto, serão desenvolvidos três capítulos teóricos, sendo um referente a abordagem sistêmica e as relações familiares, o segundo discursiva sobre a relação mães-filhas em contexto que envolve a violência doméstica intrafamiliar, o terceiro versa sobre a violência doméstica intrafamiliar e a possível síndrome de Estocolmo, seguidos do Método, Análise, Discussão de Resultados e Considerações finais.

CAPÍTULO 1 - PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO DO *SELF* DE ACORDO COM A TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA DE BOWEN

Murray Bowen (1993) propôs um princípio teórico de desenvolvimento do ser humano, que abarca para além do contexto familiar intergeracional, social, cultural e histórico, a evolução da espécie humana, sua proposta considera que uma importante parcela do funcionamento humano é regida pelos mesmos fundamentos naturais que comandam outras formas de existência.

Baseado na perspectiva evolutiva das relações familiares e nas pesquisas de campo, Bowen (1991) construiu sua teoria pautada em oito conceitos importantes, são eles: diferenciação do *self*, processo emocional familiar, triangulação, processo de projeção familiar, processo de transmissão multigeracional, corte emocional e posição entre os irmãos, processo emocional da sociedade.

Inicia-se, então, discorrendo sobre o processo de diferenciação do *self*, com importante foco na inter-relação. Ressalta-se aqui, que embora o sistema emocional seja parte da constituição do sujeito, só é justificável compreendê-lo em composição junto às suas relações, sendo estas sua família e demais vinculações de seu contexto. Isto acontece desta forma porque o exercício do sistema emocional é estabelecido pela inter-relação de duas forças essenciais e vitais, a do pertencimento e a da individuação. O pertencimento ocorre quando se mantém contato com seus congêneres; já o processo de individuação, ocorre quando acontece a separação entre as pessoas, delineado pela autonomia. (KERR; BOWEN, 1988).

A força do pertencimento leva os indivíduos a estabelecerem uma direção de ligação emocional e prosseguir levando em alta conta as orientações de outros indivíduos do sistema emocional. Em contrapartida, a força da individuação, destaca-se como a capacidade do indivíduo de atuar de forma independente, baseado em seus princípios, sem ser liderado pelas reivindicações e necessidades do grupo. (KERR; BOWEN, 1988). Em acordo com Bowen (2016), é o equilíbrio entre essas duas forças que regula o comportamento humano.

Diferenciação do *self*, portanto, diz respeito à capacidade de um indivíduo de autorregular suas emoções, o que significa que quanto maior for o grau de diferenciação, menor é o fusionamento de um *self* com outras pessoas de sua relação íntima. (BOWEN, 2016). Um *self* sólido é um *self* mais autônomo, necessita menos energia implicada nas relações e sobra mais energia para investir em suas metas e objetivos individuais, ao passo que um pseudo *self*, ou um *self* não diferenciado, tem seu mundo interior controlado somente pelas emoções, onde os sentimentos e a subjetividade se sobrepõem ao processo racional.

Estes indivíduos não distinguem os sentimentos de sua realidade e embasam suas decisões vitais mais essenciais, no que sentem. (BOWEN, 2016).

Segundo Kerr e Bowen (1988), famílias e demais grupos sociais, impactam a forma como os indivíduos diversificam sua predisposição às ideias e pressões de um grupo. As diferenças entre indivíduos e grupos, representam os níveis de diferenciação de si e dos demais sujeitos do grupo. Quanto menos evoluído o *self* de um indivíduo, mais implicação os demais têm em sua forma de funcionar no mundo e mais este indivíduo tenta controlar ativamente ou passivamente a forma do outro funcionar. As relações familiares de um indivíduo durante sua infância e adolescência, estabelecem como ele desenvolve seu *self*.

Já sujeitos com um *self* adequadamente diferenciado, são capazes de reconhecer sua dependência realista em relação aos outros, porém, se mantêm tranquilos e equilibrados frente a conflitos, críticas e rejeições. Estes indivíduos, são hábeis em discernir os pensamentos enraizados, por meio de uma avaliação cuidadosa de fatos e circunstâncias, quando ofuscados pelas emoções. Eles são mais propensos a se orientar de forma adequada em relação às questões familiares e sociais importantes, sendo menos prisioneiros das emoções e sentimentos momentâneos. Há congruência entre como pensam, sentem e agem e não costumam ceder às pressões das relações sociais.

Quanto mais pujante a interdependência, mais baixa é a capacidade de um grupo de se adequar a eventos estressantes, sem que ocorra uma proeminente condição de ansiedade crônica. O nível de diferenciação do *self* de um indivíduo, está intrinsecamente ligado à sua família de origem, e implicado à relação existente entre os subsistemas filial e parental. Ele depende ainda, do nível de diferenciação atingido pelos pais, que chega estabelecido pelo sistema intergeracional. (KERR; BOWEN, 1991).

A família como um sistema que contém em si, uma unidade emocional, passa por quatro padrões básicos de relacionamentos que regem onde os problemas, de forma geral, se potencializam. Os padrões de relacionamentos são: conflitos conjugais, disfunção em um dos cônjuges, prejuízo de um ou mais filhos, distância emocional. Os problemas clínicos, ou seja, os adoecimentos, sejam físicos ou psíquicos, normalmente se amplificam durante períodos de tensão familiar, aumentada ou duradoura. (KERR, 2003).

O nível de tensão que um sistema familiar vive, decorre do estresse que cada família atravessa, como se adapta dentro da própria família e em relação a suas redes sociais. A tensão expande a atividade de um ou mais, dos quatro padrões básicos de relacionamento dentro do sistema familiar. Quanto maior é a tensão, mais é possível se identificar sintomas

graves e em maior número nos componentes do sistema familiar. (KERR, 2003; WALSH 2016; CARTER; McGOLDRICK, 1995).

De acordo com Bowen (2016) e Kerr (2003), no primeiro padrão básico de relacionamento, denominado conflito conjugal, cada companheiro externaliza à sua forma, sua ansiedade na relação conjugal, de acordo com o aumento da tensão no sistema. Cada um investe energia no que há de errado com o outro, cada um tenta dominar o outro e cada um, resiste aos esforços de controle do outro. No segundo padrão básico, a disfunção de um dos cônjuges, um parceiro tensiona o outro a pensar e agir de uma certa forma, enquanto o outro, cede a esta imposição. Ambos se ajustam de certa forma a este modo de funcionar, mas se a tensão no sistema familiar se amplia, o parceiro que está sob subordinação, terá que se autocontrolar a ponto de aumentar sua ansiedade. O nível de ansiedade pode ser tamanho, que poderá gerar uma disfunção nos níveis psíquicos, físico ou social. Se não se encontrar uma forma de funcionar dentro do sistema, em relação às pressões nos membros do sistema familiar, sem nenhuma saída, podem em casos limiares culminar na psicose. (CARTER; McGOLDRICK, 1995).

No terceiro padrão básico de relacionamento, encontra-se a deficiência de um ou mais filhos, o casal concentra sua energia de ansiedade nos filhos, preocupando-se excessivamente, produzindo assim, uma visão idealizada ou negativa da criança. A concentração na criança é aumentada e dela para com os pais, gerando um filho mais reativo do que os demais irmãos para com as condutas, necessidades e expectativas dos pais. Esta forma familiar de funcionar, reduz a diferenciação do *self* do filho e o torna aberto a internalizar as tensões e ansiedades do sistema familiar, podendo assim, comprometer seu desempenho escolar, suas relações sociais e sua saúde física e psíquica.

O último processo básico é a distância emocional, que consiste no afastamento das relações familiares com objetivo de reduzir a intensidade do relacionamento, com o risco de se tornarem pessoas isoladas.

Os quatro padrões básicos de relacionamento dentro do sistema familiar, resultam em tensões nas relações familiares. Quanto mais ansiedade e desassossego uma pessoa, ou uma relação capta, menos outros membros absorvem, o que resulta em uns funcionam às custas de outros.

Mais um importante e fundamental conceito na teoria de Bowen (2016), é o triângulo, que consiste em um menor sistema de relação estável, porém, um sistema composto de duas pessoas instáveis. Em situação de estresse, uma dupla não tolera o nível de tensão, sendo necessário trazer um terceiro com a função de reduzir este nível de tensão entre a dupla

inicial. Se o estresse for alto o suficiente para um triângulo, se formará então, uma série de triângulos interconectados. Este estado triangular de funcionar, apesar de trazer alívio por distribuir a tensão, compromete os esforços para resolver o conflito principal. O processo triangular carrega em si, mais uma peculiaridade que é o indivíduo excluído, pois sempre há uma aliança entre dois indivíduos nesta tríade. (BOWEN, 2016).

Em conformidade com os estudos de Bowen (2016) e Kerr (2003), em decurso de tranquilidade, duas pessoas se agrupam e ficam íntimas de forma confortável, enquanto o terceiro indivíduo, fica desconfortável na posição externa. Os dois indivíduos aliados, excluem o terceiro, enquanto este tem o desafio de se aproximar novamente de um indivíduo da dupla.

Em um alto nível de tensão, a posição externa do triângulo será a mais cobiçada e em face a um conflito proeminente, um da díade interna opta pela posição externa. Quando a tensão é reduzida, quem está de fora, tenta recuperar a posição interna e assim se segue a complexidade da triangulação nas relações. (KERR, 2003).

Outro conceito fundamental da teoria de Bowen (2016), é o processo de projeção familiar que reproduz a forma substancial como os pais transmitem suas questões emocionais para um filho. Este processo de projeção pode comprometer o funcionamento de uma ou mais crianças e traz possibilidade de adoecimento físico e psíquico. (KERR, 2003). As crianças herdaram muitos dos problemas de seus pais, mas os que mais comprometem suas vidas individualmente, são as comiserações em seus relacionamentos, assim como, altas necessidades de atenção e aprovação, impasses para lidar com expectativas, propensões para se auto culpar e culpar aos outros e por último, sentir-se responsável pela felicidade de outros. Desenvolvem tendência a agir de forma impulsiva para solucionar a ansiedade momentânea, em vez de agir de forma a tolerar as adversidades e se posicionar de forma racional.

Segundo Kerr (2003), o processo de projeção familiar segue três passos, são eles: 1) Os pais colocam sua energia em uma criança, temerosos de que a criança tenha consigo algo errado; 2) Os pais compreendem a forma de ser da criança, como corroborando com seu medo; 3) Os pais tratam a criança como se algo estivesse realmente errado com ela.

Os medos e ideias dos pais a respeito da criança vão moldando quem ela é, a ponto dela introjetar todo este processo ansiogênico da dinâmica parental. Um dos motivos da projeção familiar tornar-se uma profecia autorrealizável, é que os genitores tentam corrigir o problema que eles mesmos detectaram na criança e tentam repetidamente reafirmar a criança. Assim, a autoestima que ela desenvolve torna-se dependente da afirmação parental e de outros. (BOWEN, 2016; KERR, 2003). A mãe é a cuidadora primária e mais inclinada ao

profundo e excessivo envolvimento emocional com uma ou mais crianças. Os irmãos menos envolvidos no processo de projeção familiar, têm uma relação mais madura e embasada na realidade com seu sistema parental, o que culmina em pessoas menos necessitadas de atenção, menos reativa e mais dirigidas a metas e objetivos pessoais. (KERR, 2003).

O pai comumente ocupa a posição externa do triângulo, com exceção de períodos de tensão na relação entre a criança e a mãe. Ambos os genitores não possuem convicção sobre eles mesmos na relação com a criança e em relação a ela, mas usualmente um dos genitores, age com certeza sobre si mesmo e outro age sob sua influência (KEER, 2003).

O processo de transmissão multigeracional é mais um dos primordiais conceitos de Bowen, o que leva sua linha de abordagem a ser reconhecida como a escola transgeracional. (OTTO; RIBEIRO, 2020). Este conceito valida que interações realizadas antes mesmo do nascimento de um indivíduo, influenciam seu desenvolvimento. Há que se ressaltar que uma dinâmica familiar na qual o indivíduo nunca fez parte, deve ser considerada. A transmissão transgeracional aborda a forma pela qual padrões e maneiras de relacionar de membros de um sistema familiar, predizem e ordenam um processo de várias gerações. (OTTO; RIBEIRO, 2020). Em acordo com Carter e McGoldrick (1995), a família abarca o sistema emocional de ao menos quatro gerações, o que as autoras denominam como campo operativo emocional.

Alguns pais, moldam ativamente o amadurecimento de seus filhos. Estes filhos respondem de forma instintiva aos humores, comportamentos e condutas de seus genitores, bem como desenvolvem dependência afetiva. Na sequência, estes filhos convertem-se em indivíduos criando níveis de diferenciação de seus *selves*, semelhante aos níveis de seus genitores.

Entretanto, na pesquisa de Bowen (1991), padrões de relacionamento emocionais de famílias nucleares, na maioria das vezes, derivam ao menos um filho dentre outros irmãos, desenvolvendo um pouco mais de *self* e outro filho ou demais membros, desenvolvendo um pouco menos de *self*, do que seus próprios genitores. (KEER, 2003)

Outro critério dentro do processo de transmissão multigeracional, são os indivíduos que, previsivelmente, selecionam seus companheiros com os mesmos níveis de diferenciação de si mesmo. Dentro do grupo de filhos, o irmão mais diferenciado casa-se com uma mulher mais diferenciada, logo produzirão um filho mais diferenciado, bem como o inverso torna-se verdadeiro, produzindo assim, ao longo de várias gerações, as diferenças entre linhagens familiares, cada vez mais demarcadas em sua história multigeracional. (KEER, 2003).

O nível de diferenciação do *self*, pode impactar a longevidade, a saúde e a tranquilidade conjugal, a reprodução, a saúde física e emocional dos indivíduos, as realizações

educacionais e de carreira. As pessoas com alto nível de diferenciação do *self*, têm famílias nucleares excepcionalmente estáveis e colaboram destacadamente para a sociedade; ao passo que as pessoas com baixo nível de diferenciação do *self*, vivem suas vidas de forma caóticas e dependem dos outros para sustentá-las (BOWEN, 2016; WALSH, 2016; KEER, 2003; CARTER; McGOLDRICK, 1995).

O conceito de corte emocional está relacionado a indivíduos que administram seus conflitos emocionais de forma a se mantarem distantes, ou mesmo, rompendo com seu sistema familiar. As relações podem parecer melhores se os indivíduos romperem com elas, na tentativa de gerenciá-las, mas as questões dolorosas permanecem em estado adormecido e não solucionado (KEER, 2003). Pessoas que rompem com suas famílias, tendem a cobrar suas necessidades em novas relações sociais, bem como no casamento e na família nuclear.

Todas as pessoas têm, de alguma forma, algum nível de apego não resolvido em relação à sua família de origem, entretanto, indivíduos bem diferenciados, geralmente têm suas questões familiares mais resolutas do que os não diferenciados.

Navegando sobre o processo de projeção familiar, Bowen (2016) destaca que a projeção familiar influencia o processo de diferenciação do *self* de cada indivíduo dentro do sistema familiar de tal maneira, que indivíduos na mesma posição fraterna, podem manifestar formas diferentes de funcionar.

O último e não menos importante conceito da escola de Bowen (1991; 2016), é o processo emocional da sociedade, que culmina nas forças emocionais das organizações sociais, em períodos de alta intensidade. Estas forças tendem a reduzir o funcionamento racional e fortalecer o pertencimento em direção a fusão nas relações. Este conceito, mostra como o sistema emocional governa o comportamento no nível social, produzindo períodos progressivos e regressivos na sociedade.

Para que a mudança social aconteça de forma eficaz, os membros componentes de uma sociedade, devem primordialmente assumir um posicionamento de responsabilidade, ampliando sua capacidade de atuar na vida com racionalidade. O indivíduo que busca pela autorregulação, é aquele que atingiu um grau de diferenciação de si, de sua família de origem e das demandas das relações sociais. Este indivíduo é consciente de suas responsabilidades para com os outros e para com o mundo a seu redor.

CAPÍTULO 2 – RELAÇÕES MÃES FILHAS E O IMPACTO NA DIFERENCIAÇÃO DO *SELF*

Neste capítulo abordou-se como a relação mãe-filha transcorre em um contexto de dificuldade na comunicação, gerando conflitos, entre eles as expectativas das mães em relação às suas filhas e a repetição do padrão de funcionamento dentro da família, expresso nessas relações.

De acordo com Borghetti; Lech e Martins (2001), antes de vir ao mundo, um filho já é depositário de uma gama de expectativas, tanto do sistema conjugal, quanto das famílias expandidas de cada membro. Algumas famílias, constroem sua forma de funcionar a partir de fronteiras difusas, que segundo Rodrigues e Kublikowski (2014) incitam nas fronteiras, o emaranhamento familiar, onde as atribuições e papéis de cada um se confundem, o que pode interferir na individualidade de cada membro e comprometer o processo de diferenciação do *self*, principalmente dos filhos. Para se navegar mais além de um olhar focado somente nas relações mães-filhas, considerou-se importante estender o olhar para uma abordagem familiar.

2.1 Histórico da transformação do papel da mulher

Dessa perspectiva, Carter e McGoldrick (1995) apontam que o fluxo de ansiedade em uma família, dá-se de forma vertical e horizontal. Na fluência vertical dentro de um agrupamento familiar, acontecem os padrões de relacionamento e funcionamento que são difundidos de geração em geração, especialmente por meio do sistema de triangulações relacionais. Já no fluxo horizontal, adiciona-se a ansiedade produzida pelas dificuldades na família, conforme esta avança no tempo e precisa lidar com as transições no Ciclo de Vida.

Nos tempos remotos, o papel da mulher se resumia em constituir família por meio do casamento, da procriação, da atuação na prática da maternidade e nos cuidados com o lar. O cuidado com aqueles que adoecem e envelhecem, também era uma atribuição complementada com a responsabilidade pelo papel de intermediação do conflito nas relações familiares. De acordo com Walters *et al.* (1991), no passado esperava-se que as mulheres proporcionassem continuidade e que fossem uma ponte entre as famílias de origem, o que mostra a exigência social nas atribuições referente ao papel da mulher-mãe.

A procriação, o parto, a maternidade, são passagens na vida feminina que representam um elo entre mães e filhas, não somente a maternidade da mãe para com a filha, bem como, a maternidade da própria filha que promove sua mãe para o lugar de avó. Há aqui, uma

linguagem comum, um comportamento advindo da mãe em direção ao desenvolvimento da sucessão de sua filha a um lugar de “mulher” na linhagem da família. Existe poder e vulnerabilidade na relação mãe e filha. Poder, quando se estabelece um papel claro, com as tarefas e expectativas direcionadas e determinadas, e vulnerabilidade quando, apesar deste ser um papel construído com força geracional, pouco se considera as características individuais, os desejos e vontades da mulher, além do tema central que é a família (WALTERS *et al.* 1991).

Ainda segundo Walters *et al.* (1991), o amor materno é visto como uma benção, um sinal de paz que não precisa ser construído ou mesmo merecido. A mãe é nossa origem, seu amor é uma afirmação incondicional da existência e a felicidade de estar vivo, seu papel é o de guardar seus filhos dos perigos psíquicos do mundo externo, afinal, ela aprendeu com sua mãe e com sua avó, que a mulher é a guardiã do bem-estar interno da família. Esta é uma imagem perfeita da mãe, ou, a imagem da mãe perfeita? A imagem santificada da mãe, bem como a demonizada, são lugares insólitos e de pouca sanidade.

De acordo com Walters *at al* (1991) e Colombo (2008), muito amor materno pode levar à simbiose e pouco amor, à privação. Na mitologia social do papel da mãe, percebe-se um ser que vive somente para os demais e que nenhuma mãe pode ou deve renegar um filho.

Encontrou-se em Badinter (2011), um interessante histórico que mostra a luta e a transformação da mulher na década de 1970. Com a possibilidade de controle da reprodução, elas aspiravam pela conquista de seus direitos à liberdade, à igualdade em relação aos homens em várias dimensões da vida e o grande desafio de conciliar esta nova forma de viver com a maternidade. Esta nova experiência da mulher trouxe o aumento de deveres, principalmente em relação à criação dos filhos, o que gerou uma contradição e, ao mesmo tempo, uma clareza da possibilidade e capacidade de realização pessoal.

Nasce também neste histórico período, a problemática do conflito entre os deveres maternos e a realização de anseios pessoais. Nas décadas de 1980 e 1990, a mulher afirmou-se nesta caminhada rumo à busca deste espaço igualitário entre elas e os homens. Emerge aqui, uma crise identitária pois, até então, os papéis eram complementares, o homem na força de trabalho, enquanto a mulher cuidava dos afazeres domésticos e dos filhos. A partir de então, a mulher lançou-se nas mais variadas esferas profissionais, reservando-se o direito de sucesso profissional fora do mundo da família. Surge uma nova identidade da mulher feminina, que tem a possibilidade de negociar, ou até mesmo recusar a prática da maternidade em detrimento dos interesses pessoais. Neste aspecto, Colombo (2008) mostra que o movimento

da mulher para encontrar mais espaço no mercado de trabalho e na sociedade, na caminhada rumo a uma identidade própria, gera um florescimento do nível de inquietude entre gerações.

Nos tempos atuais, depara-se com a diversidade de opiniões e a forte possibilidade de escolhas, com isso, não cabe mais o axioma do instinto materno ou desejo universal no papel da mulher (BADINTER, 1985). No entanto, o que se observa no Brasil contemporâneo é que as mulheres permanecem como as maiores responsáveis pelos cuidados com os filhos e pelas tarefas domésticas. Conforme demonstram Guiginski e Wajnman (2019), a existência de filhos, principalmente em idade pré-escolar, afeta significativamente a colocação da mulher no mercado de trabalho, reduzindo a possibilidade de participação e elevando a possibilidade de trabalho precário, de carga horária parcial e de atuação autônoma. As autoras concluem sobre a necessidade de revisão e redefinição dos papéis de gênero, de modo a organizar os diferentes papéis comuns executados pelas mulheres, para que sejam reduzidas as punições a que estão sujeitas estas mulheres quando procuram agregar trabalho e família.

A partir desse breve panorama sobre as questões de gênero que perpassam a vida feminina, apresentados acima, pôde-se observar a conjuntura em que se construiu o papel da mulher, desde a época na qual assumia alta dedicação à maternidade e à família, até o grande grito de liberdade para optar por sua vida pessoal, carreira e a possibilidade, ou não, da experiência com a maternidade. A partir daqui, foram abordados os diferentes aspectos da parentalidade.

2.2 A parentalidade e seus desafios para o processo de individuação dos filhos

Ortolan *et al.* (2017), em uma análise psicanalítica sobre a relação mãe-filha, evidenciam que tal relação é perpassada pelo conflito de ambivalência e o quanto o efeito psíquico nesta relação pode ser construído de forma catastrófica e devastadora. Ainda navegando pela perspectiva psicanalítica, levou-se em consideração um estudo de caso relatado por Silva; Ribeiro e Bittar (2019), a simbiose na relação mãe-filha. No que tange ao papel da mãe, as autoras fundamentam que uma mãe insatisfeita narcisicamente, pode comprometer o processo de separação de sua filha, de forma que ela assume a menina como uma extensão de si mesma, percebendo-a como uma forma de realização de seus próprios desejos, aliviando assim, suas próprias angústias.

Revisitando as escolas do pensamento sistêmico familiar, as diferenças entre as abordagens psicanalíticas e as aqui propostas foram identificadas. Em consonância com

Kublikowski (2012) conceitos psicanalíticos traduzidos nos termos da terapia familiar foram vistos.

Com foco em uma objetividade madura, semelhante àquela proposta pelas terapias freudianas, Bowen (1993, 1991, 2016) contraria conceitos psicodinâmicos ao aplicar informações do passado para edificar intervenções intergeracionais, assim como deixa como legado, importantes ideias como a propagação de enfermidades emocionais advindas das gerações anteriores, a relevância do trabalho com as famílias de origem e a formulação de diferenciação do *self*.

Macedo (2014) faz uma sustentável compilação sobre a vida e atuação de Bowen (1913-1980) e explana que ele iniciou sua carreira como um rigoroso caçador de conhecimentos, quando ainda atuava como psicoterapeuta e psicanalista. Ele trabalhou na Clínica Menninger em Topeka, a qual tinha visibilidade por sua abordagem psicanalítica radical com relação às doenças psiquiátricas. Em 1954, Bowen inferiu que a Psicanálise, pela ausência de rigor científico em sua linguagem, sustentada por sentimentos subjetivos mais do que pela investigação dos fatos, não estava apta a fornecer a indicação necessária para fundamentar suas ideias, a partir então, ele estabeleceu um crescente interesse pela dinâmica dos sistemas familiares. A nova proposta trazida por Bowen naquela época, foi uma espécie de terapia familiar estudada a partir de um membro da família, com foco na compreensão de suas relações com a sua família de origem. O foco de seus achados, estava em acomodar o crescimento pessoal e as interações entre os membros do sistema familiar como parte de um todo inseparável, nascendo então, uma terapia que abarca tanto o *self* do indivíduo, quanto suas relações familiares, trazendo aos terapeutas um novo caminho para conhecerem a si mesmos.

Além de Bowen, em Nagy e Spark (1994) encontra-se o conceito de lealdades invisíveis, como o livro de créditos e débitos das gerações familiares e seu impacto nos indivíduos e funcionamento das famílias. Os autores ensinam que esta trama pressupõe a existência de expectativas sistematizadas de um grupo, de forma que todos os membros se engendam em um compromisso. Estes vínculos entrelaçados pressupõem expectativas, nos quais todos os membros vão se emaranhando em compromissos emocionais com os demais, o que pode desaguar em conflitos, com a capacidade de gerar dificuldades no processo de diferenciação do indivíduo. Torna-se, então, possível conceituar na base de relações conflituosas entre mães e filhas um processo intergeracional, por meio do qual comportamentos problemáticos se constituem em padrões circulares, mantidos de forma recursiva e que podem se autoperpetuar (KUBLIKOWSKI, 2012).

A literatura apoia as ideias aqui defendidas sobre a diferenciação do *self* e seu impacto no desenvolvimento do indivíduo. De acordo com Fiorini; Müller e Bolze (2018), em um trabalho de revisão de literatura sobre o tema, a transição do *status* de jovem adulto marca uma transformação na dinâmica da família, de forma a conduzir os pais a substituir o controle pelo apoio. Nesta fase da vida, os filhos estão em busca de autonomia e menos hierarquização nas relações. Quando a família apresenta fronteiras relacionais difusas, estas tendem a contribuir para que o filho permaneça numa posição de dependência deste sistema. As autoras apontam a escassez de estudos nacionais sobre a diferenciação do *self*, alegando que há um terreno fértil para pesquisas sobre este tema no Brasil.

Ao retomar a Abordagem Sistêmica em relação ao processo de diferenciação do *self*, algumas pesquisas são encontradas a respeito da relação mães-filhas e o impacto destas relações no desenvolvimento das filhas. Reis e Rabinovich (2006) discutem sobre os conflitos existentes na relação mãe-filhas e a necessidade destas filhas em trilhar um caminho diferente daquele feito pela mãe, devido ao receio de repetição da história materna, considerada por elas, como negativa. As autoras abordam também um dos extremos desta relação que é a mãe dominadora, que emerge neste vínculo com intenção de proteger a filha, porém, avança com ímpeto de se apoderar de seus desejos e pensamentos, com o intento de impor um modelo de funcionamento ao qual estas filhas devem seguir. Como resultado, as autoras ressaltam que o peso da história materna, sublinha de forma definitiva a vida das filhas e gera como resultado situações que podem lhes causar conflitos. Ao final deste estudo, as autoras afirmam o que o vínculo mãe-filha e destas com a família estendida, têm impactos emocionais no processo de diferenciação dessas jovens. Estes vínculos mostram que as forças afetivas são significativas em relação à compreensão da propagação de padrões e crenças dentro do agrupamento familiar, perenizando-se de geração em geração, com influência no processo de escolha individual.

Dornelas e Garcia (2006), em suas pesquisas sobre o relacionamento entre mãe e filha adulta, ressaltam que este relacionamento é essencial para o desenvolvimento da identidade feminina de ambas. Esta identidade interfere e modula esta relação. A filha se inspira na mãe e esta, por sua vez, também pode inclinar-se a projetar na filha seus sentimentos e necessidades de realizações. As autoras consideram em sua pesquisa que, de forma geral, o relacionamento entre mãe e filha é marcado por sua essência dialética, onde há um consecutivo movimento de separação e aproximação, de procura de diferenciação e exploração de similaridades, de encontros e desencontros.

Martins; Rabinovich e Silva (2008), em seus estudos sobre a família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen (1991), afirmam que diferenciar-se diz respeito à confirmação da singularidade, à individuação e ao direito e oportunidade de apresentar suas ideias e convicções, independente dos valores da família de origem. Alegam ainda, que o apego emocional é um dos aspectos cruciais no processo de diferenciação e afirmam que o fusionalismo emocional na relação mãe-filho (a) pode se tornar uma ligação de dependência afetiva, ou uma luta de conflagração. As autoras relatam, que a projeção familiar é distinta de cuidados com os filhos em desenvolvimento, tornando-se uma preocupação excedente, ansiosa e confusa com um ou mais filhos.

Em relação à diferenciação do adulto jovem, Pellegrini *et al.* (2015) apresentam um estudo que mostra a angústia vivida pelos pais quando da transição dos filhos jovens para a vida adulta, por não saberem como lidar com as mudanças nesta fase do ciclo de suas vidas. As autoras apontam que o emaranhamento familiar na adolescência e na adultez jovem, pode manter o indivíduo intensamente envolvido com a família de origem e apartado de seus próprios interesses, desejos e sonhos. As autoras afirmam em seus estudos que é possível perceber que esta fase de transição no ciclo da vida de uma família com fronteiras difusas e emaranhadas, rompe com o equilíbrio do sistema, o que demanda toda uma reorganização desta rede. Percebe-se aqui, o quanto é importante a compreensão de um contexto trazido pela família e uma visão ampla que considere a história desta rede de atuação. Por último, o sujeito deve ter a oportunidade de experienciar relações que contemplem mutualidade e difundam segurança, de forma a manter ambiente propício para o desenvolvimento de sua autonomia, expressão de suas ideias e sentimentos.

Nogueira e Henning-Geronasso (2010) realizaram um estudo com o objetivo de analisar a dependência emocional de mulheres na relação conjugal e a repetição do padrão intergeracional de dependências em suas famílias de origem. As pesquisadoras mostram que as relações primordiais introduzem no indivíduo um modelo padrão de vinculação interacional que será levado para toda sua vida. Estas relações podem ser funcionais ou disfuncionais, promotoras de ansiedade durante as fases do ciclo da vida. No caso das famílias emaranhadas, os filhos têm mais dificuldades em se desligar desta família originária, o que impacta no processo de crescimento e autonomia do indivíduo.

Para Minuchin (1982), é no contexto familiar que as ausências de afeto, apego, segurança, disciplina, processo de aprendizagem e comunicação são instaurados. Com base no estudo já mencionado e realizado por Nogueira e Henning-Geronasso (2010), constatou-se que a dependência emocional feminina, na relação conjugal, pode estar ligada ao padrão de

vinculação que estas mulheres aprenderam e mantiveram com suas famílias estendidas, prejudicando assim, o processo de individuação destas filhas.

Estudos em Portugal mostram que os conflitos parentais, o suporte social e a vinculação, ou não, dos filhos, podem afetar o processo de desenvolvimento de uma individualidade forte, saudável e autônoma. Mota e Matos (2013) afirmam em sua pesquisa, que os conflitos entre os pais, exercem impacto significativo no processo de desenvolvimento dos jovens. O mesmo estudo demonstra também que, quanto mais os pais sentem segurança em sua relação conjugal, parecem sentir menos necessidade de aliança com os filhos. De forma positiva, os conflitos gerados na fronteira de um respeito mútuo, podem contribuir para o desenvolvimento do jovem, no sentido de desenvolver nele a capacidade de reconhecer e lidar com as diferenças, por meio de soluções construtivas, resultando em capacidade de argumentação e negociação. Por último, esta pesquisa apresenta que a maneira como os jovens apreendem o ambiente relacional é fundamental para a elaboração de sua estrutura emocional, trazendo impacto em suas vinculações futuras.

2.3 O apoio materno para emoções dos filhos

Correia e Mota (2016), em seus estudos no centro de Psicologia da Universidade Trás dos Montes e Alto Douro, os quais avaliaram ambiente familiar, qualidade da vinculação amorosa e processo de individuação, apontam que um ambiente familiar traçado por meio de uma realidade abusiva e conflituosa, compromete a evolução psicoafetivo do indivíduo e sua relação de autoconfiança com as figuras parentais.

As autoras afirmam ainda que, a existência de apoio e afetividade no entorno do jovem, assim como, um posicionamento seguro e libertador da parte dos pais, adicionam condições favoráveis para o processo de individuação e autonomia dos jovens. Por último, a referida pesquisa mostra que existe diferença no processo de vinculação amorosa em relação ao pai e a mãe. O estudo sustenta que a procura de apoio, a relação de confiança com a figura materna, parece atribuir um papel importante e mais significativo na qualidade da experiência amorosa em relação ao pai. Os autores também afirmam sobre a importância da figura da mãe e como a presença e vivência diária, impactam nos processos de desenvolvimento de autonomia dos jovens.

Correia e Mota (2017) pesquisaram o papel do ambiente familiar no desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica em 432 jovens adultos em Portugal. Observou-se que a

ausência de relações estáveis, seguras, afetivas e disponíveis, assim como a frequência de conflitos conjugais e familiares, constitui-se em fator de risco para saúde mental, para o bom funcionamento emocional e ajustamento psicológico dos jovens.

Fica evidente o comprometimento na qualidade da comunicação entre mãe-filha quando a relação se constrói de forma conflituosa, desconexa e mesmo patológica. Segundo Watzlawick; Beavin e Jackson, (2007), o fenômeno do desacordo viabiliza um cenário referente para o entendimento das perturbações de comunicação devido a obscuridade entre conteúdo e relação. O desacordo no processo comunicacional pode emergir tanto no nível do conteúdo, quanto no da própria relação e as duas faces são interdependentes.

Ainda segundo Watzlawick; Beavin e Jackson (2007), a comunicação patológica gera círculos viciosos que não podem ser interrompidos até que os comunicantes estejam habilitados a metacomunicar. A metacomunicação é a informação sobre a informação e define a relação entre os comunicantes. Um outro conceito dos autores que explica tanto o conflito na relação mãe-filha, quanto os aspectos emocionais que comprometem a saúde e fluidez desta relação, é a assimetria na comunicação, onde é possível constatar um progressivo sentimento de frustração e desespero em um, ou ambos os comunicantes da relação.

Outro aspecto a ser considerado é exposto por Paccola (1994), esclarecendo que em toda relação familiar existe uma espécie de endividamento emocional recíproco, chamado lealdade. A lealdade, surge em suas diversas formas e estabelece uma força de funcionamento saudável, ou não, que determina as relações intergeracionais. Como conceito de uma trama de lealdade multipessoal, Nagy e Spark (2017) ensinam que esta trama pressupõe a existência de expectativas sistematizadas de um grupo, de forma que todos os membros se engendam em um compromisso. Estes vínculos entrelaçados pressupõem expectativas, às quais todos os membros vão se emaranhando em compromissos emocionais com os demais, o que pode desaguar em conflitos, com a capacidade de gerar dificuldades no processo de diferenciação do indivíduo.

Ainda em consonância com os estudos de Nagy e Spark (2017), isto se torna um paradigma de funcionamento, que gera uma trama de obrigações e deveres mediante uma constante troca de vivências entre o sujeito e seu sistema de relações. A partir deste paradigma de funcionamento, vai se entrelaçando a construção de uma contabilidade que preserva um sistema familiar, por meio de um balanço imaginário.

Nagy e Spark (2017) sublinham que um filho de forma inconscientemente emaranhado com seus pais, pode ser usado para saldar uma contabilidade pré-existente de seus pais para com sua família de origem. Outro apontamento importante dos autores, mostra que em toda

família, é difícil determinar que atitudes manifestas de negação e conflito servem de forma paradoxal, para evitar a individuação prematura de um filho adolescente, o que desaguardaria em uma ameaça para lealdade familiar.

Contudo, a literatura evidencia que quanto mais emaranhamento se encontra no sistema familiar, colocando uma lupa na relação mães filhas, mais impacto encontramos no processo de diferenciação do *self*, não somente da filha, como também da mãe. Vê-se também que o conflito relacional, identificado por meio da comunicação comprometida e imersa em ciclos assimétricos e viciosos, é um mote importante para os autores aqui pesquisados, bem como a identidade construída das filhas tendo suas mães como referência, modula e impacta a relação e diferenciação do *self* destas jovens. Encontra-se ainda na literatura, uma concordância que diz respeito à certificação da singularidade e a oportunidade de expressão de ideais e convicções, mesmo que distantes daquelas propostas pela família, são válidas como um processo de confirmação de si mesmo no mundo.

Outro aspecto identificado nesta pesquisa é a relação triangular existente mediante a violência doméstica, expressa nas entrevistas com estas filhas. Vários autores, dentre eles, Bowen (2016); Carter e McGoldrick (1995); Cervený (2016) posicionam a triangulação como resultante de conflitos relacionais. Bowen (2016) mostra que alguns casais, ao nascer um filho, comprometem a qualidade da vivência conjugal e triangulam com o filho por longo período. Quando o filho entra na juventude/adulthood e sai do centro da família para viver sua vida, os pais não sabem como conduzir sua conjugalidade, necessitando, então, reaprender ou readequar-se nesta nova fase.

2.4 A violência doméstica

No caso da violência doméstica, tema emergente nas entrevistas com as filhas nesta pesquisa, Preto e Moreira (2011) afirmam em seus estudos que, a exposição à violência doméstica contra a mulher, afeta de forma negativa diversos fatores do desenvolvimento saudável dos filhos destas mulheres, incluindo maior risco de dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, com impacto final na vida acadêmica dos filhos.

Martins *at al.* (2007) elucidam na pesquisa com pais e filhos envolvidos em violência doméstica, que este tipo de violência é caracterizado por abuso do poder disciplinador e com características de objetificação na relação. As autoras mostram a fundamental importância da compreensão do ponto de vista dos filhos e não somente dos pais, sobre a violência na relação familiar. Elas finalizam seus estudos, afirmando que a família configura um espaço reprodutor

cotidiano de aplicação da hierarquia e subordinação dominante e este domínio, se dá a partir do adulto sobre os filhos/crianças.

Em Razera *et al.* (2014), vemos que a violência doméstica tem como consequência um impacto significativo na vida de todos os implicados, podendo atingir a carreira profissional, os vínculos familiares e sociais. As autoras concluem em suas pesquisas, que as experiências e modelos adquiridos pelo indivíduo, sejam estes positivos ou negativos, tendem a se repetir em novos relacionamentos. Elas alegam que é na família que fica locado todo sustento emocional que embasa a constituição psíquica do indivíduo.

A violência como processo, funciona de forma que cada membro implicado, contribua de alguma maneira para que esta ocorra e se mantenha. (BAKMAN *et al.*, 2008). Estes autores, chamam a atenção para a inadequação das posições entre os membros da família dentro do contexto familiar. Eles destacam que neste ponto de divergência entre pais e filhos, os filhos podem estar em um posicionamento no qual, os pais os convidem a ficar em lados opostos, como se estivessem em uma batalha, rumo ao alcance da vitória.

Azevedo e Guerra (2000) definem a violência doméstica entre os membros da família como um ato de força e poder aplicados contra os demais frágeis, com destaque para perpetração contra seus filhos, que pode ser psicológica, física e de caráter de negligência, ou violência sexual, que leva ao prejuízo do desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Pinto (2008) explica que a violência doméstica física no processo de educação e disciplina de uma criança por parte de seus pais, consiste na aplicação de força com o intuito de ferir, deixando ou não sinais. São habituais, murros, tapas, agressões com objetos, queimaduras dentre outras diversas formas. Quando a criança é a vítima, além das agressões ativa e física, também são considerados violência os atos de omissão praticados pelos pais ou responsáveis.

Sobre a violência psicológica doméstica, Pinto (2008) mostra que a popularmente chamada de “tortura psicológica” ocorre quando um adulto deprecia uma criança ou adolescente com frequência, desqualificando-o como ser humano e causando-lhe sofrimento psíquico. A violência psicológica ou emocional, é definida por rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas. São as injúrias que não deixam marcas físicas visíveis, mas deixam cicatrizes inextinguíveis para toda a existência.

Outro tipo comum de violência emocional é a que se dá sob composição dos comportamentos irascíveis, cuja finalidade é movimentar emocionalmente o outro para satisfazer a necessidade de atenção, carinho e importância. (PINTO, 2008).

CAPÍTULO 3 - VIOLÊNCIA DOMÉSTICA / INTRAFAMILIAR

A violência doméstica intrafamiliar é um fenômeno com características multifatoriais, que tem crescido de forma proeminente nos últimos anos, em especial atualmente, com o evento da pandemia do COVID-19.

Os estudos realizados pelos Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), divulgados em março de 2021, mostram que no ano de 2019, 30,4% dos assassinatos envolvendo mulheres aconteceram no seio da família (IBGE, 2021, p.11), com a correlação de aproximadamente 11% em relação ao homicídio de homens (11,2%). As mulheres negras e pardas, estão entre os maiores números de vítimas. (CORREIO BRASILIENSE², 2021). Em 2020, tal conjuntura foi ainda maior, devido à situação pandêmica e à necessidade de permanecerem quarentenadas, para evitar o aumento do contágio de COVID-19, vítima e agressor passaram a conviver por mais tempo.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), os casos de feminicídio cresceram 22% no período de quarentena determinado no Brasil. (CORREIO BRASILIENSE, 2021).

De acordo com o Valor Econômico³ (2021), existe um qualificador para os crimes contra mulher, este qualificador é caracterizado pela Lei 13.104, de 2015, como atentado contra vida da mulher, por razões da premissa ser o gênero feminino, caracterizado como violência doméstica ou familiar, menosprezo ou discriminação à condição de ser mulher. Este tipo de crime ocorre com frequência dentro do domicílio e dados do IBGE mostram que em 2019 cai o número de municípios com delegacias. Entre 2014 e 2019, subiu de 23% para 26,3% o percentual de municípios que não tinham delegacias. Esta menor presença se relaciona com a queda na proporção de municípios com unidades de Delegacias de Polícia Civil, que passou de 76,9% para 73,5%, no mesmo período. Sua redução foi mais acentuada nos municípios com até 20.000 habitantes, e que entre as delegacias especializadas, a Delegacia Especializada no Atendimento a Mulheres continuava sendo a mais presente,

² BOSCO, N.; SOUZA, C. Maioria dos feminicídios acontece dentro de casa, aponta IBGE. *Correio Braziliense – Pesquisa*, publicado em 04/03/2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2021/03/4910192-maioria-dos-feminicidios-acontece-dentro-de-casa-aponta-ibge.html>. Acesso em: 21 dez. 2021

³ SARAIVA, A.; CARNEIRO, L. Parcela de homicídios de mulheres dentro de casa é mais que o dobro do que a de homens. *Valor Econômico, Brasil - Ibge*, publicado em 04/03/2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/03/04/ibge-parcela-de-homicidios-de-mulheres-dentro-de-casa-mais-que-o-dobro-do-que-a-de-homens.ghtml>. Acesso em: 21 dez. 2021

porém encontrada em apenas 7,9% dos municípios. (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS⁴, 2020) o que mostra uma falta de atenção, preparo e organização de políticas públicas que abarquem os temas de violência dentro da família, especialmente com foco na mulher

3.1 A violência familiar sob a ótica do Pensamento Sistêmico

Sobre a violência doméstica focada na mulher - violência intra e interfamiliar - o histórico de pesquisas sobre a família, segundo Levy e Macedo (2006) inicia após a década de 1970. Havia neste período, pouco interesse pelos estudos sobre as relações familiares, o foco estava na condição da mulher, nos temas de controle da natalidade, na sexualidade feminina, considerando o modelo “adequado” de família para aquela época. Um olhar mais preocupado e voltado para a mulher e a criança maltratadas dentro do sistema familiar começou somente a partir dos anos de 1960, quando estudiosos europeus e americanos pesquisaram sintomas de crianças que padeciam de violência familiar. (LEVY; MACEDO, 2006).

Ainda na década de 1970, cresce o movimento feminista que trouxe luz ao tema da violência vivida pelas mulheres. Passou-se a olhar para a condição da mulher na sociedade, sendo que na época, a violência familiar era tida como sendo de baixa frequência, considerada anormal e imputada às pessoas diagnosticadas com transtornos psicopatológicos. Nesta época, a mulher era apontada como frágil, o agressor como alguém com pouco controle sobre seus impulsos e ambos considerados como vítima e agressor. Ainda em conformidade com os estudos de Levy e Macedo (2006), nasce neste período interesses, questões, estudos e contribuições da Psicologia Social, da Antropologia e dos Movimentos Feministas, para o surgimento da terapia com foco na família. O mote era que para transformar o sujeito, seria necessária uma transformação no contexto familiar.

A grosso modo, pode-se afirmar que o nascimento e crescimento do Pensamento Sistêmico (em contraposição ao pensamento científico reducionista), na Psicologia vem evoluindo desde a década de 1930, passando pelas décadas seguintes (1940, 1950) com a Cibernética com Wiener (1948), nas décadas de 1950/60 com a contribuição de Bertalanffy (1969) até chegar aos anos 2000 com Vasconcelos (2002), abordando o “Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência” trazendo grande contribuição teórica e prática aos

⁴ AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. Estatísticas Sociais. Munic: em 2019, número de servidores municipais cresce apenas 0,1% frente a 2018. 02/12/2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29564-munic-em-2019-numero-de-servidores-municipais-cresce- apenas-0-1-frente-a-2018> Acesso em: 28 fev. 2022

estudos das relações dentro do sistema familiar e para terapia com foco nos membros da família, enquanto sistema de funcionamento.

A partir desta visão sistêmica para vida e para as relações, foi possível considerar a dualidade entre vítima e perpetrador como um jogo circular onde vítima pode ser agressor e agressor pode ser a vítima numa relação de coconstrução da agressão. (LEVY; MACEDO, 2006).

Vasconcellos (2018), quando aborda os aspectos do raciocínio da circularidade, da retroalimentação dos sistemas, das propriedades do todo e não mais das partes, emergindo desta relação a interação entre elas, ao se observar as partes separadas, estas perdem suas características, pois a natureza do todo é diferente da soma das partes. Cerveny (2011), em sua tese desenvolvida sobre a família como modelo - a desconstrução da patologia -, “reforça que um sistema familiar, pode ser considerado como um agrupamento que funciona como um todo e, que as particularidades de cada participante deste agrupamento, não são suficientes para explicar o comportamento dos demais membros (p.31). Sendo assim, a análise, não poderá ser a soma da análise das partes individuais. São circuitos retroalimentados, visto que o comportamento de cada membro, impacta e é impactado pelo comportamento de cada um.

Atualmente, é sabido que a violência é um fenômeno com diversas facetas, comum e praticado dentro do sistema familiar e fora da família, num sistema mais amplo chamado sociedade. Pode-se observar estes fenômenos de forma visível, por intermédio das mídias sociais, no que se refere tanto à família, quanto à sociedade, representada nesta última, pelas relações de trabalho e nas inter-relações de forma geral. No que tange às relações familiares, muitas vezes a violência é velada, não assumida, devido a fatores tais como medo, vergonha, manutenção do *status* do casamento e da família.

Giddens (2007) discute que a tradição, a família e a democracia passaram por uma transformação em sua forma de ser com a crescente e vigente globalização. O autor aborda a necessidade de uma democracia emocional, pautada na comunicação e respeito, além da clareza sobre responsabilidade e direitos mútuos entre os membros da família. Silva (2009) salienta, que embora às famílias sejam conferidas as responsabilidades essenciais para a formação do sujeito como parte da sociedade, por várias vezes acontecem atentados à integridade física e psíquica aos membros da família que são mantidas em segredo, para preservar seus integrantes do constrangimento e vergonha diante da sociedade.

Ao navegar sobre as definições de família, recosta-se na definição baseada no Pensamento Sistêmico, o qual fundamenta esta pesquisa, e se encontra em Carter e McGoldrick, (1995) uma acepção que utiliza o termo Ciclo de Vida Familiar para definir as

etapas evolutivas pelas quais as famílias e os indivíduos passam, baseando-se no tempo e nas novas condutas necessárias a cada período de desenvolvimento atingido. Já para Minuchin, (1982), a família é vista como um sistema estruturado por um grupo de pessoas que dispõem de trocas afetivas, materiais e de comunhão, que trazem sentido aos membros que dela fazem parte. Trata-se de um sistema aberto, em constante troca com o cenário do qual faz parte, em constante transformação e que se autorrege por meio de regulamentos que levam à aquisição de equilíbrio e estabilidade próprios, ou seja, para a Psicologia a família assume uma importância essencial, à medida que é o primeiro ambiente no qual se constrói a personalidade de cada membro do sistema familiar. A família é considerada o primeiro espaço psicossocial, laboratório das relações que serão estabelecidas na sociedade fora da família. (MACEDO, 1994).

3.2 Conceituação de violência inter e intrafamiliar e sua subdivisão

Para seguir com o entendimento da violência no seio familiar, pesquisou-se sobre as definições de violência, para o qual são encontradas diversas versões, porém, desaguando no mesmo oceano de compreensão.

Em seu manual sobre como compreender e intervir nos casos de violência doméstica, Manita; Ribeiro e Peixoto (2009) começam pela definição de violência propriamente dita como: “qualquer forma de uso intencional da força, coacção ou intimidação contra terceiro ou toda a forma de acção intencional que, de algum modo, lese a integridade, os direitos e necessidades dessa pessoa” (p.10).

Desse escopo, extraem-se os conceitos de:

Violência sobre as Mulheres (VSM), todo o acto de violência que tenha ou possa ter como resultado o dano ou sofrimento (físico, sexual ou psicológico) da mulher, ou a sua morte, incluindo a ameaça de tais actos, a coacção ou a privação de liberdade, realizado na esfera pública ou privada, violência que é exercida sobre a vítima por ser mulher. (MANITA; RIBEIRO e PEIXOTO, 2009, p.10)

Violência Doméstica (VD) é um comportamento violento continuado ou um padrão de controlo coercivo exercido, directa ou indirectamente, sobre qualquer pessoa que habite no mesmo agregado familiar (e.g., cônjuge, companheiro/a, filho/a, pai, mãe, avô, avó), ou que, mesmo não co-habitando, seja companheiro, ex-companheiro ou familiar. Este padrão de comportamento violento continuado resulta, a curto ou médio prazo, em danos físicos, sexuais, emocionais, psicológicos, imposição de isolamento social ou privação económica da vítima, visa dominá-la, fazê-la sentir-se subordinada, incompetente, sem valor ou fazê-la viver num clima de medo permanente. (MANITA; RIBEIRO e PEIXOTO, 2009, p.10)

Em pesquisa conduzida pela Organização Mundial da Saúde⁵ (OMS), as Nações Unidas definem a violência contra as mulheres como:

[...] qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais para as mulheres, inclusive ameaças de tais atos, coação ou privação arbitrária de liberdade, seja em vida pública ou privada. (OMS, 2002).

A Organização Panamericana de Saúde⁶ (OPAS) esclarece que a violência por parte do parceiro: “se refere ao comportamento de um parceiro ou ex-parceiro que causa danos físicos, sexuais ou psicológicos – incluindo agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controle”. (OPAS, 2021).

Safiotti (2002) explica que há uma sobreposição entre as definições sobre violência intrafamiliar e violência doméstica, embora apresentem também distinções entre si. As duas facetas podem acontecer dentro ou fora do domicílio, sendo a violência intrafamiliar representada dentro das relações familiares e a violência doméstica dentro da unidade domiciliar.

Ainda em acordo com estudos com foco no Pensamento Sistêmico, Levy e Macedo (2006) dirigem um olhar para a violência familiar como um padrão de funcionamento dentro do sistema familiar, onde cada membro pode atuar como coautor, de forma que cada um tenha responsabilidades e possibilidades diferentes, tanto na perpetração, como na desconstrução do modelo violento de atuação. Este arquétipo de funcionamento pode ter sua gênese a partir de outras gerações, sendo que os descendentes tendem a dar continuidade.

Sobre o funcionamento advindo de gerações antecessoras, nomeado como padrão de repetição, bem representado por Cervený (2011), em seu capítulo dedicado às repetições familiares, a autora afirma que “toda família repete e há repetições que mantêm a família como um sistema, podendo, inclusive, prover esse sistema de uma identidade específica que o diferencia de outros” (p. 51). Vários estudos em Psicologia Sistêmica Familiar, ressaltam a transmissão intergeracional de padrões familiares. Nos estudos de Macedo (1994), a família é o núcleo onde se aprende a viver, a se correlacionar e onde se aprende a observar o mundo.

⁵ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Estudio multipaís de la OMS sobre salud de la mujer y violencia doméstica contra la mujer: primeros resultados sobre prevalencia, eventos relativos a la salud y respuestas de las mujeres a dicha violencia - resumen del informe*. 2002. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/43390>. Acesso em: 22 dez. 2021.

⁶ ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE (OPAS/OMS). *Violência contra Mulheres*. 2002. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em: 22 dez. 2021.

Para tanto, se o modo apreendido pelos indivíduos foi por meio da agressividade / violência, este padrão tende a se repetir nas gerações subsequentes.

Ainda sob a perspectiva sistêmica, percebe-se o quanto o contexto sociocultural é determinante para esta forma de funcionar em família. Não foi abandonado aqui o olhar para o indivíduo, porém, amplia-se esse olhar para o sistema funcionando como um todo, considerando-o como uma rede de funcionamento que contempla o indivíduo, o casal, os triângulos, a família de origem, a família nuclear e o impacto destas camadas nas inter-relações dentro da família de origem. (BOWEN, 2016; CERVENY, 2016; CARTER e McGOLDRICK, 1995).

Dahlberg e Krug (2006), definem em seus estudos “violência como um problema global sobre saúde pública”, que pode embutir as seguintes variações: a) violência autodirigida que se subdivide em: comportamento suicida e agressão auto infligida; b) violência interpessoal subdividida em violência na família que ocorre usualmente nos lares, e violência na comunidade, que ocorre fora dos lares; e finalmente c) violência coletiva, subdividida em violência social, política e econômica (p.1166). Conforme visto anteriormente, o foco desta pesquisa concentra-se no item b, na violência interpessoal (neste caso física, emocional e psicológica), aplicada às mães e suas filhas e estendidas das mães para com suas próprias filhas, integrantes fundamentais no sistema familiar, sendo que o interesse por respostas que clarificassem um pouco mais esse evento familiar desencadeou a seguinte questão de pesquisa: “Por que as mulheres permanecem no ambiente de agressão?”.

Uma vez conhecidos os diferentes tipos de violências e mais especificamente, os tipos de violência que emergiram nesta pesquisa, inevitavelmente, surgiu o questionamento já exposto acima: Por que estas mães permanecem neste ambiente familiar permeado pela agressão física intrafamiliar, estendidas à suas filhas, e porque ramificam esta agressão para a relação mãe-filha, na forma de agressão psicológica?

Santos e Moré (2011) afirmam em suas pesquisas, que existem muitos fatores pelos quais uma mulher permanece em um ambiente familiar violento. Por vezes, o medo de um ato violento mais grave, culminando na morte, pode ser um desses fatores. Outros aspectos que podem manter a mulher neste ambiente são: a) história familiar, na qual os pais funcionavam na base da agressão, e a mulher-filha sendo também agredida no meio familiar; b) negligência ou abuso sexual enquanto criança ou adolescente; c) o uso do casamento como motivo para sair de casa; d) a crença na mudança de atitude do companheiro; e) responsabilização de fatores externos tais como: filho sem pai, desemprego, uso de drogas; f) alguns atributos apresentados pelo companheiro, tais como: “*Ele é bom pai*”, “*Cumprir com os compromissos*”.

financeiros”, “É trabalhador”. Todos estes fatores são apresentados como forma de amenização das atitudes violentas no seio familiar. Também estão entre estes fatores, o medo da separação, a falta de apoio/rede social e medo de perder a guarda dos filhos (NASCIMENTO, 2019; SANTOS e MORÉ, 2011).

Nascimento (2019) ao descrever e analisar a Lei nº 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha, mostra que com um número cada vez maior de mulheres que formalizam ocorrência policial de agressão, quando da primeira ocorrência de violência do companheiro, ainda é grande o número de vítimas que retornam ao relacionamento com seu algoz. A autora alega que isto acontece porque em vários casos, ao relatar a situação de violência, a mulher não pretende de fato, se afastar do companheiro agressor e sim, que a agressão cesse.

3.3 Síndrome de Estocolmo - Da vinculação afetiva à defesa do algoz

Alguns estudos associam a Síndrome de Estocolmo à violência doméstica. Neste contexto, são escassas as pesquisas que inter-relacionam a conhecida história das vítimas que, paradoxalmente, se ligaram afetivamente a seu sequestrador, em relação às esposas que vivem sob o jugo violento de seus companheiros. Nascimento (2019, p. 26) nomeia esta possibilidade de síndrome como, a “Síndrome de Adaptação Paradoxal à Violência Doméstica”.

Conhecida como o Drama de Norrmalmstorg, este evento aconteceu em uma praça da capital da Suécia em 1973, quando um assaltante, um presidiário e quatro funcionários conviveram por seis dias dentro de um banco, onde os sequestrados desenvolveram uma relação afetiva e de cumplicidade com os sequestradores.

A síndrome de Estocolmo ficou conhecida em todo mundo após este evento ocorrido na capital da Suécia. Jan-Erick “Janne” Olsson adentrou encapuzado, com uma metralhadora e explosivos na filial do Kredtbanken, localizada no centro da capital sueca e lá manteve seus reféns. Esta síndrome foi investigada pelo psiquiatra criminologista Nils Berejot, que contribuiu com a polícia durante o processo de sequestro. Ele alega que esta síndrome se desenvolve com base nas tentativas da vítima de se identificar com seu sequestrador, ou de conseguir a simpatia do algoz. (EXAME⁷, 2013).

⁷ LAMELA, A. Crime que originou "Síndrome de Estocolmo" completa 40 anos. Assalto a banco com reféns na Suécia que deu origem à famosa "síndrome de Estocolmo" completa nesta sexta-feira 40 anos. *Exame*, publicado em 23/08/2013. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/crime-que-originou-sindrome-de-estocolmo-completa-40-anos/> 23/08/2013. Acesso em: 10 jan. 2022.

Rizo-Martinez (2018) afirma em um estudo de revisão sistemática de literatura internacional, que a síndrome de Estocolmo é um fenômeno psicológico paradoxal, no qual se desenvolve uma forma de vinculação afetiva entre reféns e captores. Os aspectos e características de desenvolvimento desta síndrome, vêm sendo debatidos e questionados, carecendo de mais estudos e ferramentas que a comprovem e a esclareçam. (RIZO-MARTINEZ; DUENAZ-MORENO; SANTOYO-TELLEZ, 2020; RIZO-MARTINEZ, 2018).

Rizo-Martinez; Duenaz-Moreno; Santoyo-Tellez (2020), em suas pesquisas com dois grupos com características diferentes de mulheres vítimas de violência doméstica, encontraram alguns aspectos em comum neste tipo de violência com a possível síndrome de Estocolmo, porém, os resultados não são significativos a ponto de considerar equivalência sólida da síndrome com a violência doméstica. Outros pesquisadores consideram a Síndrome de Estocolmo como um retorno universal das vítimas para com seus algozes e a partir disto, alguns comportamentos paradoxos, também têm sido observados em alguns mamíferos além do ser humano. (CANTOR; PRICE, 2007).

No decorrer da pesquisa sobre a síndrome de Estocolmo, não foi encontrada a classificação dessa síndrome nos manuais mais utilizados como referência para síndromes, patologias e transtornos como o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) e Classificação Internacional de Doenças CID-11), assim como afirmam Nascimento (2019) e Rizo-Martines (2019) em seus estudos.

Contudo, há correlações entre a Síndrome de Estocolmo relacionada a abusos e transtorno de estresse pós-traumáticos, mas sem grandes sustentações. (RIZO-MARTINEZ; DUENAZ-MORENO; SANTOYO-TELLEZ, 2020; RIZO-MARTINEZ, 2018), o que motivou, num contexto de investigação, a lançar um olhar para o ciclo da violência doméstica, além da possibilidade de relação entre esta síndrome e a violência doméstica intrafamiliar.

Fez-se necessário compreender que a violência doméstica ocorre em forma de ciclo e caminha para o estabelecimento de um tipo de vínculo peculiar entre a agredida e o agressor. Em princípio, estabelece-se um processo de confiança, onde a mulher percebe aspectos positivos em seu companheiro, e projeta nele perspectivas de um relacionamento em longo prazo. O primeiro ato de violência, rompe a relação de confiança, comprometendo uma relação que era satisfatória e as mulheres chegam a se questionar se há algo de errado com elas. (MORAIS; RODRIGUES, 2016).

Em 25 de março de 2008, o site Migalhas especializado em assuntos jurídicos, publicou uma matéria, revelando com clareza que, a violência inicial desorienta a vítima que desenvolve tendência a apresentar ansiedade e depressão, podendo culpar-se, isolar-se

atingindo um processo de resistência passiva e passa a se adaptar com a situação de violência, incorporando o modelo de funcionamento de seu agressor. (BARROSO FILHO, 2008).

De acordo com o Instituto Maria da Penha⁸ (s/d), apesar da violência doméstica ter várias faces e especificidades, a psicóloga norte-americana Lenore Walker identificou que as agressões cometidas em um contexto conjugal ocorrem dentro de um ciclo que é constantemente repetido. O ciclo da violência possui três fases que se mantêm de forma recursiva, são elas: 1) nesta primeira fase, chamada de fase de aumento da tensão, o agressor apresenta-se irritado por coisas ínfimas, chegando a ter acessos de raiva. Ele humilha, imprime ameaças e destrói objetos da vítima. Em geral, a agredida tende a negar, esconder os fatos e justificar as atitudes do agressor; 2) a fase dois é nomeada como, “ato de violência” e está relacionada a explosão do agressor que chega à consumação do ato violento. Aqui o sentimento da vítima é de paralisia e impossibilidade de reação, com somatização conferida em fadiga, ansiedade, insônia, perda de peso, bem como sentimentos de ódio, confusão, pena de si própria e vergonha. Nesta fase, a vítima pode tomar decisões de buscar ajuda, separar-se, denunciar o agressor, ou até mesmo chegar ao suicídio. É possível um afastamento do agressor; 3) Na terceira e última fase, encontramos o arrependimento e comportamento carinhoso do agressor, também denominada como “lua de mel”. Aqui, o agressor se torna afável em busca da reconciliação. Neste período, a mulher se sente confusa e renuncia a seus direitos com a expectativa de que o companheiro mude. Instala-se uma etapa de calma, onde a mulher se sente feliz pelas “mudanças” no comportamento do seu parceiro e se recorda dos bons momentos já vividos juntos. Pelo remorso do parceiro agressor, a vítima se sente responsável por ele e se instaura uma relação de retroalimentação e dependência entre vítima e agressor. De repente a tensão volta e o retorno à primeira fase se estabelece como um ciclo repetido.

É necessário que aconteça a quebra deste ciclo para que a vítima se reconheça como alguém com possibilidades e alternativas. Pôde-se perceber que na maioria dos estudos sobre a relação entre a Síndrome de Estocolmo e a violência doméstica, existe uma possível experiência prévia na família de origem da vítima em relação à agressão (RIZO-MARTINEZ; DUENAZ-MORENO; SANTOYO-TELLEZ, 2020; NASCIMENTO, 2019; RIZO-MARTINEZ, 2018; SANTOS e MORÉ, 2011) o que corrobora os estudos de repetição de

⁸Instituto Maria da Penha *O Ciclo da Violência (s/d)*. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html> Acesso em: 14 jan. 2021.

padrão, em acordo com Cervený (2011), dentro da história intergeracional da mulher agredida.

Segundo o sociólogo Bourdieu, (2010), aquele que comete a violência simbólica e aquele que a experimenta, não necessariamente têm consciência do que estão sofrendo ou desempenhando. Santos e Moré (2011) entendem que para avaliar a mulher em contexto de violência, há que se considerar um processo de funcionamento interacional em forma de trama relacional, na qual todas as partes estão implicadas e se inter-relacionam recursivamente, gerando atitudes de violência, interdependência e submissão. Os autores mostram também que crianças e adolescentes que vivem a violência intrafamiliar, podem assim como a mulher-mãe, sofrer sequelas físicas e psíquicas, similares à da própria vítima de agressão (quando não são também agredidas), que podem culminar em ansiedade, insônia, dores de cabeça, úlceras, sentimento de culpa, depressão, bem como, desaguar em dificuldades no processo de desenvolvimento infantil, tais como problemas na fala, dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, assim como comprometimento da concentração, conforme já apontado aqui neste estudo, pela visão de vários autores. (SANTOS; MORÉ, 2011).

Ao pensar sobre transmissão geracional, expressão e conceito apresentados por Carter e McGoldrick (1995), observa-se que consideram os aspectos intergeracionais como elementos importantes a serem reputados ao se tentar compreender o desenvolvimento familiar, olhando de uma geração a outra. Vê-se desta forma, como a violência praticada contra a mulher-mãe, dentro da família, pode repercutir em tal impacto nas crianças, adolescentes e jovens adultos, gerando o que Santos e Moré (2011) identificam como transgeracionalidade da violência. Esta constatação fortalece o presente estudo em relação aos conflitos na relação mães-filhas, bem como, nos sofrimentos por parte destas filhas.

CAPÍTULO 4 - MÉTODO

A partir da epistemologia do Pensamento Sistêmico, essa pesquisa foi delineada como qualitativa, buscando compreender os significados que as participantes atribuem às suas relações familiares, com foco na diferenciação do *self* dessas mesmas jovens (DENZIN; LINCOLN, 2006). Yin (2016) aponta que, “a pesquisa qualitativa envolve primeiramente estudar o significado das vidas das pessoas nas condições em que realmente vivem” (p.28).

Para atingir os objetivos propostos, essa pesquisa foi desenvolvida utilizando-se de um “Estudo de Casos Múltiplos”, que na visão de Yin (2014) oferece resultados mais robustos, com utilização de entrevistas semiestruturadas, genogramas e linha do tempo. Os casos foram construídos para responder a questionamentos que se impunham à pesquisadora e, em acordo com a classificação de Stake (2006), trata-se de estudos de caso instrumentais, quando o caso é examinado, visando a abordar determinado aspecto, ou um refinamento da teoria.

Sobre Estudo de Caso (EC), Kublikowski (2018) considera-o como uma estratégia que permite ao investigador uma reflexão sobre suas concepções e motivações no caminho da construção de pesquisas em Psicologia Clínica, sobre os fundamentos que embasam seu percurso metodológico. Como lembra D’Allonnes (2004), seu foco incide sobre material provindo de inúmeras fontes, apresentado e analisado com vistas a compreender a lógica de uma história de vida singular, que se organiza em situações complexas e necessita de leitura em diversos níveis. Assim, quanto mais os objetivos propostos envolverem a explicação de alguma circunstância presente, bem como exigirem descrição em profundidade, visando a compreender fenômenos complexos, sobre os quais o pesquisador tenha pouco ou nenhum controle, mais indicada é a realização de EC em suas diferentes modalidades (YIN, 2014).

Conceitua-se Estudo de Caso como:

[...] uma abordagem qualitativa na qual o investigador explora um sistema delimitado contemporâneo na vida real (um caso) ou múltiplos sistemas delimitados (casos) ao longo do tempo, por meio de uma coleta de dados detalhada em profundidade, envolvendo múltiplas **fontes de informação** (p. ex., observações, entrevistas, material audiovisual e documentos e relatórios) e relata uma **descrição do caso e temas do caso**. (CRESWELL, 2014, p.86, grifo do autor).

4.1 Participantes

As entrevistas foram realizadas com duas mulheres, sendo uma delas, em idade considerada pelo Estatuto da Juventude (2013), como jovem adulta, 28 anos (ROSSI, 2017) e a segunda, na idade adulta, com 38 anos.

As duas participantes, são fisioterapeutas que, em contatos com a autora, anteriores à realização da pesquisa, lhe deram a conhecer suas dificuldades com suas famílias de origem.

O principal critério de inclusão foi: terem referido conflitos familiares na relação com suas mães. Nesse sentido, a escolha das participantes foi realizada de forma intencional, uma das características básicas da amostragem em pesquisa qualitativa. Também foram critérios: idade dentro dos critérios que definem a vida adulta; não estarem em processo de atendimento psicoterápico (com a pesquisadora), o que poderia interferir não só na pesquisa, como no processo psicoterapêutico. Os critérios de exclusão relacionaram-se à impossibilidade de caracterizar a relação conflituosa visada.

A primeira participante, Geovana (nome fictício), 28 anos, solteira, natural de Buenos Aires, Argentina, sem filhos, reside com sua mãe e padrasto, em Jandira, interior de São Paulo. Possui formação de nível superior em Fisioterapia, trabalha em uma clínica de ortopedia particular e atende pacientes ortopédicos em domicílio. Possui renda de aproximadamente cinco salários-mínimos, fazendo parte das camadas médias populacionais urbanas.

A segunda participante é Danielle (nome fictício), 38 anos, solteira, natural de Poços de Caldas, Minas Gerais, possui um filho de 9 anos. Tem formação em Fisioterapia, com pós-graduação. Reside com seus pais e seu filho na mesma casa na cidade de São Paulo. Tem 3 irmãos de 33, 30 e 28 anos por parte de mãe (que já saíram da casa de seus pais). Atua como fisioterapeuta autônoma e como culinária. Tem uma renda de aproximadamente de cinco salários-mínimos, também faz parte das camadas médias populacionais urbanas.

4.2 Instrumentos

Como a pesquisa foi delineada como um Estudo de Casos Múltiplos, desenvolvidos por meio de entrevistas semiestruturadas, genogramas e linhas do tempo.

As entrevistas semiestruturadas são vistas por Kvale e Brinkmann (2009), como um empreendimento intersubjetivo de duas pessoas falando sobre temas de interesse comum, que buscam obter descrições do mundo vivido do entrevistado, centradas no fenômeno em pauta. Trata-se de uma conversação não diretiva, cujo foco em temas específicos não significa o uso de questões padronizadas, mas se baseia em um roteiro de temas previamente elaborado (Apêndice 1).

De acordo com Fraser e Gondim (2004), a entrevista de pesquisa é uma técnica de apreensão e assimilação da vivência pessoal dos indivíduos, sobre as situações e

acontecimentos no mundo. A intersubjetividade criada na relação entre entrevistador e entrevistado, é fundamental para o acesso aos significados atribuídos aos eventos.

O Genograma é um instrumento prático e gráfico, aplicado para mapear, compreender e desvelar a dinâmica multigeracional familiar dentro do processo terapêutico. Pode ser considerado também como fonte avaliadora da efetividade do trabalho clínico em psicoterapia. Esta ferramenta pode ser usada de forma polivalente no processo diagnóstico e de intervenção dentro da prática clínica, assim como, na pesquisa qualitativa, abrangendo estudos de casos e análises do processo tanto individual, quanto no processo terapêutico familiar. (CERVENY, 2014).

Segundo Carter e McGoldrick (1995), o ciclo de vida da família, é um fenômeno complexo, ele é espiral na história de evolução da família, de acordo com o avanço no tempo, desde o nascimento até o fim da vida. O Genograma permite então trazer este esquema histórico, de forma relacional, para a elucidar a complexidade de atuação das famílias e sua força nas gerações seguintes.

A Linha do Tempo Familiar (LTF), tem o objetivo de organizar os acontecimentos ao longo do transcurso da vida familiar. De acordo com Manfredini e Cerveny (2019), a estruturação dos acontecimentos em linha representativa de tempo, mostra que há uma grandeza na cronologia e identificação por parte da família em relação aos momentos mais estressantes e dos acontecimentos significativos.

4.3 Procedimento

Diante do conflito familiar e sofrimento aparente referido pelas participantes, em acordo com os critérios de inclusão, foi perguntado a elas, se gostariam de participar de uma pesquisa sobre as relações familiares (com foco na relação mães-filhas) e seu impacto na vida adulta e as duas aceitaram contribuir com a pesquisa, dispondo-se a serem entrevistadas.

Foi realizado um encontro com cada participante, com duração de aproximadamente três horas. Iniciou-se com a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e na sequência, a transcrição da entrevista semiestruturada.

Os encontros aconteceram de forma presencial, respeitando as medidas de segurança e higiene, solicitadas pelo Ministério da Saúde, devido à época de pandemia mundial.

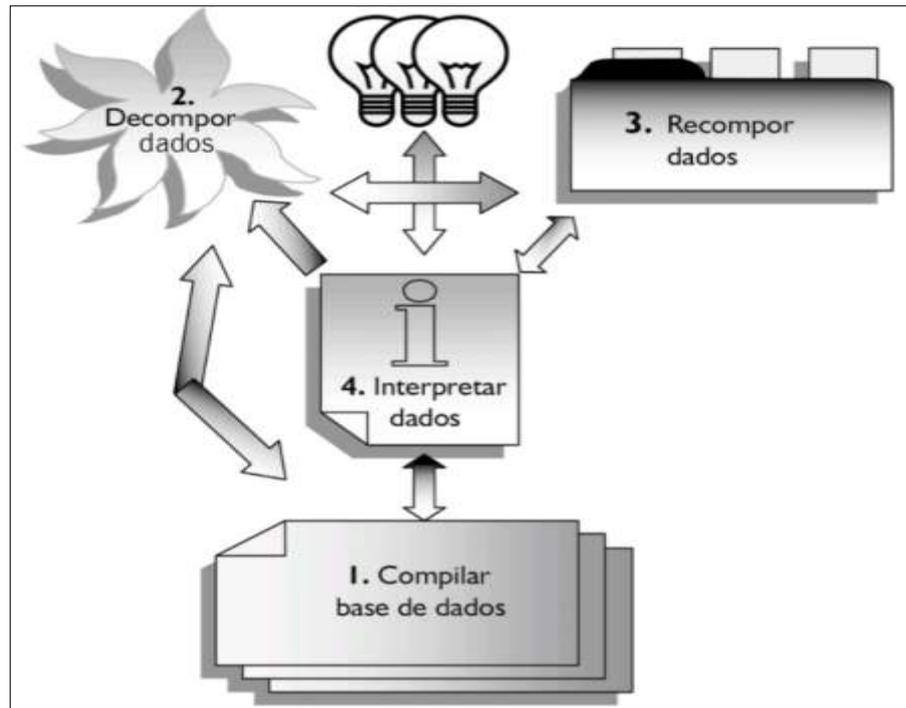
4.4 Análise dos dados

Da ótica de Stake (2006), analisar um caso envolve conferir significância às impressões iniciais, assim como ao relato último, o que pode ser feito de duas maneiras, por codificação e por meio de interpretação direta, sendo que o pesquisador individual deverá buscar a melhor maneira de análise para ele. A derradeira história a ser contada, é a história peculiar do caso que nasce, revestida pela ótica do investigador, que explica temas e faz alusão a outras histórias.

Optou-se, na presente pesquisa, pela codificação das informações coletadas, o que, em acordo com Kublikowski (2018) envolve uma transmutação dos dados na medida em que os elementos informativos são condensados, agrupados em busca de padrões que permitam construir categorias. Os resultados expressam-se em significados e permitem entender os dados em um movimento que começa no descritivo e atinge o plano compreensivo, tal como parte do concreto para o abstrato, rumo a obtenção de uma maior integração entre os diferentes agrupamentos de dados.

Esse processo foi aqui desenvolvido em cinco fases, conforme indicado por Yin (2016): (1) compilar, (2) decompor, (3) recompor, (4) interpretar e (5) concluir, (Figura1): 1) Compilar os dados, consiste em colocar as informações em alguma ordem que ajude a ter uma visão clara sobre os dados levantados, nasce aqui, uma base de dados. 2) Decompor, significa esmiuçar os dados em fragmentos menores. Os dados podem ser codificados, separados e divididos para uma análise apurada destes. Esta fase é dinâmica e pode ser bidirecional conforme mostra a Figura 1. 3) Recompor, denomina-se pela fase em que é possível trabalhar rearranjos e recombinações das informações de forma gráfica, listada e/ou tabuladas. 4) Interpretar, utiliza-se o material decomposto para construir uma nova narrativa em direção à uma parte analítica fundamental dos dados. 5) Concluir, exige extração e conclusão de todos os dados expostos e analisados.

Figura 1 - Cinco fases de análise e suas interações.



Fonte: YIN, R. K. Pesquisa qualitativa do início ao fim. Porto Alegre: Penso Editora, 2016. p.159.

4.5 Considerações Éticas

Em acordo com a Resolução 466/2012, complementada pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, o sigilo em torno da identidade das participantes ficou garantido, assim como a garantia da pesquisadora de prestar assistência em caso de serem observados desconfortos.

Ao constatar a necessidade de assistência, ambas as participantes foram encaminhadas pela pesquisadora para processo psicoterapêutico com profissionais que atuam respaldadas pela Psicologia Sistêmica Familiar.

Esta pesquisa apresenta baixo risco e pode gerar benefícios às participantes pela reflexão gerada em torno do tema, assim como seus resultados poderão beneficiar a população que vivencia as dificuldades mencionadas. Antes do início dos procedimentos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice II) foi lido juntamente com as participantes, eventuais dúvidas sanadas e a investigação se iniciou com a concordância de ambas. As entrevistas foram gravadas em áudio com conhecimento das participantes para posterior transcrição, com vistas a uma análise de dados fidedigna. A presente pesquisa foi aprovada

pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, sob o protocolo/parecer 4.981.336, datado de dezesseis de setembro de 2021.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Ao analisar e discutir os resultados da pesquisa, retoma-se aqui seu objetivo inicial, que foi o de averiguar a partir do olhar para o processo de diferenciação do *self* e sob a perspectiva de filhas, a relação com suas mães tida como conflituosa, assim como se essas relações impactam o processo de desenvolvimento destas jovens mulheres, ampliados por um contexto de violência doméstica que emergiu a partir das entrevistas.

Na fase de análise de dados, ao aplicar o proposto por Yin (2016), na prática da decomposição dos dados, foram identificadas 11 (onze) categorias para análise e discussão, provenientes tanto dos genogramas das duas filhas, quando das linhas do tempo e das entrevistas. Já na etapa de compilação, análise e recomposição destes dados, foram interpretadas as informações, construindo compreensão e atribuindo significância aos dados e seus resultados. (KUBLIKOWSKI, 2018; STAKE, 2006).

Antes, porém, de adentrar na Análise de dados e Discussão de Resultados propriamente ditos, julgou-se recomendável inserir os instrumentos de pesquisa. O Genograma por ser um recurso visual, certamente, auxiliará na compreensão dos dados e reflexões expostos a seguir, e a Linha do Tempo, na lógica da sequência dos fatos, permitindo uma rápida revisitação às memórias importantes e eventos marcantes ao longo do tempo na vida das participantes.

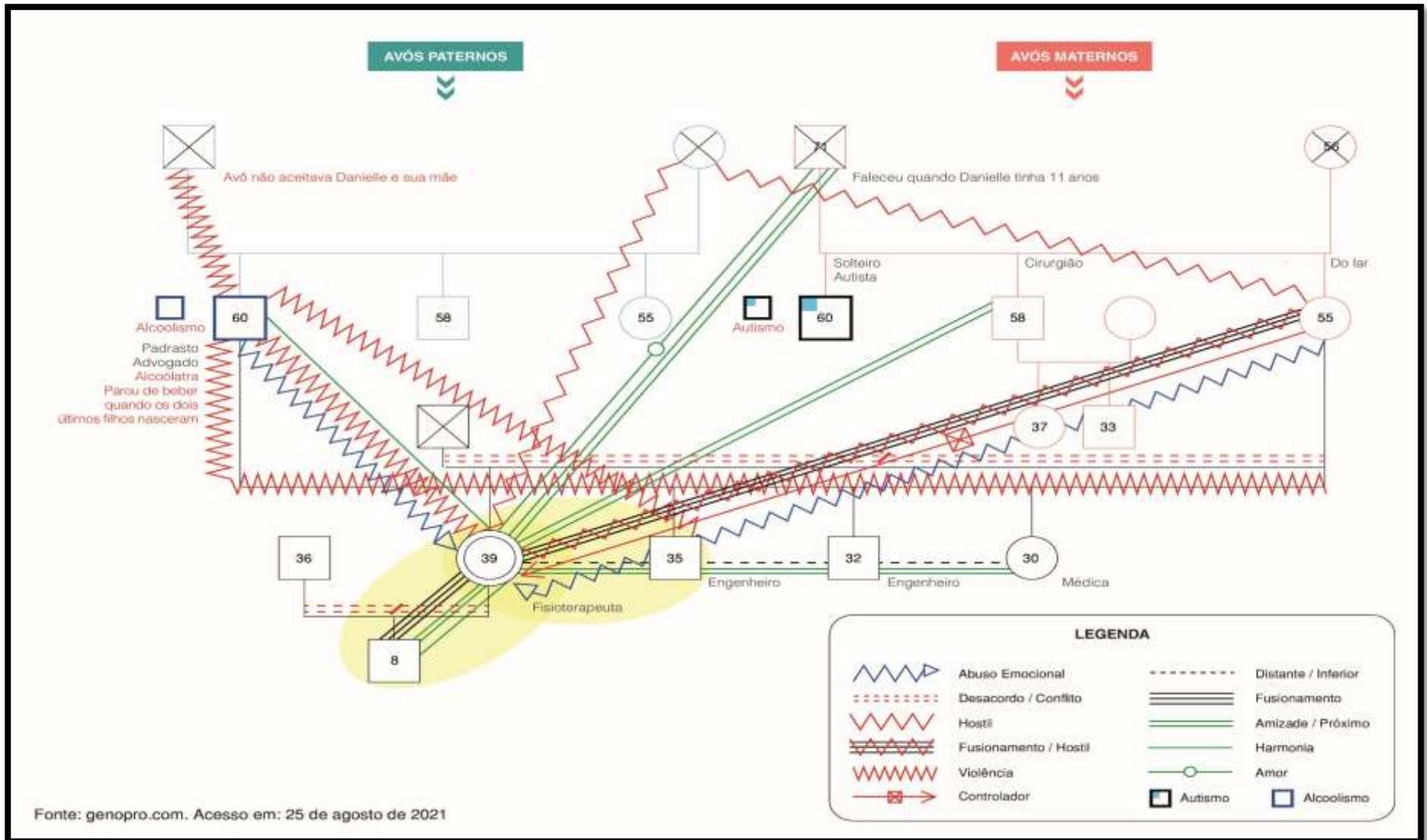


Figura 2 - Genograma de Danielle

LINHA DO TEMPO DE DANIELLE

Idade: 39 anos

Idade	Acontecimento
Primeira infância	<ul style="list-style-type: none"> Poucas recordações de sua primeira infância
4	<ul style="list-style-type: none"> Viagem com a mãe – levou bronca Avô era como pai Mãe se casou com padrasto e com ela teve mais 3 filhos
4 – 5	<ul style="list-style-type: none"> Irmão nasceu, já ajudava a mãe com a casa e irmão Sairam de MG para SP, para morar com avós paterno – padrasto. Avó uma mulher muito ruim Não podiam sentar-se à mesa Comiam o que sobrava Daniela e mãe eram mal tratadas, por que era filha bastarda
7-8	<ul style="list-style-type: none"> Nasce segundo irmão Brincadeiras com irmãos Mãe não tem tempo para Danielle Aos 8 já cozinhava para família Padrasto agressivo, batia na mãe e nos filhos, saia muito e bebia
9	<ul style="list-style-type: none"> Nasce terceiro irmão Exigida, cobrada e responsável pelos irmãos e primos Mudança de casa Começou a dar problemas na escola, notas baixas e matar aulas Tia (meia irmã do pai), olhava Danielle e os irmãos para mãe trabalhar. Judiava, trancava-os no quarto, no calor, com fome e com sede. Mãe pega a tia-babá, com cara na cama e as crianças trancadas no quarto Tia roubou jóias e foi embora Mãe parou de trabalhar (culpa os filhos)
11	<ul style="list-style-type: none"> Começou a fumar Avó descobre o cigarro Mamas grandes, soutien 56
12	<ul style="list-style-type: none"> Foi para escola Adventista – pai contra – mãe conseguiu bolsa Novos amigos na nova escola Professores ajudaram no processo escolar, adaptação e autoestima Professor de matemática celebrou a nota 5 Escola ajudou, pais não tinham tempo para Daniela Continuava sendo exigida em casa por boas notas Escola e amigos com papel importante na vida Pais proibitivos Namorados na escola Não podia sair de casa, ver amigos Começou a mentir – ia para o shopping e cinema com amigos, escondida Pai descobre mentiras e dá uma surra de cinto, mãe não defende
13	<ul style="list-style-type: none"> Pai bateu na mãe, Danielle para defendê-la, quebrou uma garrafa na cabeça dele Jogou cinzeiro na cabeça do pai para defender a mãe Amiga importante acompanhou as agressões. (amiga até os dias atuais)
14 – 15	<ul style="list-style-type: none"> Agressão do pai continuava Pedia para mãe se separar Festas de aniversários e natais eram bons Sextas feiras dia de lanches e coisas gostosas Dificuldades financeiras

	<ul style="list-style-type: none"> • Natais ganhavam o que os pais podiam dar • Moravam em cima de uma oficina mecânica • Brincava com os irmãos na janela e na lage da casa • Primos bem de vida, festa a fantasia com primos • Pais se sentiam mal por não poder dar boas coisas materiais para os filhos • Natal com bisavó • Tirava dúvidas sobre corpo e sexo com as amigas • Trauma do corpo por seios grandes
15	<ul style="list-style-type: none"> • Cirurgia de redução de mama – tio cirurgião • Medo de engravidar e repetir a história da mãe • Ginecologista conversava sobre sexo, confiava nele. Ele ensinava sobre camisinha, contraceptivo e tabelinha. Mãe aguardava na recepção
16	<ul style="list-style-type: none"> • Tolhida • Compulsão alimentar • Mentiras sobre a comida • Primeiro namorado apresentado para família – pai não falava nem o nome dele • Ficava sozinha em casa, ia para a rua escondida, fazia o jantar todos os dias
18	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro emprego animadora de festa • Passava mais tempo fora de casa e isso era bom • Não deixava pai pagar suas coisas e avisa que só fará faculdade quando puder bancar
21	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira balada – não gostou • Emprego recepção da escola de inglês – chefe mulher difícil gritava – aprendeu a lidar, colocou limite e ganhou a confiança
24	<ul style="list-style-type: none"> • Pede demissão na escola de inglês • Faculdade de fisioterapia custeada pela própria Danielle • Mãe levava e buscava irmão no trabalho – faculdade. Danielle andava de ônibus • Curso de massoterapia no S. • S. convida para ser professora no curso técnico. Nega no primeiro momento. Irmão incentiva a aceitar. • S. investe em formação e treinamento, aceita emprego • Aumenta carga horária como professora
25 – 27	<ul style="list-style-type: none"> • Viagem com os pais, cartão clonado, não deixou os pais pagarem coca-cola na parada da viagem • Passa muito tempo fora de casa estudando e trabalhando. Ministrava aulas aos fins de semana também • Começa a ter sucesso, a mãe começa a tolher, a culpá-la por não ter estudado. • Danielle começa a deixar de fazer coisas por ela, para fazer pela mãe • Começa a sentir-se responsável pela mãe – “adotei a minha mãe” • Mãe não a reconhece, nem é grata pelos feitos
28 – 30	<ul style="list-style-type: none"> • Se forma em fisioterapia • 4 namorados – sendo um o pai de seu filho • Suspeita de gravidez • Escolhe com qual namorado vai ficar – “pior opção” - João • Se sentia empoderada, bonita e independente • Coordenadora dos cursos no S. • Profissional reconhecida pelos alunos e instituição • Demitida do S. • Engravidada e perde a primeira gestação • 3 meses depois da primeira gestação, engravidada novamente • Depois do nascimento de Gustavo, vai morar com João • Vai morar com João na casa que era de sua mãe no Taboão da Serra. Começam os conflitos, pois nada podia ser mudado de lugar, pela lembrança da finada mãe de João • Recusa oferta do pai-padrasto para morar com a família de origem • Alugam um sobrado para começar do zero

	<ul style="list-style-type: none"> • João traz irmão mais novo para morar junto, Daniela tem boa relação com cunhado • Continuam os conflitos por causa dos bens materiais da mãe de João. Nada podia ser trocado ou quebrado • Engorda 30 kg • Pai-padrasto oferece sua casa novamente, acolhe e dá apoio • Relação com pai-padrasto melhora • Desde o nascimento de Gustavo a relação com pai-padrasto melhora muito • Separação de João, após 1 ano e 6 meses de vida de Gustavo
32	<ul style="list-style-type: none"> • Separação – mora 6 meses sozinha com o filho – melhores seis meses da vida • Perde emprego de fisioterapeuta em empresa dentro da C.C. • Entra em dívidas • Volta para casa dos pais • Trabalha como fisioterapeuta, cozinha e faz bolos para vender
33 - 37	<ul style="list-style-type: none"> • Mãe começa a dizer que Danielle é um fracasso e uma decepção • Conflitos com a mãe pela criação de Gustavo • Tem o carro roubado e passa a ir trabalhar de ônibus • Mãe invasiva, mexe na bolsa de Danielle, abre correspondências • Mãe quer satisfações sobre onde e com quem sai
38 - 39	<ul style="list-style-type: none"> • Descobre pelo seu padrinho que seu pai biológico morreu por um aneurisma • Descobre que seu pai morou nos Estados Unidos com a família, desde que sua mãe engravidou dele, até 1994 • Descobre que tem um irmão nos Estados Unidos • Ve fotos do pai e sua família, descobre que seu filho tem semelhanças com seu pai e seu irmão por parte de pai • Mãe invade sua vida pessoal • Não tem privacidade com seu filho • Mãe não permite que Danielle descanse nem quando adoecer • Mãe mente para família sobre Danielle não colaborar com ajuda na casa • Irmã se forma em medicina e volta para casa • Tratamento da mãe para com a irmã é diferenciado • Danielle contrai covid, mãe não permite que ela descanse, tem que cozinhar e ajudar em casa • Danielle encontra um namorado possessivo que quer afastá-la dos amigos e familiares • Namoro dura seis meses • Paga suas dívidas • Contrata faxineira para mãe e diz que a irmã é quem paga • Dá presentes e atenção para mãe e não é reconhecida • Compra um fogão de presente para mãe em parceria com a irmã, mas a mãe só reconhece o presente como dado pela irmã • Começa a se reerguer

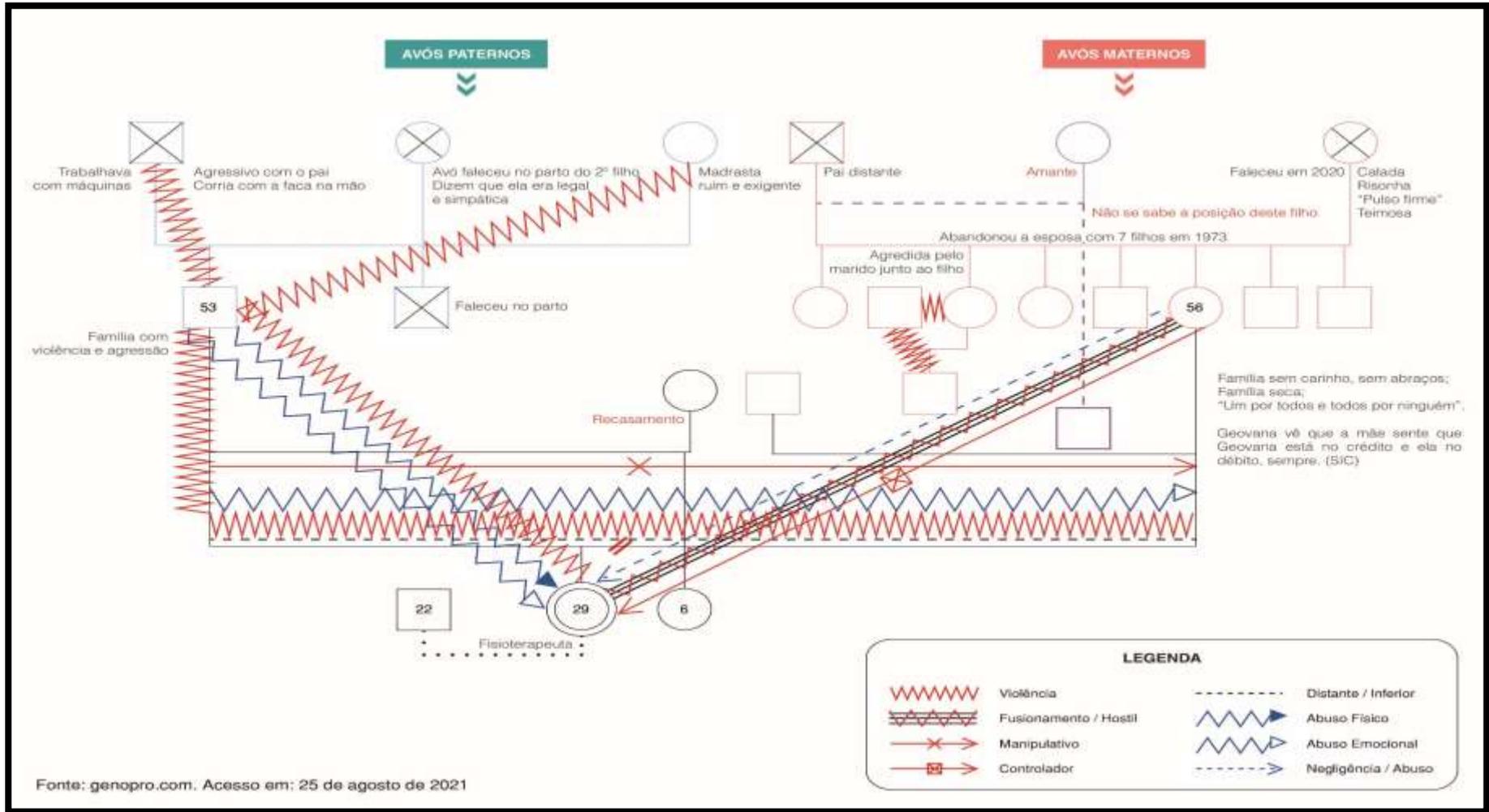


Figura 3 - Genograma de Geovana

LINHA DO TEMPO DE GEOVANA

Idade: 29 anos

Idade	Acontecimento
5	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira crise de pânico • Percepção de agressões, de estar sendo machucada
7 anos e 6 meses	<ul style="list-style-type: none"> • Saiu da Argentina e veio para o Brasil • Percepção de agressões, de estar sendo machucada • Adaptação na escola • Linguagem da ginástica, do corpo • Não falava português
12 -13	<ul style="list-style-type: none"> • Crise de pânico – mesmas sensações de quando tinha 5 anos • Saiu da ginástica
7 -14	<ul style="list-style-type: none"> • Sem amizades • Ginástica olímpica • Estudava na escola que a mãe trabalhava
14	<ul style="list-style-type: none"> • Menstruou • Mudou de escola • Melhor adaptação com colegas • Adquiriu identidade e passou a se impor, deixou de ser a vítima • Tomou rivotril e paroxetina
15	<ul style="list-style-type: none"> • Crise de pânico • Quase repetiu a 8ª. série
16	<ul style="list-style-type: none"> • Saltos ornamentais • Parou saltos por nova crise de pânico
17	<ul style="list-style-type: none"> • Namorado espalhou fotos de Geovana sem roupas para colegas na escola, depois ter terminado com ele
18	<ul style="list-style-type: none"> • Novo namorado ajudou com o ocorrido das fotos • Não queria mais sair de casa por que achava que todo mundo tinha visto as fotos • Perdeu a virgindade
19	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhou no shopping em loja de roupas • Mackenzie – iniciou faculdade de fisioterapia • Não conseguiu seguir com os estudos no Mackenzie • Não tinha cabeça pra estudar na época e pegou muita DP
20	<ul style="list-style-type: none"> • Se transferiu para Unifiel • Relacionamento fica caótico • Término do relacionamento • Nova crise de pânico
21	<ul style="list-style-type: none"> • Não controlava as emoções e quebrava coisas • Trabalhou em telemarketing - 1 ano – foi suspensa por briga com colega de trabalho • Teve nova crise de pânico, teve que sair do emprego • Teve crise de pânico na faculdade
22	<ul style="list-style-type: none"> • Novo namorado, ajudou muito com tudo, era tatuador
23	<ul style="list-style-type: none"> • Formatura na faculdade de fisioterapia
24	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho como fisioterapeuta – assédio moral, não entendia que era abuso moral – 1 ano • Ao pesquisar sobre assédio descobriu o que estava vivendo • Fez um curso e conseguiu outro emprego • Era ríspida e agressiva, não durou no trabalho novo • Foi demitida

25	<ul style="list-style-type: none"> • Namorado Chileno • Pós graduação com plantão de segunda a sábado • Muita pressão • Discutia com as pessoas • Vivia com atestado médico • Recebeu uma suspensão de uma semana, pois descordava das injustiças • Saturada e nervosa
26	<ul style="list-style-type: none"> • Foi morar com namorado e a mãe do namorado no Chile • Namorado não trabalhava, só jogava video game • Natal foi pra casa do amigo e deixou Giovana sozinha • Trabalhava em um pub de madrugada no Chile • Recebeu apoio de sua mãe e achou estranho • 9 meses depois, voltou para o Brasil
27	<ul style="list-style-type: none"> • Clínica de pilates no Brasil • Aprendeu a lidar com as pessoas dando aulas de pilates • Chorava muito porque o paciente tratava mal • Chefe tranquila • Tinha 2 empregos • Migrou para clínica de ortopedia • Fez terapia, enxergou que o problema dos pacientes não tinha nada a ver com Giovana • Voltou para a Argentina com uma amiga para visitar e tentar resgatar algo com pai e teve uma experiência horrível • Achou que o pai iria “encerrá-la” no apartamento • Sentiu como se tivesse lidando com um psicopata, conseguiu pegar a mala e se livrar do pai • O apartamento trouxe lembranças ruins • Teve uma crise de pânico muito forte, quase não conseguiu voltar para o Brasil • Cortou relações com pai e o bloqueou no celular • Desbloqueou o pai, mas não responde suas mensagem, pois ele manipula e coloca toda a culpa de tudo o que aconteceu na mãe • Mãe ficou com medo desta viagem
28	<ul style="list-style-type: none"> • Trocou de emprego e foi para outra clínica de fisioterapia e pilates • Afastou sua mãe de muita coisa de sua vida, não dava mais satisfações de seus planos • Sofreu assédio moral e sexual na nova clínica • Entendeu que precisava se posicionar • Iniciou um relacionamento com uma pessoa ciumenta, manipuladora e enganadora • Entrou em crises fortes, como se despertasse coisas adormecidas há muito tempo; • Juntou forças e em respeito a história que viveu, encerrou o relacionamento abusivo
29	<ul style="list-style-type: none"> • Finalizou o relacionamento abusivo • Encerrou trabalho na clínica onde vivia assédios, remeteu a primeira clínica que trabalhou • Decidiu que não iria deixar mais ninguém fazê-la sofrer • Passou a trabalhar por conta como fisioterapeuta • Decidiu fazer uma formação na área hospitalar em busca de mais segurança financeira e pensando no futuro, sem deixar pacientes particulares • Trabalha com ortopedia e cardio respiratória • Fazendo pós graduação • Conseguiu estágio em hospital • Atualmente está em transição e sente medo • Tem o mínimo de relação com a mãe, pois raramente a comunicação não tem um tom agressivo

Na prática do processo de análise dos resultados de Yin (2016), ao compilarmos, decompor, recompor, interpretar e concluir pudemos identificar as similaridades e diferenças nos dois casos apresentados nesta pesquisa. Testemunhamos no processo de análise, que em termos de similaridades, as duas biografias se esbarram nas classes: conflitos nas relações afetivas, conflitos nas relações com líderes hostis em suas carreiras, mães exigentes e perscrutadoras, mães distantes, indiferentes e negligentes às necessidades das filhas, abuso parental, fusionamento pelo conflito entre filhas e mães, pais perpetradores da violência física para com filhas e mães, avós paternos hostis e agressores com seus filhos, proximidade na convivência com avós maternos e profissões similares entre as filhas.

No que tange as diferenças entre os casos, vemos as seguintes classes: boa convivência com irmãos; avós maternos e demais membros de família estendida (Danielle atende a esta classe e Geovana não), repetição da gravidez antes do casamento; filha se sente responsável pela mãe (Danielle atende e Geovana não), compulsão alimentar (Danielle atende e Geovana não), recasamento da mãe (somente a mãe de Geovana se separou do marido violento e se casou novamente), mãe atuante na profissão (somente no caso de Geovana), proximidade com avós paternos (somente Danielle, morou com eles e sofreu hostilidade e rejeição, juntamente com sua mãe), alcoolismo paterno (somente no caso de Danielle), pai da filha foi marido da mãe (somente no caso de Geovana, a mãe de Danielle se casou com seu padrasto, quando ela tinha 4 anos), manipulação direta do pai para com a filha (somente no caso de Geovana). Partindo desta grande análise, foi possível levantar as onze categorias aqui apresentadas.

A primeira categoria, trata da falta de autoestima identificada na impossibilidade de diferenciação do *self*. Bowen (1991) aborda o conceito de diferenciação entre os integrantes de um sistema familiar, pontuando que quando os indivíduos não conseguem transitar em suas relações de forma harmônica, como um si mesmo definido, ele tende a diluir-se nas relações de forma emocional intensa, o que denominou como fusionamento nas relações.

Famílias com um nível de diferenciação do *self* em grau adequado, produzem membros que são capazes de assumir responsabilidades por si mesmo e por suas atitudes, não colocando a responsabilidade no ambiente externo por seus desafios e crises pessoais (BOWEN, 1991). Os membros destas famílias desenvolvem competência para lidar com situações estressantes, utilizando mecanismos conhecidos como resiliência familiar. (WALSH, 2016).

Pôde-se observar por meio dos estudos que fundamentaram teoricamente este trabalho no que tange relação mães-filhas, que conflagrações nas relações familiares, fronteiras difusas, emaranhamentos entre os membros do sistema familiar, têm forte impacto na saúde emocional dos filhos jovens, bem como em seu processo de diferenciação do *self*. (FIORINI; MÜLLER e BOLZE, 2018; CORREIA e MOTA, 2016, 2017; BOWEN 2016; PELLEGRINI *et al.*, 2015; MOTA; MATOS, 2013; NOGUEIRA; HENNING-GERONASSO, 2010; MARTINS; RABINOVICH e SILVA, 2008; REIS e RABINOVICH, 2006; CARTER, McGOLDRICK, 1995).

Também foi possível constatar, por meio dos relatos desta categoria, o quanto estas jovens (considerando que Danielle já se encontra na fase adulta), encontram dificuldades em seguir suas vidas de forma harmônica, gozando da liberdade de escolhas pessoais. Viu-se em suas narrativas, suas existências pautadas em uma autopercepção marcada pela baixa autoestima, crise identitária, não certificação de suas potencialidades, de suas possibilidades, bem como, um caminho trilhado com sofrimento, conflitos relacionais nas mais diversas esferas e busca por pertencimento e reconhecimento por parte de suas mães. Não seria este o caminho da não diferenciação do *self*, do possível fusão ao outro, mesmo que pelo conflito?

(...) E aí, tava no S., e aí, logo em seguida que eu saí da escola, que eu tava no S. e acabou meu curso, o S. me chamou para ser professora de curso técnico e aí eu neguei. Falei: “não!”. Eu não tinha bagagem nenhuma para um curso de massoterapia. Eu era aluna, como é que eu ia passar a professora? E o S. investiu em mim. Aí eles falaram: “não, a gente vai te dar o treinamento, você vai fazer vários cursos tal. E eu, voltei pra casa assim, bem aérea né? Falei: “Caraca, será?” Aí, o meu irmão falou pra mim, ele falou: “Cara? O que você tem a perder? Nada! Você vai ganhar os cursos na faixa e se você começar a dar aula e você ver que não é sua pegada, você fala, ó, não deu, valeu, obrigada!”. Eu disse: “É verdade né?”. E aí, eu fui fazer os cursos, aí comecei a dar aula, amei dar aula, é a coisa que eu mais amo na minha vida é ser professora, e aí cara, eu comecei a trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar (barulho de dedos estralando). (Danielle)

Eu não casei no papel né? Eu só fui morar junto com o pai do G. Eu conheci ele no S., fiquei sete anos com ele, e eu formei com vinte e oito, vinte e nove anos, quando me formei. Trabalhei no S. esse tempo todo, fiquei seis anos lá, lá que o J. e nesta época, eu namorava com quatro diferentes, né? Hahahahaha, eu era terrível, eu ficava um pouco em casa, ficava na rua, tinha a minha independência financeira, me sentia bem, me sentia poderosa, andava de salto alto pra cima e pra baixo, eu me sentia um mulherão assim, sabe? O que eu nunca tinha sido na vida, foi a melhor fase assim, da minha vida. Como pessoa, de me sentir, de me autoafirmar. (Danielle)

Falavam: “A gente olhava pra você e falava: é sério? Mas quando você abre a boca pra falar, a gente falava assim: Caraca, ela sabe muito!”. E assim, eu tinha o respeito deles,

então, eu me sentia, né? Porque, imagina né? Você ter o respeito de sessenta alunos que são mais velhos que você, tem uma bagagem de vida e eles me respeitavam muito. E tenho esse respeito até hoje, vira e mexe eu recebo mensagem, vira e mexe, eles mandam mensagem no facebook: “Minha eterna mestra”. Porra, que mestra meu?! Hahahahhahah. Sabe, uns negócios assim? (Danielle)

(...) depois que a gente se separou, ele foi embora e eu fiquei morando mais seis meses sozinha. Foram os melhores seis meses da minha vida. Entendeu? Eu e o G. Foram os melhores seis meses da minha vida! Eu sofri demais, por que o que aconteceu? Eu perdi o emprego. Eu trabalhava como fisioterapeuta na C., na empresa terceirizada e a C., rescindiu contrato com esta empresa. Então eu perdi o emprego. Eu ganhava cinco mil reais, eu passei a ganhar trezentos reais. Sabe? E aí, eu não conseguia mais bancar a casa, o aluguel a escola do G. e eu fui entrando em dívida, dívida, dívida, dívida, que eu vim conseguir sair destas dívidas há um ano e meio. Entendeu? Fui entrando em dívida, juros no cartão de crédito, juros, limite da conta, sabe aquela coisa que você vai...enfim, e aí, meu pai chegou um dia pra mim e falou: “Chega! Né? É visível que você não está dando conta. Entrega a casa e vem morar em casa. Nossa, isso acabou comigo. Ter que voltar pra casa da minha mãe, acabou comigo. E até hoje, isso me consome assim, num grau. (Danielle)

Ah!, seis anos, quase sete anos já que eu tive que voltar. (retorno para casa dos pais). E eu voltei e falei que ia ficar no máximo dois. Mas eu não consegui me reerguer, porque eu entrei em juros, de juros, de juros e fui fazendo empréstimo atrás de empréstimo, então, eu pegava um empréstimo para pagar outro, e aí pegava outro pra pagar um e fui me afundando assim numa questão financeira absurda. E não conseguia sair, não conseguia sair de lá; Porque lá, querendo ou não, eu não pago aluguel, ajudo em casa, faço mercado, compro as coisas, precisa comprar, eu sou a primeira a sair correndo pra comprar, precisa pagar, eu pago! (Danielle)

Mas eu não conseguia me ver alugando um lugar e eu morar com o G. sozinha, entendeu? E não consegui até hoje e hoje eu fico assim. Se hoje eu me organizar, eu consigo sair, mas ainda preciso de alguém pra ficar com o G. porque eu tenho que trabalhar. Muitas vezes o G. me pediu: “mãe, vamos ter a nossa casa?” porque são coisas assim que a gente quer fazer muitas vezes eu e ele e a gente não pode fazer, porque eu não tô na minha casa. (Danielle)

Por essas falas pôde-se observar a crise de identidade, que corrobora o processo de não diferenciação do *self* (BOWEN, 2016; BOWEN, 1991; KERR; BOWEN, 1988):

G. nasceu eu tinha trinta anos. Separei com trinta e dois, eu lembro que eu falava assim: “Eu tenho trinta e dois anos, eu tô velha, mas eu tô nova!”. Eu não vou esperar chegar com sessenta, falar: “Devia ter feito com trinta!”. Entendeu? Ficar num casamento sofrido por trinta anos, então...fazendo o G. sofrer. Eu lembro que eu falava muito isso: “Eu tô com trinta e dois anos, eu tô velha, mas eu tô nova, então, tem tempo ainda de refazer minha vida!”. Mas até hoje, não refiz. Hahahahahah! (Danielle)

Desta época até os trinta e pouco, foi bem difícil, então, foi o que eu falei, eu tava imensa de gorda, com uma obesidade mórbida, sem emprego, separada, com filho pequeno, voltei a morar na casa dos meus pais, uma dívida imensa nas costas para carregar, ouvindo minha mãe falar que eu era um fracasso, que eu era uma decepção, entendeu? (choro). Vendo meus irmãos (pausa para choro), são três irmãos e os três fluindo, se dando bem e eu só andando

para trás (choro). Então assim, quando eu encontrava em casa todo mundo conversando, conversando, conversando, eu fui me fechando, entendeu? (Danielle)

Minha família não conhece esta Danielle que é quem de fato eu sou, entendeu? Então quando eu vou brincar, aí eles já falam, “Ih! bebeu...Ih! alá, tira a cerveja da Daniela!” daí eu falo: “Não gente, eu nem bebi!”. E é a hora que eu me fecho de novo, porque eu falo: “Porra!”. Sei lá, eu não me sinto à vontade. Não me sinto à vontade, entendeu? De brincar, de não sei o que. Ou então eu bebo, prá ter uma justificativa de estar rindo, brincando e feliz, entendeu? E aí, eu fiz um “post” que eu falei alguma coisa assim, aí meu irmão falou...ele falou comigo no particular, daí ele falou assim: “Ei, é engraçado ler estas coisas a seu respeito, por que parece que eles estão falando de outra Danielle, não aquela nossa Danielle”. Aí eu falei assim prá ele: mas eles estão falando de outra Danielle. Porque a Danielle que fica em casa de final de semana, não é a mesma que fica na rua de dia de semana. Aí minha mãe fala que eu tenho dupla personalidade. “Você tem dupla personalidade!” Não é que eu tenho dupla personalidade, é que lá eu não tenho vontade de me abrir. Entendeu? (Danielle)

Observou-se aqui, a possibilidade de superação e autorreconstrução:

Olha, eu não sei te dizer qual é a palavra, mas parece que eu tô me reerguendo, entendeu? ainda dou meus tropeços, assim, subo dois degraus e desço meio. Eu tava assistindo esta semana na academia, é, um programa de escalada. O pessoal sobe, sobe, sobe, aí puf...desce dois, aí, sobe, sobe, sobe, desce um, e é isso! Ce entendeu? Parece que tô subindo, aí dou uma tropicada, dou uma escorregadinha e aí, eu subo de novo. E eu vou chegar lá em cima!!! Eu vou chegar lá em cima, mesmo com esses tropicos, mesmo com essa.... a minha mãe me puxando, a minha mãe insistindo em me puxar, entendeu? (Danielle)

Observou-se também a espera pelo reconhecimento, confirmação e autorização da mãe:

Então, eu vejo isso, a minha relação com a minha mãe, eu acho que é isso, assim, eu tô tentando me desvencilhar e me levantar sozinha, entendeu? Aprender a não esperar este retorno dela que isso, eu acho pra mim que é o mais difícil. Eu acho que eu vou morrer esperando ela dizer pra mim assim: “Nossa filha brigada!” (CHORO). Entendeu? E ela não vai falar nunca (CHORO). Silêncio e choro! (Danielle)

Já Geovana não trouxe detalhes na entrevista semiestruturada, porém foi possível identificar suas crises e luta para seguir seu caminho, mediante a linha do tempo. Entre os vinte e oito e vinte e nove anos, tomou decisões importantes e no meio desta passagem de idade, iniciou dois processos terapêuticos. Nesta fase trocou de emprego após identificar assédio sexual e moral neste ambiente: “Entendi que precisava me posicionar”! Relata que afastou sua mãe de sua vida e passou a não dar mais satisfações pessoais a ela. Ainda nesta fase, iniciou um relacionamento com uma pessoa que ela alega ser ciumenta, manipuladora e possessiva, o que gerou nela, crises fortes como se despertasse coisas adormecidas há muito tempo “Juntei forças e em respeito à minha história, encerrei o relacionamento abusivo”

(sic). Decidiu que “*não iria mais deixar ninguém fazê-la sofrer*”(sic). Nesta fase, passou a trabalhar como fisioterapeuta domiciliar. “*Decidi fazer uma formação na área hospitalar em busca de mais segurança financeira e pensando no futuro, sem deixar os pacientes particulares*”. Relata que “*atualmente está em transição e sente medo*” (sic). Conseguiu um estágio em um hospital. Relata que tem o mínimo de relação com sua mãe. “*raramente a relação não tem um tom agressivo*”.

Na segunda categoria, ressaltou-se a identificação com a mãe por intermédio do fuscionamento pelo conflito. Bowen (1991) aborda que as questões que comprometem a saúde do ambiente familiar e do bom funcionamento em família podem estar na alta reatividade emocional de cada membro e de todos, e a baixa diferenciação do sistema emocional do grupo, o que vai desaguar no processo de triangulação pelo conflito nas relações. Ele reforça que os triângulos podem ser formados pelos parentais, de forma a implicar os filhos nesta relação para baixar a tensão no sistema. Como pôde ser visto nas narrativas da pesquisa, a alta ansiedade nas relações, além da triangulação pai, mãe e filha, vão culminar no fuscionamento entre mãe e filha, expressos numa relação de conflito que pode abarcar preocupações, angústias, tristezas e frustrações para estas filhas.

O fuscionamento se estabelece como o avesso do processo de diferenciação do *self*. No caso do fuscionamento das relações, as pessoas ficam vulneráveis às tensões e encontram muita dificuldade para se adequar às exigências da vida, com tendência a manifestar patologias e problemas. (BOWEN, 1991). As pessoas fusionadas pelo conflito, se interrelacionam pelo conflito e prendem-se às relações, de forma a dificultar seu desenvolvimento pessoal e sua própria diferenciação do *self*, como se pôde observar nos relatos das filhas fusionadas com suas genitoras pelas conflagrações na relação. A fixação emocional transforma-se em fuscionamento na relação mãe-filha e pode, segundo Martins; Rabinovich e Silva (2008) tornar-se uma relação de dependência afetiva ou uma relação permeada pelo conflito.

Outro processo que sustenta a fusão pelo conflito na relação mãe-filha dá-se pela relação de lealdade invisível. De acordo com Nagy e Spark (1994), pode-se constatar as expectativas entre mãe e filha, que se encerram em um compromisso emocional, principalmente das filhas para com suas mães. Paccola (1994) complementa esta análise e compreensão para a relação destas filhas com suas mães, como uma forma de endividamento emocional, que também é recíproco, quando se olha para a retroalimentação do conflito por parte destas mães. Este é um processo de transmissão geracional, que torna as relações

conflituosas entre genitora e progênta, mantidas por padrões recursivos que se autoperpetuam (KUBLIKOWSKI, 2012).

Embasados pela teoria, viu-se o fusionamento pelo conflito entre mãe e filha expressos da seguinte forma:

Eu não esqueço uma vez que ela tava muito ruim, gripe, sei lá o que que era, nem lembro do que ela tava doente. E aí, eu fiz uma sopa, porque ela não tava conseguindo comer direito, sei lá. Daí, eu fiz uma sopa bem nutritiva, levei pra ela a sopa, ela olhou e falou assim: “O que que é isso?”. Aí, eu falei: “Eu fiz uma sopinha bem nutritiva para você comer, tem um arrozinho, com um não sei o que”. Ela encostou na comida? Não! Depois desceu e comeu um pão com manteiga. (Danielle)

(...) Que é onde eu te falei que eu me culpava, porque ela jogava na minha cara que ela não tinha estudado, nan nan nan nan, e eu falava: “Eu preciso dar isso pra ela, eu me sentia responsável por ela! Foi quando eu comecei a me sentir responsável pela minha mãe. E aí, eu adotei a minha mãe! Estava com uns vinte e cinco, vinte e seis anos, foi na época que eu estava fazendo faculdade. E eu tinha o meu dinheirinho, e aí eu adotei a minha mãe, neste sentido de comprar as coisas, entendeu? De dar o que ela precisava. Então, ela dizia assim: “Eu preciso cortar o cabelo!”. No dia seguinte ela tava cortando o cabelo. “Nossa que bota linda, eu queria tanto uma?!”. Eu comprava pra ela! Eu recebi um obrigado na vida? “tsi tsi tsi”. Muito pelo contrário! E até hoje é assim, aí, ela me xingava: “Eu não falei que era pra comprar bota, não falei que era pra você comprar, eu só falei que era bonita!”. Tá bom, mas eu comprei, achei bonita também e te dei, entendeu? Daí, se eu fosse no salão fazer minha unha, eu levava ela pra fazer a unha dela também, porque eu não conseguia e até hoje, eu tenho muita dificuldade disto, até hoje, não adianta! (Danielle)

Gratidão, zero, ZERO! Então, já nem espero mais. Às vezes me chateia! Igual esta minha amiga de infância, ela falou pra mim: “Pára de fazer meu?! Você deixa de fazer pra você, pra você fazer pra sua mãe e ela não te agradece em nada, pára de fazer!”. (Danielle)

Tipo, você faz, faz, faz e a pessoa não reconhece hora nenhuma. (choro). Então assim, esta falta de reconhecimento da minha mãe, me machuca muito. O que eu vejo é que eu deveria aprender a viver, sem esperar reconhecimento dela. Mas eu tenho quarenta anos e em quarenta anos, eu não consegui aprender a viver sem esperar o reconhecimento dela, entendeu? (choro). Então, me dói, eu choro, choro, choro, choro, respiro e falo: “Tudo bem! A minha parte eu fiz! ”. Este meu pensamento me consola, entendeu? Não sei de onde eu tirei isso, mas isso de certa forma me consola, então, eu paro, daí eu falo: “Ah, tudo bem!”. (Danielle)

Também na narrativa de Geovana pôde-se observar esse fusionamento:

É, é, eu fui crescendo, e eu comecei a fazer o esporte, minha mãe era ex-atleta, eu comecei no mesmo caminho que ela, é...(pausa). É, bom minha mãe sempre me apoiando no que eu fazia, da atividade física (...) (Geovana)

Acho que a melhor coisa foi quando eu li alguma coisa sobre síndrome do pânico. Com 14 anos eu vi que eu tenho isso, nossa que alívio, que isso que eu tenho, outras pessoas têm. Enfim, aí na época minha mãe se machucou e isso foi até bom porque eu comecei a ficar mais

com ela, eu era bem dependente dela, ficar longe dela eu não conseguia, ficar longe... ela era meu porto seguro sabe? Ficavaaaa (pausa), enfim.... e aí foi bom que ela se machucou porque eu consegui ficar mais tempo com ela. (Geovana)

Então aí, eu não queria ver minha mãe mal e também não queria me aproximar muito do meu pai em outro sentido, porque minha mãe ficava brava. (Geovana)

Na terceira categoria, foram identificados aspectos da Transmissão geracional, na qual se pôde destacar a qualidade da relação da família nuclear em relação com a família expandida.

Em Nogueira e Geronasso-Henning (2010); Carter e McGOLDRICK (1995); Bowen (1991) encontra-se a fundamentação do processo de transmissão geracional quando se observa o fluxo vertical do sistema familiar, que abrange padrões de relacionamento e formas de funcionamento que são disseminados para gerações seguintes, especialmente por meio da triangulação emocional, conforme foi possível identificar na dinâmica das famílias das progêntas pesquisadas. “Este padrão de transmissão geracional engloba toda as atitudes, tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas familiares com os quais nós crescemos. (CARTER e McGOLDRICK, 1995, p.11).

Foi também possível observar nos genogramas destas famílias, a violência e a hostilidade nas relações sobrevivida dos avós para com os pais e dos pais para com suas esposas e filhas (enteada, no caso da Danielle), o que se considera ser um caso de violência e maus tratos intergeracionais.

E... lembro também quando a gente veio para São Paulo, que nós éramos de Belo Horizonte, nós viemos para SP e fomos morar na casa da minha avó paterna, mãe do P. E ela era muito ruim, ela era uma mulher muito ruim, a gente não podia comer enquanto.... a gente comia o que sobrava, isso eu lembro, muito! Eu lembro dela tratando mal a minha mãe, eu lembro dos meus tios também, tratando a gente mal, porque eu era a filha bastarda né? Entendeu?!(Danielle)

Geovana não trouxe relatos de sua família estendida na entrevista, contudo, pôde-se observar, por meio do genograma, que há conflitos e violência na família paterna e distanciamento e falta de afeto, na família materna.

Na quarta categoria, emerge o padrão de repetição familiar, assim como, o medo expresso desta repetição, por parte dos pais e por parte de Danielle na relação com seu filho.

Para essa categoria, a fundamentação teórica é encontrada nas várias contribuições, sobre a ótica da transmissão geracional, já abordada na terceira categoria. (SANTOS e

MORÉ, 2011; NOGUEIRA E GERONASSO, 2010; CARTER e Mc GOLDRICK, 1995; BOWEN 1991).

Finaliza-se aqui o olhar de transmissão geracional, com o que Cerveny (2011) denominou como repetição em seus estudos sobre família. A pesquisadora alega que toda família repete e estas repetições podem ter a função de manter estas famílias como um sistema, além disto, dar a este sistema uma identidade peculiar que o distingue de outros sistemas. A autora discute em sua obra, o processo de “paralisia em relação aos padrões repetitivos, levando a um determinismo que não pode se quer, ser pensando” (CERVENY, 2011, p.42), bem como, no contraponto desta ideia, o benefício de “trazer para Psicologia Sistêmica Familiar as possibilidades de detectar as repetições por meio de padrões interacionais”, e que a possibilidade de “transformar a experiência de repetir num processo de conhecimento, pode levar a mudanças significativas em um tempo menor dentro da terapia” (CERVENY, 2011, p.45). No caso das famílias estudadas por meio das narrativas das filhas, foi possível destacar o medo da repetição familiar mediante o controle parental, porém, não vimos até agora nos membros deste sistema familiar, a compreensão do padrão e a possibilidade de saída e de transformação deste padrão, embora se acredite como psicoterapeutas, nas possibilidades de transformação humana.

Nesse contexto, destacou-se o encontro com a chefe de Danielle, que a lembra sobre a relação com sua mãe:

Eu comecei trabalhando na recepção de uma escola de inglês. Perto de casa! E aí, a chefe era um terror também, mas quem tem a minha mãe como mãe, sabe lidar com qualquer um hahahhahahah, e a M., a M. era assim sabe, na entrevista de emprego, ela disse assim pra mim, qual é seu signo? Aí eu falei: “Áries!”. Ela tava fumando ela fez: “Ffuuuuuuu, puta que o pariu, você é meu inferno astral!” (Danielle)

Evidenciou-se aqui o medo da repetição em relação à gravidez de Danielle e a própria a gravidez fora do casamento, como aconteceu com sua mãe:

(...) Mas enfim, então, aí veio meus...isso, meus doze anos na escola, aí começa aquela coisa de querer namorar, de se interessar pelos meninos. E aí como minha mãe me teve com dezesseis anos, eu acho que o grande medo dela, era que eu fizesse a mesma besteira que ela. Repetisse a mesma história. Então, tanto ela, quanto o meu pai, eles eram extremamente proibitivos, assim, eu não podia ir em festas de aniversário, não podia ir no cinema, eu não podia.... eu nunca dormi na casa de uma amiga, nunca, nunca pude dormir!!! Então eles não me deixavam fazer nada, entendeu? Acho que eles queriam me proteger para eu não cometer o mesmo erro que minha mãe cometeu. (Danielle)

(...) E aí o namoro com J. foi vingando, eu acabei a faculdade, e aí já tava com uns vinte e oito, vinte nove anos.... e o namoro com ele foi vingando, continuei trabalhando e tudo o mais. Apresentei pra minha família, aquela coisa toda, e aí, fiquei grávida dele. Perdi a primeira gestação, três meses depois fiquei grávida de novo, não queria mais. Falei: “Não quero mais ficar grávida”, mas fiquei grávida! E aí foi onde a gente decidiu ir morar junto, mas acabamos indo morar junto depois que o G. nasceu, um mês depois. (Danielle)

Observou-se nesta fase, a repetição do conflito na relação afetiva, o abuso emocional e o controle na relação:

Eu tive um namorado nos últimos tempos que foi o único que eu assumi assim para família que foi o André, mas deu tudo errado também. Hahaha. Que como André, foi tudo muito intenso, muito rápido, mas ele era um cara tóxico, tóxico não, ele eraaaa.....como é que fala, tem um termo....eu vou te falar e você vai saber. (...) Então ele me proibia de ter amizade com os amigos que eu já tinha há anos, ele queria me proibir de ter relação com a minha família, até o ponto que ele chegou de querer me proibir de ter relação com o G., entendeu? (Danielle)

Repetiu-se o abuso emocional da mãe de Danielle, na figura do namorado, quando ela adoece (A similaridade na categoria de abuso parental será vista mais adiante quando a mãe nega a necessidade de isolamento da filha com Covid).

E aí eu vi que ele foi me tolhendo, ele foi me colocando dentro de uma coisa, que ele queria que a minha atenção fosse só dele! Que eu ficasse com ele, que eu conversasse só com ele, que eu brincasse só com ele, que eu saísse só com ele. E eu falei pra ele, falei: “isso é impossível”, é impossível isto acontecer, eu não posso ser só sua!”. Eu fiquei com pneumonia, ruim, com febre, uma pneumonia fudida, no sofá morrendo de frio e ele foi me visitar, ele ficou cinco minutos e foi embora porque ele não aceitava em ver de pijama. Era inadmissível ele me ver de pijama. Que tipo de mulher recebe o seu futuro marido de pijama? (Danielle)

Constatou-se, outrossim, o medo da repetição expresso por Danielle, na educação de seu filho:

Então, era bem complicado assim, mas foi assim, tudo muito escondido, tudo na base da mentira e eu não gosto. Eu morro de medo por causa do G., eu morro de medo dele fazer comigo, o que eu fiz com meus pais, entendeu?! Então, eu tento conversar muito com ele, apesar de ele ainda ser muito pequeno, mas eu falo assim: “Olha, eu sou sua amiga, você pode conversar comigo e na hora que você não quiser, você pode falar que você não quer falar. E na hora que você quiser falar, você fala. E ele já faz isso, entendeu? Então, as vezes ele tá meio assim, eu falo você quer conversar? Ele fala: “agora não mãe, depois! Eu falo: “Tá bom!”. Cinco minutos depois, ele fala: “Mãe, agora eu já posso conversar”, hahahahah. Eu falo:” Então, vamos conversar” hahahahahaha. E eu nunca tive isso, ce entendeu? Nunca, nunca. (Danielle)

Quanto a Geovana, a mesma não trouxe os detalhes na entrevista, (Geovana fala pouco, de forma pausada sem se ater a detalhes, o que, talvez, possa ser traduzido pela possibilidade de medo de entrar contato com sua história, devido à intensidade da violência intrafamiliar vivida por ela), mas foi possível identificar o padrão de repetição ao construir com ela, sua linha do tempo. A repetição apresenta-se nas relações abusivas e de violência com namorados na adolescência e juventude entre os dezessete e os vinte nove anos, bem como, nos conflitos com seus chefes nas relações de trabalho entre os vinte e quatro até os vinte e nove anos. Aos vinte e cinco anos, Geovana conheceu um namorado chileno e aos vinte e seis, foi morar com ele no Chile, com o apoio de sua mãe, o que alega ter achado estranho. O namoro durou nove meses e após conflitos, decidiu romper e retornar ao Brasil. Nesse ponto, destacou-se a repetição da história de sua mãe que se casou com um Argentino (pai de Geovana) e foi constituir família com ele em outro país. Seria porque Geovana repetiu o que é “re-conhecido” por sua mãe, que a filha recebeu apoio da genitora?

A quinta categoria trata do conflito na relação mãe filha, produzido por meio da comunicação entre ambas, compreendida pela permeabilidade da violência doméstica intrafamiliar. Nesta categoria, de acordo com as referências já vistas no segundo capítulo sobre a relação mães-filhas, pôde-se destacar nas falas alguns pontos.

Nunca, nunca, nunca, eu pude conversar com a minha mãe. Então, escuto: “conversa com a sua mãe, explica, se abre”. Não existe a possibilidade de conversa com ela, porque na hora que você vai tentar conversar, ela vira uma chavinha que ela começa a surtar, ela começa a gritar, ela se bate, ela quebra as coisas. Não existe conversar com a minha mãe. Ela leva tudo para o pessoal, ela acha que você tá julgando, você tá criticando, que você tá reclamando, então, não existe! (Danielle)

A minha mãe, ela ajuda, porém, ela joga na minha cara, ela cobra! Então, não é uma ajuda, né? “Não, eu te ajudo, eu te empresto cinquenta reais”, amanhã ela fala assim: “Eu tava precisando de cinquenta reais né? Mas, eu te dei aqueles cinquenta reais que eu tinha!” Ce entendeu? (Danielle)

Meu pai uma vez me deu uma surra de cinto absurda. Então (pausa para choro), e o que me doía muito (choro), a minha mãe, ela não me defendia (...); E ela nunca me defendeu, muito pelo contrário, ela dizia assim: “Vai se resolver com teu pai”. “Ah, você fez isso e isso, você vai ver na hora que seu pai chegar” (Danielle)

Quanto a essa questão do conflito mãe-filha, em relação à Geovana:

Então a partir dos 16 anos, dos 17, eu comecei a ficar com muita mágoa dela, muita tristeza por ver que ela permitia tudo isso. (Sobre as agressões do pai para com a filha). (Geovana)

(...) E aí, eu começava a implorar para eles se separem, a partir de um momento, eu não aguentava mais. (Geovana)

(...) de brigar comigo porque tem algo fora do lugar ou que eu não limpo alguma coisa, sendo é uma condição de todo mundo na casa. (Geovana)

Em Watzlawick, Beavin e Jackson, (2007) encontra-se a fundamentação para o evidente conflito na relação mãe-filha, estabelecido pela impossibilidade de intercomunicação em um nível saudável, que implica em um cenário de desacordo e obscuridade entre o conteúdo que está sendo comunicado e a própria relação. Os autores pontuam que o conflito na comunicação pode desenvolver-se no sentido de uma comunicação patológica, que gera círculos viciosos tendentes a permanecerem enquanto os comunicantes não desenvolvem condições para uma comunicação simétrica e de compreensão mútua, o que corrobora para a instauração de sentimentos negativos, não produtivos para a inter-relação, desaguando no conflito constante.

Tais conflitos entre mães e filhas traduzem-se em questões que apontam dificuldades na diferenciação do *self*. Dornelas e Garcia (2006) apontam que a relação mãe-filha é produtora da identidade feminina tanto para filha, quanto para mãe. A filha se espelha na mãe, enquanto a genitora pode projetar na filha seus diversos sentimentos e necessidades não realizados. A relação entre mãe e filha pode apresentar uma marcante característica retórica, gerando movimento de afastamento e aproximação, que culmina em dificuldades emocionais para ambas, principalmente quando a mãe, que seria referência para filha, não encontrou seu próprio caminho de diferenciação do *self*.

Considerando o cenário de violência, no qual estas mulheres, mães e filhas, estão implicadas, vemos que os estudos sobre violência intrafamiliar apontam para o comprometimento da saúde emocional de todos os membros emaranhados neste tipo de relação, assim como, para o comprometimento da comunicação saudável interfamiliar, o que torna a relação permeada por ansiedade, medo, depressão, raiva, impactando diretamente na possibilidade de relações agressivas mútuas, coconstruídas e retroalimentadas. (PRETO; MOREIRA, 2011; PINTO, 2008; MARTINS *et al.* 2007; LEVY, 2006).

A violência física é a sexta categoria analisada nesse estudo. Em Manita; Ribeiro e Peixoto (2009), pode-se observar que a violência física se estabelece como o uso intencional da potência, coerção/intimidação contra outrem, ou toda forma de ação com a intenção de agredir a integridade física, inclusive, os direitos e as necessidades de outro ser humano.

Foi possível identificar nos relatos que seguem a violência física perpetrada pelo marido/pai (padrasto no caso de Danielle). Danielle e sua mãe, eram agredidas fisicamente e juntas, pelo padrasto de Danielle, enquanto o pai de Geovana não poupava esforços para agredir fisicamente a filha. Temos nestas narrativas, o exemplo da violência doméstica de gênero, incorridas contra mães e filhas. Em acordo com a OPAS (2021) a violência consumada pelo parceiro contra mulheres é um problema de saúde pública e de maculação dos direitos humanos das mulheres. Em todo o mundo, aproximadamente trinta por cento das mulheres que estiveram em um relacionamento, retratam ter padecido de alguma violência física, ou sexual por parte de seu companheiro. Está constatado em várias pesquisas, que a violência física afeta de forma degradante a saúde mental, física, sexual e até reprodutiva das mulheres, bem como como sua dignidade como ser humano. (OPAS, 2021; INSTITUTO MARIA DA PENHA); (NASCIMENTO, 2019; 2021; LIMA, 2019; MORÉ 2011; MEDEIROS, 2010; MANITA; RIBEIRO e PEIXOTO, 2009; DAHLBERG; KRUG, 2006; LEVY, 2006; SAFIOTI, 2002; SANTOS; AZEVEDO; GUERRA, 2000).

E aí eu mentia e obviamente, muitas vezes eu era pega na mentira, né? Então, aquilo era... eu levei surras, surras mesmo, assim de cinto. Meu pai uma vez me deu uma surra de cinto absurda. Então (pausa para choro), e o que me doía muito (choro). (Danielle)

Porque eu morria de medo, ele batia, ele batia nela. Imagina se ele não ia bater em mim, entendeu? (choro). E eu defendia ela! Então quando ele batia nela, eu entrava na frente, eu quebrei garrafa na cabeça dele. Imagina, tinha treze anos, entendeu? (choro). Cinzeiro, taquei o cinzeiro de vidro que ele tinha, assim, eles não fumavam, mas os amigos fumavam, então tinha que ter cinzeiro em casa. E ele foi prá cima dela, eu não tive dúvida, eu peguei o cinzeiro e taquei nas costas dele com toda força que eu achava que eu tinha, entendeu? Que, que ele fez? Ele largou dela e veio prá cima de mim né? Mas eu preferia eu apanhar, entendeu? (choro), enfim...então, isto foi tudo muito difícil assim, porque eu via ele bater nela, eu via ele bater no meu irmão, ele batia em mim, ele mudou muito, muito muito muito, se você ver o meu pai hoje, você não fala que é a mesma pessoa. (Danielle)

Quanto à narrativa de Geovana, destacaram-se as seguintes falas:

Ela via eu apanhando do meu pai de uma forma muito feia, de me bater, me jogar no chão, me chutar, enforçar e ela não se posicionava. (Geovana)

E com 16, 17, 18 anos, se separaram, eu fiz vários BOs contra ele, eu chamei a polícia porque ele quebrava as coisas e aí teve uma certa distância prá ficar longe de mim na época, e aí aconteceu a separação. (Geovana)

Na sétima categoria emergiu o ciclo da violência doméstica-intrafamiliar, caracterizado por Manita; Ribeiro e Peixoto (2009) como um comportamento de agressividade, mantido em forma de padrão, com o exercício da coerção direta ou indireta sobre os membros que coabitam.

E aí, ele era muito agressivo, ele batia nela, batia na gente, então ela não tinha muito tempo para mim, neste sentido assim, sabe? (...) E eu não me conformava como que minha mãe não separava dele. Eu falava: “Você tem que separar, vamo embora? Vamo embora?” E ela não ia embora, porque tinha aquela coisa da dependência financeira, os outros irmãos e tudo o mais, enfim, então tudo isso, foi bem...bem complicado. (Danielle)

Esta fase foi assim, bem complicada de ver meu pai batendo na minha mãe, e apanhar muito. Essa surra de cinto que eu levei – hahahah, Enfim, mas....teve muita coisa boa também, eu lembro de muita coisa boa. Eu lembro de festas de aniversários, natais, sabe? (Danielle)

Quanto à Geovana, os depoimentos são mais abundantes em relação à violência doméstica intrafamiliar:

Da minha mãe, eu sempre via ela como uma vítima junto comigo talvez por conta do meu pai. (...) sempre muita briga entre meu pai e minha mãe, muita traição, de relacionamento, uma coisa muito baixa mesmo, que eu ficava sabendo na época de coisa que eu nem entendia o que era e eu ouvia tudo. (Geovana)

Minha mãe sempre tentou resgatar o relacionamento, minha mãe sempre teve medo. Na época que a gente tava na Argentina ainda, minha mãe sempre teve muito medo do meu pai fazer alguma coisa comigo, fugir comigo e também tinha uma coisa que ela também falava que não podia se separar porque se não, eu ia ficar ou com ele, ou com minha mãe e que ela não podia sair do país comigo, porque meu pai não ia deixar ela sair do país. Então, que ela foi meio que arrastando esta situação, de uma forma bem tensa a ponto do meu pai deixar a gente prá fora do apartamento por horas, porque ele ficava bravo quebrando as coisas e ele deixava a gente pra fora e ela passava por tudo isso. (Geovana)

Depois eu comecei a perceber que minha mãe não tinha tanto....ela podia se separar, mas ela meio que não queria, ela ficava presa naquilo, não sei porque, ela via tudo acontecendo e não se posicionava, falava uma coisa ou outra, mas não se posicionava (Geovana)

Os estudos sobre violência doméstica concluem que a violência compromete a compreensão da vítima (ou das vítimas, como neste caso), levando ao desenvolvimento de

ansiedade, depressão, autculpa, isolamento, podendo culminar em um processo de renitência apática, o que se consuma num conformismo, numa adaptação à situação de violência e uma adequação ao modelo de conduta do perpetrador (BARROSO FILHO, 2008). Crianças, adolescentes e jovens que vivem em conjunto com suas mães a violência doméstica de gênero, tendem a desenvolver os mesmos sintomas que a vítima principal (SANTOS, MORÉ, 2011), bem como, quando são elas também vítimas diretas da agressão, como nos dois casos aqui estudados, especialmente no caso de Geovana que era alvo principal das agressões físicas acometidas pelo seu pai.

Assim como foi identificado nas narrativas acima, as pesquisas do Instituto Maria da Penha (2021); Nascimento (2019); Morais e Rodrigues (2016); Santos e Moré (2011) mostram que há muitos fatores que mantêm as mulheres em um ambiente de violência. O medo, a manutenção do casamento, expectativas sobre a mudança de atitude do perpetrador, dependência financeira, falta de rede de apoio, pequenos momentos de felicidade que podem sustentar a amenização da situação de violência, são fatores constatados nesta pesquisa e que servem como manutenção do ciclo da violência estendido às filhas.

Um importante achado nesta pesquisa, revelou-se como um fato de serendipidade para as pesquisadoras e que encontra ressonância em alguns estudos que abordam a violência na família, está registrado na transmissão geracional da violência (SANTOS e MORÉ, 2011). No que se pôde constatar, os perpetradores da violência, nas duas famílias das filhas pesquisadas, foram vítimas de seus pais violentos e hostis e entendemos que desdobraram intergeracionalmente as agressões vividas e porque não afirmar, aprendidas?

A oitava categoria identificada é o abuso emocional/psicológico parental em relação as filhas.

A definição de abuso emocional é tida como, atos de omissão e autoritarismo, impresso pelos pais ou pessoas significativas ao abusado e são vistos como prejudiciais, considerando o conjunto de valores de uma comunidade, ou um profissional especialista no tema. Estes atos são perpetrados por uma pessoa em posição de poder, considerando sua idade, intelecto, hierarquia, posição diferenciada em relação ao vulnerável em questão, o que coloca a criança ou o indivíduo em geral, numa situação de vulnerabilidade. (MYERS *et al.* 2001).

Considerada a permeabilidade da violência intrafamiliar, nestes casos perpetrada pelo pai (padrasto no caso de Danielle), vê-se em Martins *et al.* (2007), que para os filhos implicados em processos de violência doméstica, é possível identificar uma violência com

características de abuso do poder disciplinador, de tal forma que os filhos ficam em posição objetificada na relação.

Quanto ao abuso emocional dos pais (padrasto no caso de Danielle), nesta categoria identificamos:

Aí, comecei a comer e meu pai me falava que eu era...hoje eu vejo as fotos e falo: "Caraca, eu não era gorda!" e meu pai me chamava de gorda. Uma vez ele brigou comigo, porque eu tava comendo uma uva. Aí de novo, comecei a fazer escondido de novo, porque daí eu não podia comer, porque se eu comesse, eles me criticavam porque eu tava comendo. (Danielle)

E aí, essa vez, meu pai brigou comigo, eu abri a geladeira e peguei uma uva, uma uva, uma uva Itália, veja, imensa, hahaha e na hora que eu fui morder, eu escutei meu pai passando perto de mim, enfiei a uva na boca, eu "hum". Ele: "Você está comendo?". Eu: "hum", joguei a uva Itália na boca e ele: "O que você tá comendo?" Eu "uma uva". Ele: "Tá vendo? Por isso que você é gorda, que você é imensa, você não pára de comer, você come o dia inteiro". Pergunta se eu consigo comer uva Itália hoje? (Danielle)

E aí a relação com meu pai sempre muito perturbadora, ele não aceitava que eu tinha síndrome do pânico, jogava meus remédios fora. (Geovana)

Meu pai fazia mala e falava que ia embora e deixava a mala na cozinha por meses, falando que ia embora e aquela mala montada e eu sofria, minha mãe sofria, porque na época a gente queria que melhorassem as coisas, né? (Geovana)

(...) que ele me ameaçava de morte, que era prá eu dormir com um olho aberto e outro fechado e eu mostrava pra ela isso e ela num...num...falava nada, fazia nada. (Geovana)

Quanto ao abuso emocional das mães:

Então assim, eu tô tentando me reerguer, eu tô tentando me desvencilhar disso, me ver de fora destas situações, porque isso acaba comigo num grau, que eu me entrego assim, de tipo, de não querer fazer mais nada por mim, de não ser eu mais, sabe? Já pensei em tirar minha vida! (...) no dia que ela falou que eu era uma decepção, que eu era a filha que não deu certo, que não sei o que.... Eu falava: "Cara, presto prá que?" Pra minha mãe eu sou uma decepção, os meus irmãos, com certeza me olham e falam coitadinha da Dani, né? É a que não deu certo! (Danielle)

Quando eu tive COVID? Quando eu tive COVID, minha mãe me tratou, eu parecia um rato. (choro). Foi no ano passado, assim parecia que eu tinha uma doença assim... Eu tava mal, mal, não conseguia falar. (...)E eu estava com COVID, morrendo de cansaço e eu tinha que descer, fazer janta, fazer comida até que minha irmã viu e falou assim: "Cê tá louca? Você não pode fazer!" Mas a minha mãe: "Magina, só colocar uma máscara. Põe a máscara e passa álcool! E se eu tivesse doente? A casa ia parar porque eu tô doente?". Não a casa não pára porque você tá doente, você não tem o direito de parar. Cê entendeu? (Danielle)

(...) tem um mês que tô fazendo dieta, tô subindo na balança e nada, mas as minhas roupas estão ficando largas, algumas pessoas olham pra mim e falam: "Você tá emagrecendo". Então, isso pra mim, já significa que tá começando a dar resultado, né? Aí, o que acontece?

Minha mãe começa a querer me sabotar, entendeu? tipo aí: Mas hoje você vai na academia? Mas hoje eu precisava que você fizesse isso...! Ela: “Ai, mas tá frio, tá chovendo!”. Eu: “mas não chove lá dentro! (Danielle)

(...) E mesmo assim, ela vendo tudo o que ele fazia prá mim de ruim, ela sempre falava que eu gostava mais do meu pai. Eu nunca entendi isso! Que quando eu tentava criar um afeto com meu pai, ela não achava bom, não gostava. Ela ficava com ciúmes, ou achava.... Ela sempre achou que eu ia querer ir pra Argentina com ele. (Nesta fase, já estavam morando no Brasil). Então depois não era nem porque ele queria, depois ela começou a pensar que eu queria ir embora com ele pra Argentina. Eu nunca entendi isso, se ela viu que eu sofria tanto, por que que eu ia querer ir embora com alguém assim? (Geovana)

Então, hoje em dia, com 29 anos, éh.....dos 20 aos 29 anos, eu sinto que o marido dela começou a sair mais, começou a voltar tarde, porque aquela paixão acaba, então.....e aí, ela começa a exigir de mim, uma coisa que é pra exigir teoricamente do marido, que é a minha presença na casa, que é eu ir falar com ela, eh hh dar satisfação o tempo inteiro (Geovana)

Então, eu tô bem, ela podia ficar quieta, mas ela sempre tem alguma coisa pra falar antes de eu sair, alguma coisa ruim, alguma coisa para ela ficar como vítima, pra ela ficar.... Porque ela fala que vai ficar sozinha e tudo isso, então....Até hoje eu sinto que isso é bem forte, nela! (pausa) (Geovana)

Brodski (2010), em sua pesquisa sobre as relações de autoestima e abuso emocional parental, pontua que este tipo de abuso funciona como um padrão repetitivo na relação do cuidador para com a criança e comunica que elas não são importantes, que são deficitárias, indignas de amor, indesejadas, que estão em perigo, além de que só são valorizadas quando atendem às necessidades de outrem. A autora mostra em seus achados internacionais, que o abuso emocional marca profundamente um indivíduo, independentemente de seu nível sociocultural, e que este sofrimento poderá acompanhar o sujeito por sua vida adulta, podendo evoluir para transtornos psicopatológicos, tais como depressão, baixa autoestima, ansiedade, transtornos alimentares, desequilíbrios de cunho sexual, adição às drogas, problemas cognitivos, de memória, assim como, sintomatologias de Estresse Pós-Traumáticos (TEPT).

Os conflitos entre filhos e pais (parentais), impactam significativamente no processo de desenvolvimento global de um jovem, bem como em seu bem-estar emocional. A maneira como os jovens vivem seu ambiente relacional intrafamiliar, é ponto chave para a elaboração de uma estrutura emocional positiva, ou não, com impacto em relações futuras. (MOTA; MATOS, 2013).

A família é um espaço disciplinador, onde se faz necessária a aplicação consciente e adequada de regras para educação e aprendizado dos filhos, mas quando há excessos, desrespeito da individualidade, exercício inadequado do poder, trata-se de uma situação emocional abusiva. Afinal é na família que se estabelece o alimento emocional que atua na

constituição dos fenômenos emocionais / mentais de um indivíduo. (RAZERA; CENCI; FALCKE, 2014).

O controle parental emerge na nona categoria nesta pesquisa. Pôde-se verificar nos relatos das entrevistas, que tanto pais, quanto mães, exerceram e ainda exercem um controle emocional e comportamental sobre as jovens. Colocando a lupa inicialmente na relação mãe-filha, deparou-se com a necessidade de controlar os passos de suas filhas mediante uma postura inquisitiva e invasiva. Pôde-se verificar também que faltam nestas relações, confiança e promoção de liberdade da parte das genitoras para com suas filhas. Se na próxima categoria a ser evidenciada (a negligência), deparou-se com mães que estiveram impossibilitadas de cuidar e proteger suas filhas das agressões, ou ampará-las com relação às suas necessidades na adolescência, observou-se aqui, a necessidade de controle da vida das filhas adultas.

Em Reis e Rabinovich (2006) foi encontrada uma importante discussão sobre as deflagrações emergentes na relação mãe-filha e a demanda das filhas em trilhar um caminho distinto daquele que suas mães trilharam, pois consideram o caminho de suas genitoras negativo e querem viver seus próprios desígnios. A mãe dominadora, pode carregar consigo a intenção de proteger sua progênita, porém avança com o intento de tornar-se dona de seus desejos e pensamentos, objetivando a imposição de um estilo de funcionamento para as filhas, o que impacta na formação e desenvolvimento pessoal como adulta, mulher e indivíduo.

Identificou-se aqui, novamente o que Kublikowski (2012) explicitou como padrões circulares de conflitos nas relações, de forma retroalimentada que se mantêm cotidianamente e que se autoperpetuam.

Ao considerar o processo de diferenciação dos *selves* destas jovens, (um dos focos desta pesquisa), em meio a controles, conflitos e demandas familiares, pode-se transitar pelos estudos e apontamentos de Fiorini; Müller e Bolze (2018), que trazem o dilema da transição do jovem para vida adulta, delineado pelas transformações no sistema de funcionamento familiar. Pensando agora no controle parental completo, as autoras ressaltam a importância dos pais substituírem o controle pelo apoio, pois nesta época da vida, os filhos estão em busca de autonomia para experimentar novas experiências. No momento em que os pais se impelem no controle, alimentam fronteiras difusas dentro do sistema familiar, o que vai contribuir para uma relação de dependência e constante conflito entre o jovem e sua família.

Narrativas quanto ao controle materno:

Então, até ontem, até dois anos atrás, eu tinha um relacionamento, um namorinho assim e tal e eu nem ia falar prá ela: “Ah, mãe eu vou sair e vou pro motel com o A.”. E ela falava: “Ah, aonde vocês foram?” Eu falava prá ela: “Ah, a gente saiu pra jantar”. Ela falava: “Aonde?” Porque ela quer saber tudo, sabe? Até hoje é assim: “Onde? Que horas? O que você comeu? Quanto você pagou?” Tudo ela quer saber, COMIGO! Só COMIGO é assim, tá? (Danielle)

Minha mãe fuça tudo o que é meu, tudo! Ela mexe na minha bolsa, ela mexe...até hoje! Ela mexe na minha bolsa, ela mexe no meu armário, ela mexe na minha mochila da academia. Então, eu sei que seu deixar a minha bolsa alí e for ao banheiro, quando eu voltar, ela já fuçou na bolsa. Entendeu? Demais, demais, ela invade minha vida em todos os sentidos. (Danielle)

Chegou minha fatura do cartão de crédito em casa, minha mãe abriu a minha fatura do cartão de crédito e depois veio me questionar: “Nossa, mas você foi no aeroporto?” O que você foi fazer no aeroporto?” Eu disse: “Quem falou pra você que eu fui no aeroporto?” “Aí, tá na sua fatura do cartão de crédito!” “Você abriu minha fatura do cartão de crédito?”. Ela: “É, eu achei que era do seu pai”. (Danielle)

Liguei no banco: “Pára de mandar a fatura para minha casa”. “Pára de mandar minha conta de telefone para minha casa”. Eu recebo tudo no e-mail porque ela, abria tudo. Ela via para quem eu liguei, antigamente, quando a conta vinha bem discriminadinha, lembra? “Nossa, mas este número aqui eu não conheço”. (Danielle)

(...) qualquer um que chega lá e fala: “Estou saindo”, ela fala: “Tchau filho, vai com Deus, Deus te acompanhe!”. Eu: “Estou saindo”. Ela: “Mas aonde você vai? Nossa, essa hora? Você vai com esta roupa? Você vai com quem? Você vai não sei o que?”. Eu tenho quase quarenta anos? Eu não tenho quarenta, eu tenho 39 anos. E até hoje comigo é assim....com meus irmãos.... igual eu te falei, minha irmã, voltou a morar em casa, então assim, ela simplesmente, pega a bolsa e sai. (Danielle)

Quando eu tinha síndrome do pânico, 16, 17 anos, eu sentia que pra ela era muito confortável eu ficar em casa sem ver meus amigos, sem sair, então, ela não teve que encarar a minha adolescência de uma forma muito pesada e difícil pra ela, porque eu acho que ela até sentia confortável isso. (Geovana)

Quando eu vou sair, ela fica falando se eu vou sair pra usar drogas, se eu vou....sempre que eu vou sair, é sempre um empecilho, alguma cara que ela faz, ela começa a falar que ela vai ficar sozinha na casa, então, éh....muito difícil em alguns momentos eu me libertar disso (...)(Geovana)

Éh...faculdade tudo bem também, namoro tudo bem, amigos que ela tem um pouco mais de problema, porque nem todos meus amigos são iguais a mim assim, tem suas particularidades, e ela fica insistindo muito pra eu não me encontrar com alguns certos amigos porque ela acha que eu vou, talvez ter uma atitude que não deveria com eles. Então, em relação de amigos, ela fica muito pegando no meu pé. Ela quer saber com quem eu to andando, quem eu to conhecendo e muitas vezes, quando eu vou sair com eles, ela implica um pouco. Éhh...mesmo conhecendo quem é, parece que ela implica mesmo assim, mesmo sabendo quem é a pessoa. (Geovana)

Narrativas quanto ao controle paterno:

Quando eu tive meu primeiro namorado, meu pai não falava nem o nome dele, eu tinha 16 anos. Quando eu apresentei o primeiro namorado né? porque eu já tava beijando na boca (estalos de dedos) hahahahaha, a muito tempo. Comecei cedo, eh, mas acho que comecei cedo e errado também por conta disto, porque eu era muito fechada, então, eu queria...eu tinha ânsia de fazer acontecer, de me divertir, eu não podia, então, eu tinha que fazer escondido. (Danielle)

(...)aí, quando veio pro Brasil, ela já tinha mais poder, já tinha a família perto dela, mas mesmo assim, ela tinha muito medo de deixar eu sair, não deixava eu ficar sozinha porque meu pai falava que se acontecesse alguma coisa comigo era culpa dela, porque no Brasil tinha muito sequestro, então ela sempre me segurou muito quanto a isso. Éh, isso foi uns 12 a 14 anos, 15. (Geovana)

Na décima categoria, foi encontrada a negligência das progenitoras para com suas progêntas.

Segundo o dicionário virtual Michaelis, o termo “negligência” define-se como:

1 Falta de vigilância; descuido, desídia, desleixo. 2 Sentimento de que alguém ou alguma coisa não merece sua atenção ou respeito; desatenção, desinteresse, menosprezo. 3 Falta de iniciativa; indolência, inércia, preguiça: Sua negligência no trabalho vai lhe custar o emprego. ETIMOLOGIA *lat negligentia*. (MICHAELIS, s/d)

Pontua-se que a violência não está delineada somente em atitudes de agressão física devastadora, mas pode também ser encontrada em gestos menos proeminentes, igualmente degradantes e comprometedores, tal como a negligência direcionada a um filho(a). (PINTO, 2008). Dentre as diversas formas de abuso, maus-tratos e violência contra a criança, encontra-se a negligência, que pode ser expressa em forma de rejeição, desinteresse dos pais para com um filho, falta de comunicação dos cuidadores, o que pode gerar na criança, sentimentos de menos valia, falta de amor e cuidados. (GOMES, 2015).

Em acordo com Magalhães (2002 *apud* Gomes 2015, p.22): Os maus-tratos passivos referem-se a toda e qualquer omissão ou escassez de cuidados que comprometem o bem-estar da criança, e neles se incluem as situações de negligência.

Ao considerar que parte dos relatos das filhas entrevistadas, trazem consigo situações de suas infâncias e adolescências, pôde-se conferir alguns pontos relevantes.

Segundo a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece que:

Art. 4º- É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo único - A garantia de prioridade compreende: a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;

Art. 5º- Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. (BRASIL, 1990).

Sabe-se que estas mães foram vítimas em conjunto com suas filhas e que ambas, vivenciaram juntas, a violência que as aprisionaram em um sistema transpassado pela agressão física, psíquica, emocional. Viu-se também em Levy e Macedo (2016), que a violência doméstica, do ponto de vista sistêmico, é circular e todos os envolvidos num sistema violento, são retroalimentados em uma parceria abusador-vulnerável. Mesmo diante desta compreensão, não se pode fechar os olhos para a negligência cometida a estas filhas, ainda que se considere a impossibilidade das vítimas em deixar de ser parte do ciclo da violência doméstica. (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2021).

É possível inferir dos relatos abaixo, os indicadores de maus-tratos passivos, em forma de negligência e falta de cuidados e proteção com a criança.

E quem me ajudou, foi a escola. A minha mãe não me ajudava, meu pai não me ajudava, porque eles não tinham tempo prá mim. Mas a cobrança era absurda né? Porque ai de mim, se tirasse uma nota vermelha. Ai de mim, se num... e eu consegui, eu e a escola e nem repeti de ano. (Danielle)

Meu pai uma vez me deu uma surra de cinto absurda. Então (pausa para choro), e o que me doía muito (choro), a minha mãe, ela não me defendia, tipo assim, eu tava com uma idade onde eu olhava pro meu pai padrasto e dizia, você não é meu pai, entendeu? E ele não era meu pai. Lógico que era né? Ele me criou desde quatro anos de idade, enfim, mas o que me doía muito (voz com choro), é que eu olhava prá minha mãe, tipo esperando que ela pudesse me defender, entendeu? (choro). E ela nunca me defendeu, muito pelo contrário, ela dizia assim: “Vai se resolver com teu pai”. “Ah, você fez isso e isso, você vai ver na hora que seu pai chegar”. Então, meu pai sempre foi a ameaça mor, assim, entendeu? (Danielle)

(...) eu nunca tive ninguém prá sentar comigo para conversar sobre sexo, entendeu? Sobre corpo, nunca tive. Então, era aquela história que você tirava suas dúvidas, conversando com as amigas, né? Mas a minha mãe, nunca conversou comigo, nunca, nunca, nunca, nunca e até hoje isso é muito tabu. Então, às vezes a gente brinca em casa e ela é daquele tipo assim, “Nossa, mas vocês estão falando sobre sexo? ”. “Nossa, vocês estão falando...”, entendeu? (Danielle)

Ela via eu apanhando do meu pai de uma forma muito feia, de me bater, me jogar no chão, me chutar, enforçar e ela não se posicionava, então, hoje em dia eu tenho muita mágoa por conta disso. Porque eu acho que se ela me ama, se ela tem um filho, eu achava que ela ia tomar uma atitude de me defender de alguma outra maneira e não só falar na hora da briga alguma coisa e pronto, tá tudo certo. (Geovana)

Eu mostrava pra ela o que ele tava fazendo comigo, que ele me ameaçava de morte, que era pra eu dormir com um olho aberto e outro fechado e eu mostrava pra ela isso e ela num... num... falava nada, fazia nada. (Geovana)

Na décima primeira categoria foi percebida a possibilidade de restauração na relação com os pais agressores.

Nesta categoria, pôde-se constatar a restauração da relação entre Danielle com seu padrasto e uma tentativa de restauração entre Geovana e seu pai, porém esta última, sem sucesso devido a conduta inquietante de seu pai por meio da tentativa de trancá-la no apartamento (*sic*).

Seria possibilidade de reabilitação destas relações, um intento de perdão ou de reconciliação entre ambos, pais e filhas? Como mostra Teixeira (2017), o perdão é uma concepção imersa em complexidade, suggestionado por aspectos intra e interpessoais. Desta forma, há que se considerar que o ato de perdoar seja singular de indivíduo para indivíduo, pois o ato do perdão requer uma deliberação voluntária, pelo que é possível, e dependendo do caso infrator-vítima, o findar deste processo seja a conclusão de não perdoar. (TEIXEIRA, 2017).

O interesse pelo processo do perdão, cresceu nos últimos anos à medida que pesquisadores e médicos, identificaram a importância para manter o bem-estar emocional, a saúde física e o que é intrínseco às relações saudáveis. (TEIXEIRA, 2017; FINCHAM *et al.*, 2006)

Frank Fincham⁹ um destacado estudioso sobre perdão e conflitos nos relacionamentos, defende que uma das definições comuns sobre perdão traz a concepção de uma mudança na qual o indivíduo se torna menos motivado a pensar, sentir e se comportar de forma negativa em relação a seu agressor e alega que o perdão não é algo que o agressor goza de direito e sim, é uma atitude concedida à ele. (FINCHAM *et al.*, 2006).

⁹ NOTÍCIAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA FLÓRIDA. A FONTE OFICIAL DE NOTÍCIAS DA FLORIDA STATE UNIVERSITY Especialista: Frank D. Fincham. Disponível em: <https://news.fsu.edu/experts/frank-d-fincham/> Acesso em: 02 mar. 2022.

Ao pesquisar sobre a reconciliação das relações com foco no perdão, depara-se com as diversas definições de perdão e em Fincham *et. al.* (2006), encontra-se que há conceitos confundidos com o perdão, que navegam na esfera da desculpa, esquecimento, reconciliação e aceitação. O autor mostra que perdão é contrastivo com a negação, com o esquecer (*forgetting*) e a com a reconciliação (restauração que é um processo em díade), sendo este último de suma importância, pois muitos acreditam que é um importante elemento do perdão. Apesar das relações poderem continuar após uma agressão, isso não significa que o ato fora perdoado. Em contrapartida, a sentença voltada para o término da relação, não impede que a díade se perdoe de forma mútua, porém o perdão pode tornar a reconciliação presumível. (FINCHAM *et al.*, 2006).

No processo de análises e reflexões do presente estudo, questionou-se se a mudança de comportamento do pai de Danielle a levou ao perdão de seus atos agressivos e abusivos e com isso chegou-se à restauração desta relação.

(...) até esta minha amiga lá do adventista, foi a primeira pessoa que me deu “oi” na escola e continua minha amiga até hoje, ela vivenciou isto tudo, ela viu muita coisa, ela tava comigo as vezes, em casa, entendeu? E ela chama meu pai de Tio P. e Tia P. Ela fala assim: “É inacreditável o quanto que seu pai mudou né?” Eu falo assim: “Graças a Deus né?”. (Danielle)

Aí o meu pai foi na minha casa, eu nunca tive uma relação muito boa com meu pai, também, por tudo né? que aconteceu. Daí, ele sentou comigo e falou, vamos conversar: “A sua casa tá lá, seu quarto, sou seu pai, sua mãe também tá lá, na hora que você disser pra mim, eu preciso de ajuda, eu vou ser o primeiro a tá aqui!”. “Mas eu não posso deixar você desistir sem tentar, porque se amanhã ou depois, você se arrepender, você vai dizer, “puta, eu nem tentei”. “e a dor de não ter tentado, é maior do que de não ter tentado é maior do que tentar e não conseguir!”. Meu pai falou isto pra mim! Então, quando, ele teve essa conversa comigo, eu falei: Caraca.... sabe, assim? E foi a partir do momento que eu tive, há nove anos, que a minha relação com meu pai mudou muito! Depois que veio o G. E aí, o meu pai mudou como pessoa, a nossa relação mudou muito, então hoje, se eu disser assim, eu preciso de colo, eu vou atrás do meu pai. É ele que vai me dar o colo, entendeu? (Danielle)

Assim noventa e cinco por cento das vezes, é ele que me dá o colo. Igual ontem, eu tava brincando, eu saí do banho e tava sem chinelo, descalça, aí eu disse assim: “Ah deixa eu ir lá, calçar um chinelo, antes que eu leve uma bronca né? porque eu tô sem chinelo. Ele: “Aí, pelo amor de Deus, quer que eu pegue prá você? Onde é que está seu chinelo? Sabe, tipo assim, ele me protege, de certa forma, da minha mãe. A relação mudou muito! Muito, mudou muito a relação depois que veio o G., entendeu? E depois que eu me separei do J., quando eu decidi separar, quem me ajudou foi meu pai, minha mãe também me ajudou muito, mas o meu pai.... meu pai, meu pai queria pegar o J. de porrada! (Danielle)

Meu pai é o pai do G. hoje, entendeu? Ele assumiu muito isso. Miiiiiiima, que é uma desgraça! Mas também, na hora que tem que dar umas broncas, ele dá umas bronquinhas, mas ele me respeita! Então assim, se eu falo que eu não quero que o G. beba deste copo, eu quero que ele beba deste, meu pai jamais vai pegar este e vai dar pra ele. Vai dar o que eu mandei. A minha mãe, vai pegar o que eu não quero. Ele respeita, cê entendeu? Então, mudou muito assim, a relação. (Danielle)

No caso da Geovana, viu-se esse intuito de sua parte, porém a restauração não ocorreu devido interferência da mãe (que neste caso, considerando o nível, intensidade e longos períodos de agressão do pai para com a filha, a mãe a protegeu indiretamente):

Que quando eu tentava criar um afeto com meu pai, ela não achava bom, não gostava (...).(Geovana)

Então aí, eu não queria ver minha mãe mal e também não queria me aproximar muito do meu pai em outro sentido, porque minha mãe ficava brava. (Geovana)

Foi possível observar nos relatos de Geovana na linha do tempo, a tentativa de restauração da relação com o pai. Aos vinte e sete anos, ela retornou à Argentina, com uma amiga, para uma visita ao pai, com o objetivo de tentar resgatar esta relação e alega ter tido uma experiência horrível:

(...) achei que ele ia me “encerrar” no apartamento, senti como se estivesse lidando com um psicopata. Eu consegui pegar a minha mala e me livrar dele. O apartamento me trouxe lembranças ruins. (Geovana)

Geovana teve naquela ocasião, mais uma crise de pânico, que ela considera que foi muito forte e não conseguia voltar para o Brasil (*sic*). Relata que cortou relações com seu pai e o bloqueou no celular. Após certo tempo, desbloqueou o pai no celular, mas não responde mais suas mensagens, pois entende que ele a manipula e coloca toda culpa do que aconteceu, em sua mãe. Relata que sua mãe sentiu medo desta viagem. (Informações adquiridas ao construir a linha do tempo).

Parece que Geovana não perdoou seu pai por tantas agressões, contudo, esta relação não foi restaurada, o que de certa forma, isso pode ser visto como forma de proteção e encerramento do ciclo da violência vivida por ela na relação com seu progenitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que este Estudo de Casos Múltiplos cumpriu sua vocação, ao permitir compreender, a partir de sistemas singulares, a dinâmica de processos familiares, que se traduziu nas onze categorias analisadas e discutidas. Sabemos que estudos de casos não permitem generalizações, por este motivo ao atuarmos como coconstrutoras de significados da realidade das participantes, ressaltamos a peculiaridade de cada estudo.

Ao lançarmos mão das ferramentas que contribuíram para construção deste estudo, contamos com as análises dos genogramas que graficamente nos mostraram a transmissão geracional da violência, a repetição de padrões familiares, a hostilidade, o abuso emocional e as conflagrações na forma de funcionar destas famílias. Cada processo identificado no Genograma, conversa com os resultados analisados e interpretados nas entrevistas semiestruturadas e se encerram, corroborados pela Linha do Tempo, que organiza cronologicamente a biografia de cada filha e a participação de cada membro de suas famílias, todos embasados na literatura referenciada.

Em acordo com o Pensamento Sistêmico, aqui apresentado com base na escola bowleriana, pudemos evidenciar o impacto da diferenciação do *self* na vida destas mulheres-filhas, vítimas em conjunto com suas mães, de violência intrafamiliar. Vemos este eixo identificado em nossos objetivos de pesquisa e constatados nos resultados desta investigação, ao percebermos que estas filhas seguem seus caminhos empenhadas em encontrar um lugar próprio, individual, porém com dificuldades ainda expressas em suas relações familiares, afetivas e de carreira.

Podemos afirmar, sustentadas pela teoria e pela prática da pesquisa qualitativa, especificamente pautada em estudos de casos múltiplos, que a não diferenciação do *self* entre mães e filhas, tem impacto nas mais diversas esferas da vida de uma mulher, sendo que este impacto se estende para o comprometimento da autoestima e para o fusionamento com o outro, quando não se é reconhecido e confirmado na própria existência por aqueles que nos são significativos.

Inclinando nosso olhar para a transmissão geracional da violência, podemos observar e constatar, que o que estes pais receberam de seus ascendentes, foi transmitido para seus descendentes, tanto quanto esta violência permeou horizontalmente estas famílias nucleares de forma recursiva, retroalimentada no estilo de funcionar sistemicamente em família.

No que tange ao ciclo da violência, constatamos o aprisionamento destas mães nestas relações, tal como nos mostram os estudos sobre violência perpetrada contra a mulher,

embasadas nas pesquisas, aqui já apresentadas. Estas mães permaneceram em seus lares regados por agressões, devido à esperança de mudanças em seu contexto, falta de rede de apoio, medos relacionados ao tema da maternidade, ao lugar da mulher fora do matrimônio. Podemos também identificar que estas mães, assim como na relação com suas filhas, ficaram fusionadas em seus relacionamentos conjugais por intermédio do conflito, o que pode justificar o desdobramento da violência psicológica, da negligência e no não reconhecimento da individualidade de suas filhas como um “legítimo outro”. (MATURANA, 2004).

Outro conceito que surge atrelado ao Pensamento Sistêmico e que tem seu bojo em pesquisas sobre famílias, é o processo de padrão de repetição. Em nossos achados, há consonância entre os resultados obtidos e a literatura sobre o tema, tanto quanto a própria repetição dos fatos e atos familiares ascendentes na família nuclear, como, no controle parental junto às suas filhas, justamente por medo da repetição daquilo que entendem como experiência negativa própria. Identificamos nesta categoria duas vertentes, aquela repetição descendente, que traz identidade às famílias e a repetição dos fatos dolorosos, limitantes, expressos mediante comportamentos com características cerceadores da liberdade de escolha destas filhas.

No tocante aos conflitos na relação mães-filhas, encontramos a racionalidade que se sustenta nos conceitos da Psicologia Sistêmica Familiar, que se inicia justamente na não diferenciação do *self*, tanto de mães quanto de filhas, que se instala na triangulação, transita pelo fusionamento, por meio da conflagração destas relações parentais e filiais, desagua em controle parental, negligência das genitoras em relação às necessidades de suas progêntas e culmina em abuso emocional e pertencimento familiar por intermédio de desacordos, contendas e hostilidades recursivas na forma de funcionar em família.

Ao considerar relações positivas e de restauração em uma das participantes, entre onze categorias que retratam violência, hostilidade, sofrimento e conflitos, não podemos deixar de abordar e ressaltar o valor das reconciliações, podendo estas se manifestarem na representação do perdão. Neste caso, temos a expressão tanto de relações positivas, quanto de reconciliação, evidentes na biografia de Danielle. Ainda que Danielle tenha retornado à casa dos pais após o término de seu casamento, por meio do convite de seu pai e não por sua iniciativa, instaurou-se aí, uma renovação desta relação que um dia foi permeada por desrespeito, violência emocional e física, uma nova possibilidade de ser. Outro aspecto que culminou com a restauração desta significativa relação, foi o nascimento do filho de Danielle, que já chega na família investido por responsabilidades advindas das projeções familiares e seus legados. Podemos observar nos relatos da participante, que seu padrasto se aproximou com a proposta

de acolhimento e ajuda após este nascimento, o que ao que consta, esta boa relação perdura atualmente.

Pensando na possibilidade do perdão por parte de Danielle, existem concepções confundidas com perdão, que trilham o caminho da desculpa, esquecimento, reconciliação e aceitação. Independente do perdão, a reconciliação se dá em forma de díade, e esta se faz mister no processo de elaboração do perdão. Como não sabemos se o padrasto de Danielle se vê devedor nesta relação (que acreditamos ser retroalimentada, considerando o papel de cada membro, sistemicamente no ciclo da violência), estamos considerando aqui, uma restauração do ponto de vista da vítima. Fica aqui, uma reflexão de Ricoeur (2005, p.7) sobre o perdão, na qual ele afirma que “o perdão é mais do que uma simples palavra, é acima de tudo, porque a primeira relação que temos com ele consiste não em exercê-lo, ou dá-lo, mas em pedi-lo. O perdão é o que se pede primeiramente a outrem ...”.

Pensando em perdão propriamente dito, podemos levar nossas reflexões para os envolvidos em relações marcadas pela violência, os quais não têm necessariamente consciência do que estão semeando e colhendo, logo podemos ou não contar com a possibilidade de reconciliação / perdão em uma relação, em que pode não haver completa consciência da implicação da violência em suas vidas.

Danielle viveu relações positivas e afetivas na convivência com seu avô paterno, seus irmãos e na atualidade com seu filho, estas relações são dignas de atenção e consideração quando pensamos em seu esforço pela busca de se “reerguer”, como ela mesma coloca em seus relatos. Geovana não relata a vivência de relações afetivas positivas. Pudemos observar de Geovana, tanto durante a entrevista, como na análise dos dados, receio e retração nas relações ao nos contar sua história, ela trouxe as informações de forma objetiva e sucinta, o que nos ofereceu a imagem de um certo desassossego gerado pelo reviver desses episódios.

Neste sentido, os estudos de caso indicam que há impacto no processo de diferenciação do *Self* de jovens filhas em relações de conflagração com suas genitoras, agravadas pela violência doméstica intrafamiliar. Cabe aqui, retomar a questão do perdão, que pode ser uma forma de regeneração das relações familiares, a caminho do crescimento e desenvolvimento humano, essencialmente, quando há consciência dos fatos e atos violadores da harmonia, respeito e direitos de ser o que e quem se quer ser.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M.A.; Guerra, V. N. (Orgs.). *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 2000.
- BADINTER, E. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 8 ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- BAKMAN, G. *et al.* Busca de recursos terapêuticos na clínica com famílias em situação de violência intrafamiliar e de gênero. In: MACEDO, R. M. S. (Org.). *Terapia Familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Roca, 2008. pp. 499 a 504.
- BARROSO FILHO, J. *Migalhas*. Migalhas de peso. O perverso ciclo da violência doméstica contra a mulher afronta a dignidade de todos nós. 25 de março de 2008. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/56674/o-perverso-ciclo-da-violencia-domestica-contr-a-mulher---afronta-a-dignidade-de-todos-nos>. Acesso em: 22 dez. 2021
- BERTALANFFY, L. von. *Teoria geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. 1969. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 360p.
- BORGHETTI, R.; LECH, M. B.; MARTINS, P. C. R. *Casamento e família de origem: lealdade invisível*. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v 18, n 1, p.5-11, 2001.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. *Revista sobre la infancia y la adolescencia*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 78-90, 2010.
- BOWEN, M.; ANDOLFI, M.; DE NICHILLO, M. *De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. 1979. Edição digital. Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1991.
- BOWEN, M. *De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Buenos Aires: Paidós, 1991.
- BOWEN, M. *Family therapy in clinical practice*. 1978. New York: Jason Aronson, Reimpressão 2016.
- BOWEN, M. *Family therapy in clinical practice*. Jason Aronson. 1993. Edição Digital. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=4689064&pid=S1679-494X202000010000700002&lng=pt. Acesso em: 15 ago. 2021.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>. Acesso em: 31 Jan. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos *Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013*. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm Acesso em: 28 fev. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *LEI Nº 13.104, DE 9 DE MARÇO DE 2015*. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm. Acesso em: 28 fev. 2022.

BRODSKI, S. K. *Abuso emocional: suas relações com autoestima, bem-estar subjetivo e estilos parentais em universitários*. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. (000760983). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26809/000760983.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 dez. 2021.

CANTOR, C.Y; PRICE, J. Traumatic entrapment, appeasement and complex post-traumatic stress disorder: Evolutionary perspectives of hostage reactions, domestic abuse and the Stockholm syndrome. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, v. 41, p. 377-384, 2007.

CARTER. B; MCGOLDRICK, M. *Mudanças no ciclo de vida Familiar: uma estrutura para terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CEVERNY, C. M. O. *A Família como modelo - desconstruindo a patologia*. 2. ed. Campinas: Editora Livro Pleno, 2011, p.31, 42, 45, 51.

CERVENY, C.M.O. *Relações triangulares: dois é bom, três é demais?* Curitiba: Juruá, 2016.

CERVENY, C.M.O. *O livro do genograma*. São Paulo: Roca, 2014.

COLOMBO, S. F. e equipe dos Sistemas Humanos. Mães e filhas, uma pesquisa sobre a transmissão do feminino. In: MACEDO, R. M. S. (Org.). *Terapia Familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Roca, 2008. pp. 598-607.

CORREIA, F; MOTA, C. P. Ambiente familiar e qualidade da vinculação amorosa: Papel mediador da individuação em jovens adultos. *Análise Psicológica*, v 34, n. 1, p.15-29, 2016.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 86, 296.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 11, p. 1163-1178, p.1166, 2006.

D'ALLONNES, C. R. *et al.* Os procedimentos clínicos nas ciências humanas. *Documentos, Métodos, Problemas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. e cols. *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.15-41.

DORNELAS, K. C. A.; GARCIA, A. O relacionamento entre mãe e filha adulta: um estudo descritivo. *Interação em Psicologia*, v. 10, n. 2, p. 334, 2006.

FINCHAM, Frank D.; HALL, Julie; BEACH, Steven RH. Forgiveness in marriage: Current status and future directions. *Family Relations*, v. 55, n. 4, p. 415-427, 2006.

FIORINI, M. C.; MÜLLER, F. G.; BOLZE, S. D. A. Diferenciação do self: revisão integrativa de artigos empíricos internacionais. *Pensando famílias*, v. 22, n. 1, p. 146-162, 2018.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, v. 14, n. 28, p.139-152, 2004. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/paideia/a/MmkPXF5fCnqVP9MX75q6Rrd/abstract/?lang=pt> Acesso em: 15 ago. 2021.

GIDDENS, A. *O mundo em descontrolado*. O que a globalização está fazendo de nós. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMES, C. *Maus tratos: A negligência parental e a proteção social dos menores*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6630/1/DM_Ana%20Gomes.pdf. Acesso em: 22 dez. 2021.

GUIGINSKI, J.; WAJNMAN, S. A penalidade pela maternidade: participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 36, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Estudos e pesquisas*. Informação demográfica e socioeconômica. Estatísticas de gênero indicadores sociais das mulheres no Brasil, 2. ed., n. 38. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf Acesso em: 28 fev. 2022.

KVALE, S.; BRINKMANN, S. *Interviews: learning the crafts of Qualitative Research Interviewing*. London: Sage, 2009.

KERR, M. E.; BOWEN, M. *Family Evaluation: An Approach Based on Bowen Theory*. New York: W.W. Norton and Company, 1988.

KERR, M. E. One family's story-a primer on Bowen theory. Versão eletrônica. Washington, DC: Bowen Center for study of the family. Goergetown Family Center, 2003.

KROM, M. *Famílias e Mitos: prevenção e terapia: resgatando histórias*. São Paulo: Summus, 2000.

KUBLIKOWSKI, I. Família e Terapia Familiar: origens e percursos. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (Org.). *Família e...: intergeracionalidade*. 1. ed, v. 3. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. pp. 195-235.

KUBLIKOWSKI, I. Adolescência estendida ou adultez emergente? A passagem para a vida adulta e o ciclo vital da família. In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. (Orgs.). *Adolescentes e adolescências: família, escola e sociedade*. Coleção Família e desenvolvimento humano, 1 ed., v 1. Curitiba: CRV, 2018. pp.145-165.

KUBLIKOWSKI, I. Estudo de caso e pesquisas em Psicologia Clínica. In: MACEDO, R. M. S.; KUBLIKOWSKI, I.; MORÉ, C. L. O. O. (Orgs.). *Família e Comunidade - Pesquisa qualitativa no contexto da família e comunidade: experiências, desafios e reflexões*. Curitiba: CRV, 2018. cap. 2, pp. 25-42.

LEVY, S. J. Cansados de guerra: um estudo clínico sobre a coautoria na violência familiar. 2005. 219f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LIMA, C.T.C. *Reflexos da violência doméstica contra a mulher em seus filhos: uma visão sistêmica*, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/5029;jsessionid=94D75D348D5BC6E2D2708E0F90F3435>. Acesso em: 15 ago. 2021.

LISPECTOR, C. Le Monde.fr - Edição Global. Disponível em: <https://www.dicocitations.com/pensamentos/citacao/12840.php>. Acesso em: 22 dez. 2021.

MACEDO, R.M.S. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? *Cadernos de Pesquisa*, v 91, p. 62-68, 1994.

MACEDO, R.M.S. Genograma origens e usos. In: CERVENY, C.M.O. O livro do genograma. São Paulo: Roca, 2014. pp. 3-11.

MANFREDINI, A.M. N.; CERVENY, C.M.O. Relationships with money throughout the family life cycle. 2019. *Paris Internacional Academic Conference*, v. 1, p. 4-33, 2019.

MANITA, C., RIBEIRO, C. & PEIXOTO, C. Violência doméstica: compreender para intervir - Guia de boas práticas para profissionais das forças de segurança, 2009. p. 10. Lisboa: CIG. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55356/2/DissertaoCincias%20Forenses.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2021.

MARTINS, C. S. *et al.* A dinâmica familiar na visão de pais e filhos envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v 15, n 5, p. 889-894, 2007.

MARTINS, E. M. D. A.; RABINOVICH, E. P.; SILVA, C. N. Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. *Psicologia USP*, v 19, n 2, p.181-197, 2008.

MATURANA, H. R. *Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado a democracia*. São Paulo: Ed Palas Athena, 2004.

MEDEIROS, M. N. *Violência conjugal: repercussões na saúde mental de mulheres e de suas filhas e seus filhos adultos/os jovens*. 2010. 251f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MELO, B. D. *et al.* (Org.). *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: violência doméstica e familiar na COVID-19*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. Cartilha. 22 p. Disponível em:

<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41121/2/Sa%3%bade-Mental-e-Aten%3%a7%c3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-viol%3%aancia-dom%3%a9stica-e-familiar-na-Covid-19.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MICHAELIS. *Negligência*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/neglig%C3%Aancia/>. Acesso em: 01 fev. 2022.

MINUCHIN, S. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MORAIS, M. O.; RODRIGUES, T. F. Empoderamento feminino como rompimento do ciclo de violência doméstica. *Revista de Ciências Humanas*, n. 1, 2016.

MOTA, C. P.; MATOS, P. M. Conflitos interparentais e individuação em jovens adultos portugueses: papel dos conflitos de lealdade. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, v 29, n 3, p. 267-276, 2013.

MURRAY, B. *De la família al individuo*. Barcelona: Paidós, 1991.

MYERS, J. E. B. *et al.* (Eds.). *The APSAC handbook on child maltreatment*. 2 ed. Sage Publications, Inc

NAGY, B. I; SPARK, G. M. *Lealtades Invisibles: Reciprocidade em terapia familiar intergeracional*. 2 ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2017.

NASCIMENTO, I. I. D. *Ela não apanha porque gosta: uma análise do ciclo de violência doméstica contra a mulher através da Síndrome de Estocolmo, tendo por último ato o cometimento do Femicídio*. 2019. Disponível em:

<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13810>. Acesso em: 22 dez. 2021.

NOGUEIRA, L. M. L. O.; HENNING-GERONASSO, M. C. *Casal e famílias de origem: uma possível relação na dependência emocional da mulher*. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0521.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2020.

ORTOLAN, M. L. M. *et al.* A relação mãe-filha em “sonata de outono”: considerações psicanalíticas. *Analytica: Revista de Psicanálise*, v 6, n 11, p. 205-222, 2017.

OTTO, A. F. N.; RIBEIRO, M. A. Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. *Pensando famílias*, v. 24, n. 1, p. 79-95, 2020.

PACOLLA, M. K. *Leitura e diferenciação do mito*. São Paulo: Ed. Summus, 1994.

- PELLEGRINI, P. G. *et al.* Diferenciação do adulto jovem: um estudo de caso em atendimento familiar. *Pensando famílias*. Porto Alegre, v. 19, n. 1, jun. 2015.
- PINTO, D.C. O perigo pode estar em casa: uma visão sistêmica da violência doméstica na infância. In: MACEDO, R. M. S. (Org.). *Terapia Familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Roca, 2008. pp. 466-478.
- PRETO, M.; MOREIRA, P. A. S. Auto-regulação da aprendizagem em crianças e adolescentes filhos de vítimas de violência doméstica contra mulheres. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v 25, p. 730-737, 2012.
- RAZERA, J.; CENCI, C.M.B; FALCKE, D. Violência doméstica e transgeracionalidade: um estudo de caso. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 6, n. 1, p. 47-51, 2014.
- REIS, L. P. C.; RABINOVICH, E. P. O fantasma da repetição e a relação mãe/filha. *Journal of Human Growth and Development*, v. 16, n. 3, p. 39-52, 2006.
- REIS, L. P. C.; RABINOVICH, E. P. O fantasma da repetição e a relação mãe/filha. *Journal of Human Growth and Development*, v. 16, n. 3, p. 39-52, 2006.
- RICOEUR, Paul. O perdão pode curar. Paul Ricoeur e a simbólica do mal. Porto: Edições Afrontamento, p. 35-40, 2005.
- RIZO-MARTINEZ, L. E. The Stockholm syndrome: a systematic review. *Clínica y Salud*, Madrid, v. 29, n. 2, p. 81-88, 2018. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S113052742018000200081&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 10 jan. 2022. <https://dx.doi.org/10.5093/clysa2018a12>.
- RIZO-MARTÍNEZ, L. E.; DUEÑAS-MORENO, L.; SANTOYO-TELLES, F. El Síndrome de Estocolmo en Mujeres Mexicanas Víctimas de Violencia de Pareja. *Anuario de Psicología Jurídica*, v. 30, p. 55-62, 2020.
- RODRIGUES, C. M.; KUBLIKOWSKI, I. Os pais e a transição do jovem para a vida adulta. *Psico*, v. 45, n. 4, p. 524-534, 2014.
- ROSSI, C. *Os impactos dos programas condicionais de transferência de renda na oferta de trabalho dos jovens nem-nem*. 2017. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2017. Doi:10.11606/D.11.2017.tde-15082017-182203. Acesso em: 29 mar. 2021.
- SANTOS, A. C. W. D.; MORÉ, C. L. O. O. Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. *Psicologia: Ciência e profissão*, v. 31, p. 220-235, 2011.
- SAFFIOTI, H. I. Violência doméstica: questão de polícia e da sociedade. *Gênero e Cidadania, Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero*. Campinas: Unicamp, p. 59-69, 2002.
- SILVA, M. J. A.; RIBEIRO, M. F. R; BITTAR, D. As problemáticas na diferenciação entre mães e filhas: um estudo de caso. *Estilos da Clínica*, v. 24, n. 3, p. 471-481, 2019.

SILVA, E. C. P. *O silenciamento da violência conjugal contra a mulher: um estudo de caso na cidade de Cachoeira, Bahia*. 2009. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA, Brasil. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/1542/1/DISSERTACAOELISANGELASILVA.pdf> . Acesso em: 22 dez 2021.

STAKE, R. E. *Multiple case study analysis*. New York: Guilford Press, 2006.

TEIXEIRA, Ana Isabel Mendes. O perdão nas relações diádicas de intimidade. *Psicologia. pt, Portal dos psicólogos*, 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1147.pdf>. Acesso em: 22 dez 2021.

VASCONCELLOS, M. J. E. *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. 11 ed. Campinas, SP: Papirus, 2018.

YIN, R. K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso Editora, 2016, p.28.

YIN, R. K. *Case study research. design and methods*. 3 ed. Thousands Oak: Sage, 2014.

WALTERS, M. *et al. La Red Invisible: pautas vinculadas al género e las relaciones familiares*. Barcelona: Padiós, 1996.

WALSH. F. *Processos Normativos da Família: diversidade e complexidade*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

WATZLAWICK, P; BEAVIN. J. H; JACKSON, D. D. *A pragmática das Relações Humanas: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix, 2007.

WIENER, N. Cybernetics. *Scientific American*, v. 179, n. 5, p. 14-18, nov. 1948.

APENDICE 1 - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADA

Nome: _____ idade: _____

Data da entrevista: __/__/__

Infância:

- 1) Conte-me como foi sua vida dos dos 0 aos 14 anos? (tudo o que lembrar e que for relevante para você)

Adolescência:

- 2) Conte-me como foi sua vida dos 14 aos 21 anos? (tudo o que lembrar e que for relevante para você)

PSICOLOGIA CLÍNICA**Juventude – transição para vida adulta:**

- 1) Conte-me como foi sua vida dos 21 aos 28 anos (tudo o que lembrar e que for relevante para você)
- 2) Conte-me como foi sua vida dos 28 aos 35 anos? (**somente uma participante está nesta faixa etária**)
- 3) Conte-me como foi sua vida dos 35 a até hoje? (**somente uma participante está nesta faixa etária**).

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, LUCIANA FERREIRA, Mestranda pela Pontifícia Universidade Católica de SP, estou desenvolvendo a pesquisa - Relações entre mães e filhas em contexto de violência doméstica e o impacto na diferenciação do *self*: um olhar sob uma perspectiva intergeracional, orientada pela Profa. Dra. Ida Kublikowski.

Gostaria de convidá-lo (a) a participar desta pesquisa, cujo objetivo é entrevistá-la para obtenção de informações sobre sua relação com sua mãe, bem como os benefícios e conflitos, que podem ter impactado em seu processo de amadurecimento pessoal.

Para tanto serão utilizadas entrevistas semiestruturadas, que por meio de perguntas e respostas permitem compreender os significados do fenômeno da relação mãe-filha na experiência de cada participante, bem como, a aplicação de Genograma e Linha do tempo.

Cabe ressaltar que os procedimentos acima descritos são de baixo risco. No entanto, estaremos atentos para eventuais desconfortos que serão atendidos pelo pesquisador.

Não haverá nenhuma compensação financeira ou benefício direto pela participação no estudo. No entanto benefícios podem ser gerados, pois os procedimentos acima referidos permitem a cada participante uma reflexão em torno da experiência em foco, além do estudo poder gerar benefícios para outras pessoas que estejam vivenciando a mesma situação.

O sigilo em torno da sua identidade e a sua privacidade ficam garantidos por esse termo. A recusa em participar da pesquisa não implicará em nenhum prejuízo ao participante.

O pesquisador coloca-se à disposição, a partir da defesa da dissertação de Mestrado, para informar os resultados obtidos. O encontro poderá ser marcado pelos telefones abaixo especificados. Os resultados também ficarão disponíveis na Biblioteca Central da PUC-SP Biblioteca Nadir Gouvêa Kfoury - BNGK, e poderão ser divulgados para fins acadêmicos. O presente consentimento foi emitido em duas vias, sendo que uma ficará em poder do pesquisador e a outra com o participante.

Quaisquer dúvidas referentes a questões éticas envolvidas na pesquisa poderão ser sanadas com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP- <https://www.pucsp.br/cometica>, sito à Rua Monte Alegre, 984, Perdizes - São Paulo - SP CEP: 05014-901, Fone: (11) 3670- 8000 (PABX).

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, portador do RG _____.

declaro:

- Haver compreendido os objetivos da pesquisa “Relações entre mães e e o impacto na diferenciação do self: um olhar sob uma perspectiva intergeracional”, inclusive os riscos envolvidos;
- Haver compreendido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer consequência para minha pessoa;
- Haver concordado com a gravação em áudio dos procedimentos, com o compromisso do pesquisador de que as fitas serão guardadas sob sigilo por 5 anos pelo pesquisador;
- Haver autorizado a divulgação e publicação dos dados obtidos para fins de ensino e pesquisa, com a garantia de sigilo em torno de minha identidade.

Assinatura do participante

Fone:

Pesquisador Responsável: Luciana Ferreira

RG: 27.796.855-0

Fone: 11 – 97387-1554

e-mail: Luciana@LFStuff.com.br

LUCIANA FERREIRA

Assinatura

ANEXO 1 - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Relações entre mães e filhas em contexto de violência doméstica e o impacto na diferenciação do self: um olhar sob uma perspectiva transgeracional (Provisório)

Pesquisador: Luciana Ferreira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 50435721.7.0000.5482

Instituição Proponente: Fundação São Paulo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.981.336

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica (PEPG em PCL), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de LUCIANA FERREIRA , sob a orientação da Profa. Dra.

Ida Kublikowski

As informações citadas, no corpo do presente PARECER CONSUBSTANCIADO, nos campos: Apresentação do Projeto; Objetivo da Pesquisa; & Avaliação dos Riscos e Benefícios; foram extraídas do arquivo PDF denominado: "[Relações entre mães e filhas e o impacto na diferenciação do self: um olhar sob uma perspectiva transgeracional

Informações" resultado do preenchimento das 6 (seis) etapas do processo de submissão do presente PROTOCOLO DE PESQUISA via sistema integrado nacional Plataforma Brasil.

O supracitado documento informa que "A maternidade surge imersa em imagens idealizadas de amor, perfeição, bondade, dentre outros adjetivos positivos. No entanto, observamos na prática clínica em certos casos, conflitos nesta relação. A presente pesquisa visa analisar essas relações conflituosas, a partir da perspectiva da filha, com relação ao impacto no processo de diferenciação do self da mesma.

Em processo terapêutico, foi possível observar o sofrimento das filhas proveniente de relações problemáticas com suas mães, que despertaram o interesse em compreender este fenômeno. Para tanto, lançaremos mão do método qualitativo de pesquisa, delineada por meio de estudo de casos múltiplos e desenvolvida com a utilização de entrevistas semiestruturadas, genograma e linha do tempo. A análise de informações se dará por meio de um olhar que releva a transmissão intergeracional de padrões, pois de uma perspectiva sistêmica reconhecemos que comportamentos sintomáticos se constituem por sua participação em padrões circulares, que podem se autopetuar.

Metodologia de Análise de Dados:

As entrevistas serão gravadas na Plataforma Zoom e transcritas. Para análise e interpretação dos dados, será utilizada a metodologia do ciclo das cinco fases, indicado por Yin (2016): (1) compilar, (2) decompor, (3) recompor, (4) interpretar e (5) concluir, (de acordo com a figura 1), as quais nos aprofundaremos em cada uma a seguir. 1) Compilar os dados, consiste em colocar as informações em alguma ordem que ajude a ter uma visão ordenada e clara sobre os dados levantados, nasce aqui, uma base de dados. 2) Decompor, significar esmiuçar os dados em fragmentos menores. Os dados podem ser codificados, separados e divididos para uma análise apurada destes. Esta fase é dinâmica e pode ser bidirecional conforme mostra a figura abaixo. 3) Recompor, denomina-se pela fase em que é possível trabalhar rearranjos e recombinações das informações de forma gráfica, listada e/ou tabuladas. 4) Interpretar, utiliza-se o material decomposto para construir uma nova narrativa em direção à uma parte analítica fundamental dos dados. 5) Concluir, exige extração e conclusão de todos os dados expostos e analisados até aqui.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Qual é a visão de maternidade, filiação e família que essas jovens constroem em suas relações familiares; Objetivo Secundário:

O papel da relação mãe filha no processo de diferenciação do self das participantes

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Não se aplica ou baixo risco. No entanto, estaremos atentos para eventuais desconfortos que serão atendidos pelo pesquisador.

Benefícios:

Contribuir para que terapeutas, Psicólogos e interessados nas relações mães filhas, possam obter mais conhecimentos a respeito

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O trabalho encontra-se em boa fase de desenvolvimento; é bem estruturado e bem escrito; prenuncia resultados bastante contributivos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados a contento, conforme orienta a Resolução CNS/MS nº 510/2016, Resolução 16/2000 do Conselho Federal de Psicologia, os Regimento e Regulamento Internos do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP e o Manual Ilustrado da Plataforma Brasil, disponíveis para consulta no site: www.pucsp.br/cometica

Recomendações:

Nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado Sem Pendências e Lista de Inadequações, portanto, somos de parecer favorável à aprovação e realização do projeto de pesquisa em tela.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO_1776138.pdf	16/06/2021 13:33:29		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Luciana_Proj_Final_UV.pdf	16/06/2021 13:32:10	Luciana Ferreira	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Parecer_PU_Luciana.pdf	16/06/2021 13:30:40	Luciana Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TLC_Maio_21.pdf	16/06/2021 13:21:04	Luciana Ferreira	Aceito
Justificativa de Ausência	TLC_Maio_21.pdf	16/06/2021 13:21:04	Luciana Ferreira	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto_PB_Assinada_Luciana_PC.pdf	16/06/2021 13:18:42	Luciana Ferreira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 16 de Setembro de 2021

Assinado por:

Antonio Carlos Alves dos Santos(Coordenador(a))